

REVISTA

NUMERO 34 . ANO 6 - JUNHO DE 2024

# ENIGMAS

## O MUNDO INTRATERRENO

Uma história surpreendente que deixará muitos perplexos pela abundância de evidências de que não estamos sozinhos na Terra...apenas arranhamos a superfície.



# COLÉGIO DOS MAGOS

Desde 1977  
promovendo o despertar da  
consciência através do  
desenvolvimento psíquico.

As lições, frutos de  
décadas de pesquisa e  
estudo, oferecem ao aluno  
todo o suporte teórico e  
prático.

Colégio dos Magos  
Caixa Postal 90.004  
25620-971 Petrópolis/RJ

<http://www.colegiodosmagos.com.br>  
[colmagos@gmail.com](mailto:colmagos@gmail.com)

# POR QUE AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS NO BRASIL SÃO PROIBIDAS?

Era uma manhã nublada quando André de Pierre recebeu uma carta misteriosa, marcada apenas com um símbolo antigo que ele reconheceu imediatamente: o selo da Ordem dos Guardiões do Intraterreno. A carta, escrita em pergaminho, trazia um aviso urgente para que ele interrompesse suas escavações na Serra do Roncador, no Mato Grosso. “Por favor, André Pierre, não siga adiante. Aqui jaz a entrada para o mundo intraterreno, e seu segredo deve ser protegido a todo custo.”

Intrigado e um pouco cético, André decidiu investigar. Ele e sua equipe estavam há semanas no local, desenterrando artefatos que sugeriam a existência de uma civilização antiga e avançada, muito além das conhecidas pelas histórias tradicionais. As lendas locais falavam de uma cidade de ouro escondida nas profundezas da terra, um reino habitado por seres de sabedoria inigualável e tecnologia além da imaginação.

Conforme se aproximavam do que parecia ser a entrada de uma vasta caverna, André não podia deixar de sentir uma estranha energia no ar. Seu assistente, Cláudio, apontou para uma inscrição na parede: “Aquele que adentrar sem permissão, despertará os guardiões do desconhecido.” André sabia que esta-

vam prestes a fazer uma descoberta que poderia reescrever a história da humanidade.

Ao entrarem na caverna, a equipe encontrou um túnel que se aprofundava na terra. As paredes eram lisas, como se tivessem sido esculpidas por uma tecnologia desconhecida. Luzes suaves emanavam de cristais incrustados nas paredes, iluminando o caminho com um brilho etéreo. Após horas de caminhada, chegaram a um grande portal, guardado por estátuas de figuras humanoides com olhos penetrantes de pedra.

De repente, um som profundo ecoou pela caverna, e as estátuas começaram a se mover. Cláudio gritou, mas André estava determinado a seguir em frente. Ele apresentou a carta que havia recebido, e para sua surpresa, as estátuas recuaram, abrindo caminho. O portal se abriu lentamente, revelando uma cidade magnífica, iluminada por um sol artificial. A arquitetura era diferente de tudo que já haviam visto, com edifícios de cristal e metal brilhante.

À medida que exploravam a cidade, encontraram seres humanoides que os saudaram com curiosidade e hospitalidade. Esses habitantes do mundo intraterreno explicaram que viviam ali há milênios, isolados do

mundo da superfície para proteger seus conhecimentos e avanços. Disseram que ocasionalmente visitavam a superfície, influenciando civilizações antigas e deixando pistas de sua existência.

André e sua equipe passaram semanas aprendendo com os intraterrenos, documentando tudo o que podiam. Porém, sabiam que essa descoberta deveria permanecer em segredo para proteger a paz e a harmonia do mundo intraterreno. Ao retornarem à superfície, juraram manter o segredo e proteger a entrada da caverna, compreendendo finalmente por que as pesquisas arqueológicas no Brasil eram, por vezes, proibidas.

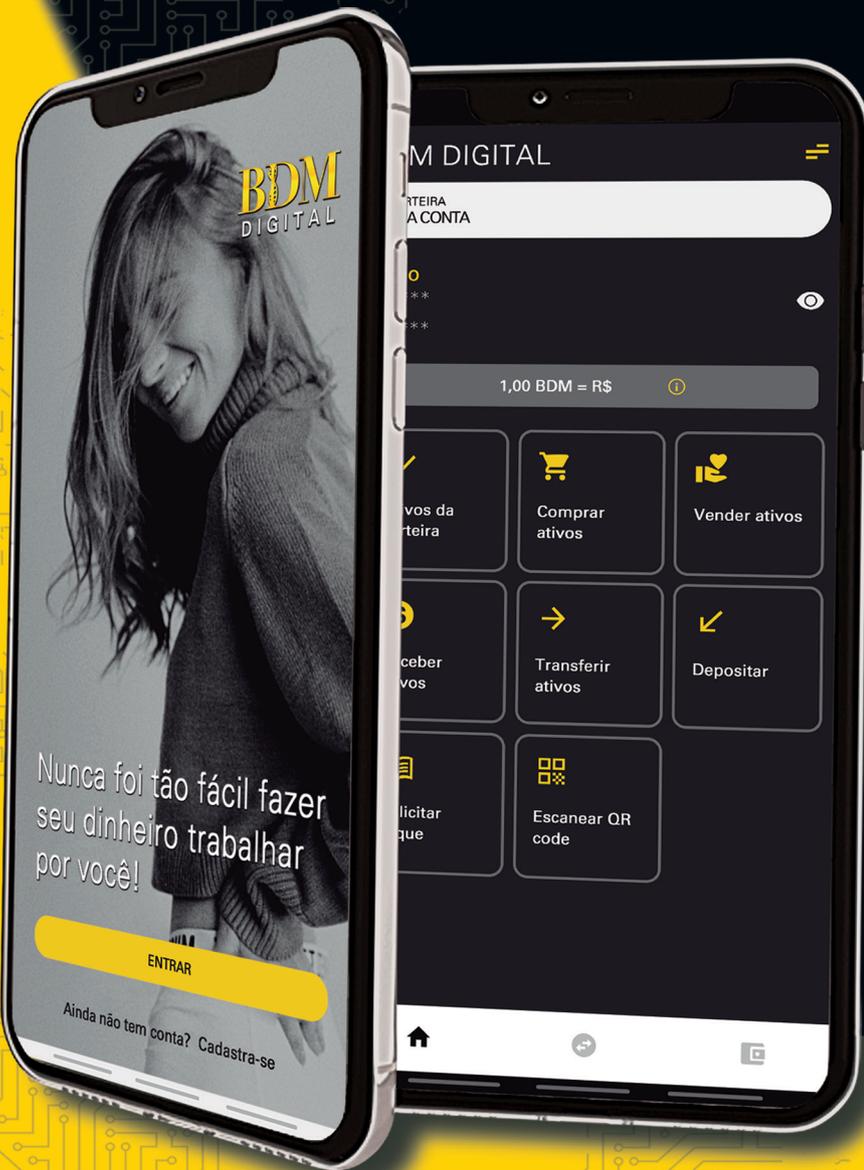
Assim, a lenda do mundo intraterreno permaneceu viva, alimentando histórias e mitos, enquanto a verdadeira história aguardava pacientemente, escondida nas profundezas da Terra.



ANDRÉ DE PIERRE  
Editor e historiador

# JÁ BAIXOU O NOVO APP?

# BDM DIGITAL



**NUNCA FOI  
TÃO FÁCIL  
FAZER O SEU  
DINHEIRO  
TRABALHAR  
POR VOCÊ!**

**BDM É O MEIO DE PAGAMENTO QUE VALORIZA!**  
Ideal para o seu negócio e para a sua vida.

Para mais informações utilize o Chat disponível  
em nosso site ou ligue: (67) 99900.9991

**INSTALE AGORA**  
ESCANEE O QR CODE AO LADO  
É RÁPIDO, FÁCIL E SEM CUSTO!



JUNTE - SE A NÓS: [BDMERCANTIL.COM.BR](http://BDMERCANTIL.COM.BR) | [@BDMERCANTIL](https://www.instagram.com/BDMERCANTIL) [f](https://www.facebook.com/BDMERCANTIL) [y](https://www.youtube.com/BDMERCANTIL) [t](https://www.twitter.com/BDMERCANTIL)

# URANO EM TOURO E A AGENDA 2030

O movimento dos planetas pelos signos dão o tom da temporada que coletivamente iremos vivenciar.

Touro é um signo ligado a materialidade, a energia monetária, ao business, aos alimentos, agronegócio, as terras e riquezas naturais entre outros significados.

Urano é um planeta que simboliza as mudanças radicais, a inovação, tecnologia, rupturas e desagregação dentre muitos outros símbolos.

Seu trânsito dura em média 7 anos em cada signo, e sua visita em Touro será de 15/maio/2018 até 26/04/2026; a última vez foi em 1935-1942.

A implementação de uma nova direção que atinge a humanidade é feita aos poucos, de modo a induzir as pessoas a aceitá-la e não foi diferente com relação a alimentação que tem como pano de fundo a mudança do sapiens sapiens orgânico para o transhumano.

Tudo começou com a Revolução Verde nos anos 70 com a modernização da agricultura em escala global, adotando os insumos químicos como fertilizantes e agrotóxicos (que hoje são chamados de defensores agrícolas) e com as sementes geneticamente modificadas, tendo sido o tomate o primeiro em 1994 e a soja em 1995 e de lá para cá atingindo vários alimentos.

Devido a esta modernidade o campo passou a ter altos custos para o pequeno agricultor que acabou vendendo suas terras para os grandes produtores, além do desemprego por conta da mecanização e modernização de técnicas provocando êxodo rural.

Foi a primeira forte intervenção na agricultura familiar, além do que os alimentos transgênicos passaram a mexer com a estrutura orgânica na saúde humana

gerando alergias que também foram provocadas pelos venenos como aditivos, corantes, estabilizantes e toda sorte de 'beneficiamento' dos grãos que cada vez mais deixaram de ser consumidos de forma integral e in natura.

O movimento ganhou força nos anos 90 com a 'verdade inconveniente' de Al Gore e ficou mais agressiva desde que Urano ingressou em Touro (2018), com a proposta do NETzero (taxa zero de carbono) desconsiderando que o próprio ser humano é feito de carbono.

As mudanças climáticas são o bastião desta nova etapa a ponto de rigorosas imposições cheguem ao produtor com altíssimos impostos, burocracia, restrições de uso de combustível e fertilizantes, inviabilizando a produção.

Isso desencadeou o maior protesto dos agricultores já visto na Europa, que estão sendo proibidos de terem seu gado por conta dos puns das vacas, a ponto de que na Holanda o governo determinou o extermínio das suas vacas leiteiras.

Estão provocando uma escassez artificial dos alimentos em nome desta agenda; em Oregon e Idaho (USA), estão fechando pequenas fazendas familiares porque é proibido o uso de água subterrânea para a produção agropecuária, de aves e ovos e frutigranjeiros, impondo que só podem usar água de chuva e nem mesmo podem utilizar seus poços privados, detalhe: não há falta de água.

A taxa de carbono se estenderá para o uso da água e do ar, conseguiram monetizar a natureza.

As tais carteiras climáticas são perversas, por exemplo: se um país tem sua floresta, outros comprarão a taxa de carbono dela, que continuará sendo daquele país, mas o uso, extração e benefício dela será de direito de

quem comprou a taxa, e não do país dono da floresta que vai virar o 'proprietário'.

O primeiro item da quarta revolução industrial é o uso de novas matérias minerais como grafeno, lítio, manganês, silício, nióbio (muito para nanosensores para desenvolver IA, carros elétricos), além do dinheiro programável para que tenha prazo de validade para que não se acumule patrimônio...tudo em nome do seu 'bem-estar'.

Nosso país está aderindo a esta Agenda 2030 cujo lema é "você não terá nada e será feliz".

O descaso com a calamidade no Rio Grande do Sul, um dos maiores PIBs do Brasil com a agricultura, é um exemplo do quanto o atual governo está comprometido com políticas para a transição sustentável, sendo que a emissão de gás carbônico no Brasil é de 3%, enquanto que USA é de 11% e da China 23%.

Por que então estamos neste pacto?

Urano em Touro está sinalizando uma radical mudança na troca substancial do humano com a terra que é o alimento e isso porque robôs não precisarão de comida, de ar puro ou água potável.

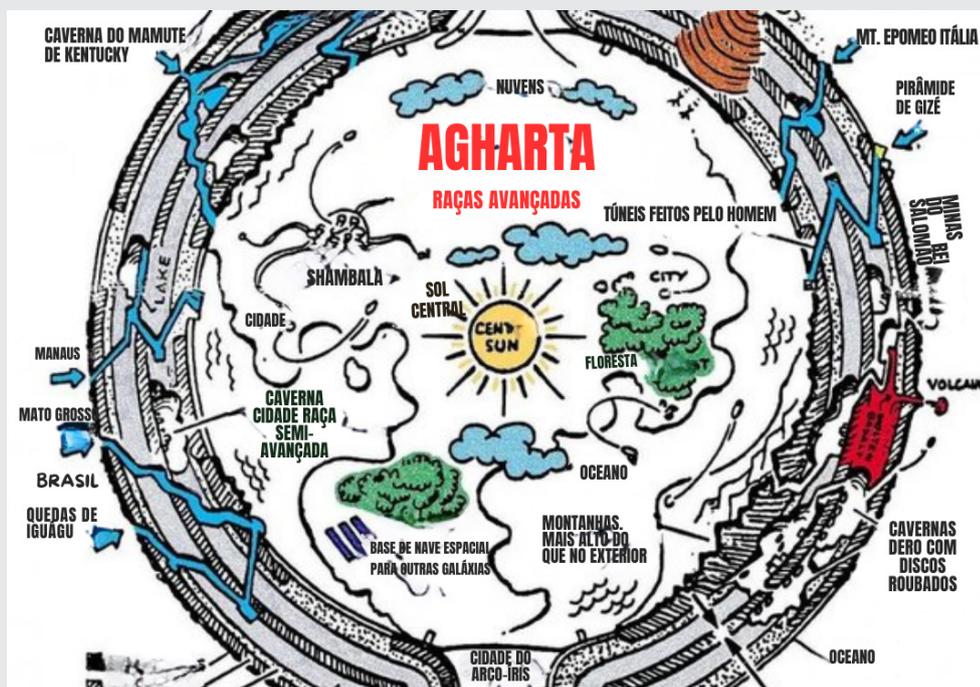
A humanidade está sendo excluída desta nova transição e como num transe as pessoas não se apercebem da gravidade da situação.

"O meu povo foi destruído porque lhe faltou conhecimento."

Oséias 4:6



JÚNIA CAETANO  
Astróloga e pesquisadora



## PLANETA TERRA O MUNDO INTRATERRENO

Uma história surpreendente que deixará muitos perplexos pela abundância de evidências de que não estamos sozinhos na Terra...apenas arranhamos a superfície.

ANDRÉ DE PIERRE | 38

# SUMÁRIO



### PODER FEMININO

A influência e controle das mulheres nas sociedades secretas.

MARA SPERLE | 12



### OLÍMPIADAS

A convergência das trevas na cidade luz.

CLÁUDIO SUENAGA | 20



### APOCALIPSE

Descrições em livros religiosos antigos e povos ancestrais, prevendo os dias atuais e a explícita ligação de fenômenos da Ufologia e paranormais ligados aos eventos do inevitável Apocalipse da sociedade humana atual.

RICARDO MARCEL | 58

CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR



NÚMERO

33



ÚLTIMA  
EDIÇÃO

# PESQUISAS DOS CAMINHOS DE PEABIRU EM SANTA CATARINA



**SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA • SANTA CATARINA**

*Pesquisa em Santa Catarina em maio de 2024.*

Para os ávidos pesquisadores, interessados na história da humanidade e desenvolvimento das sociedades ao longo dos séculos, com certeza em algum momento se deparou com o termo “Peabiru”, “São Tomé” ou trilha dos “Tupiniquins”, um extenso complexo de estradas formadas por pedras e com a presença de uma gramínea popularmente conhecida como puxa-tripa.

Esses caminhos chamados de Peabiru tem recebido uma atenção especial após a popularização das pesquisas sobre uma gigantesca civilização que existiu em meio a Amazônia, surgindo inúmeros interessados com a intenção de reavivar essas trilhas espalhadas por todo o

continente sul-americano, como tradicionalmente difundido por historiadores. Mas há um grupo brasileiro de pesquisadores, responsáveis pela descoberta dos indícios da civilização denominada Ratanabá, que afirmam que estes caminhos ultrapassam as fronteiras dos continentes.

O grupo Dakila Pesquisas vem percorrendo há mais de 30 anos, desbravando os segredos destas estradas que são as mais antigas do mundo, registrando informações, símbolos e averiguando os verdadeiros trechos de Peabiru, aqueles que sobreviveram aos avanços das civilizações pelos milênios. Com o uso de equipamentos para leituras do solo e subsolo, como o LiDAR (Li-

ght Detection and Ranging) e do GPR (Ground Penetrating Radar), que captam através de feixes ópticos e ondas eletromagnéticas sinais de estruturas, que são impossíveis de identificar apenas observando com os olhos, Dakila vem ampliando a curiosidade e também o interesse do público em revitalizar de forma turística e cultural os “Caminhos de Peabiru”.

Acompanhe como foi a última incursão realizada no estado de Santa Catarina para a verificação destes importantes caminhos.

**Etapas Santa Catarina • Maio 2024**

A Equipe de pesquisadores de Dakila continua expandindo suas expedições pelo Brasil e no últi-

mo mês de maio se dedicaram a percorrer algumas cidades no estado de Santa Catarina, com o objetivo de mapear os caminhos de Peabiru. A equipe liderada pelo Presidente de Dakila Urandir Fernandes de Oliveira, acompanhado dos pesquisadores Fernanda Lima, Fernando Andreazza, Larissa Kautzmann, Luciana Castelo Branco e Maria Paula Cunha seguem catalogando, estudando e levantando os dados para refazer o mapa da malha viária mais antiga do mundo que ligava todos os continentes, aproximando culturas e pessoas de todo o planeta.

De fato, os caminhos históricos, como a antiga rota de Peabiru, continuam a conectar pessoas e culturas até hoje. É interessante destacar que a colaboração de vários pesquisadores além da população local, tem sido fundamental para o êxito das pesquisas de Dakila, permitindo que as equipes possam visitar e investigar locais de interesse com mais precisão e profundidade.

Além disso, essa colaboração demonstra a importância da valorização da história e da cultura regional e a vontade das pessoas de ajudar a preservar e entender o patrimônio e suas raízes históricas. Assim, os caminhos antigos se tornam uma fonte de inspiração para o presente e futuro, permitindo que as pessoas continuem a se conectar através do tempo e espaço.

A equipe desembarcou em Florianópolis no dia 05

(cinco) de maio e seguiu de carro até a cidade na Serra Catarinense de Coxilha Rica.

No dia seguinte pela manhã, iniciaram o reconhecimento da região sendo guiados por Roberio Bianchini, empresário local que desenvolve a região levando turistas e mostrando a rica história que a cidade guarda.

A Coxilha Rica fica situada entre os municípios brasileiros de Lages e Capão Alto, abrangendo cerca de 100 quilômetros quadrados de zona rural em uma planície elevada a mais de 1.000 metros acima do nível do mar. O termo “coxilha” refere-se às características onduladas e extensas do terreno na região.

Conhecida como a primeira via terrestre de ligação entre o sul e o sudeste do Brasil, a Coxilha Rica foi parte do Caminho das Tropas, traçado no século XVIII. Essa rota era percorrida por tropeiros que conduziam o gado do Rio Grande do Sul até São Paulo (Sorocaba) e o sul de Minas Gerais. Além disso, na região, encontram-se importantes rios como o Pelotas, Pelotinhas, Penteadado, Lajeado Bonito e Lava-Tudo.

Preservando sua história e patrimônio, a Coxilha Rica ainda mantém mais de 100 quilômetros de corredores de taipa (muros de pedra) em bom estado de conservação. Segundo Tibério, a história conhecida é que esses corredores foram construídos por es-

cravos, indígenas e peões com o propósito de evitar a dispersão do gado transportado pelos tropeiros. A região tornou-se um entreposto natural ao longo dos séculos, conectando Sorocaba (SP) a Viamão (RS) e servindo como local de encontro com os taipeiros, que mantêm a tradição do ofício de construção de muros e edificações em pedra, transmitida de geração em geração.

A equipe pôde comparar as taipas mais antigas e as taipas construídas até hoje sob encomenda, por taipeiros locais, percorrendo os caminhos das tropas em dois pontos diferentes conferindo detalhes importantes para a pesquisa, observando o posicionamento dos caminhos, possíveis traços de pavimentação, marcações e pedras posicionadas em pontos específicos. Todos esses aspectos fazem parte dos estudos.

No dia 07 de maio de volta a Florianópolis os pesquisadores se reuniram com a equipe de associados locais que já estão visitando, há alguns meses, pontos estratégicos. Eles também encontraram, guias, pesquisadores e historiadores de diversas regiões de Santa Catarina para trocar informações e conhecimento. Entre eles o professor e guia de turismo Marcos Vinícios Pagelkopf e o antropólogo e escritor Adnir Ramos, ambos com vasto conhecimento sobre os locais onde existem vestígios dos caminhos de peabiru e sítios megalíticos



Pesquisa em Santa Catarina em maio de 2024.

ligados à Ratanabá.

O último dia das pesquisas foi na cidade de São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã em Santa Catarina. A apenas 32 km da capital, o município com menos 4.000 habitantes ainda mantém atrativos turísticos ligados à natureza, sendo um deles o Caminho de Tropas que possibilitava a ligação de diversas cidades incluindo Florianópolis e Lages. No trajeto de um pouco mais de 1 KM, foi identificado o pavimento original em pedras característico de Peabiru assim como um possível mini silo.

Esta etapa em Santa Catarina foi finalizada com a divulgação das pesquisas de Dakila no podcast Pé na Areia apresentado pelo empresário Tauan de David diretamente de Florianópolis e em seguida no programa Alô Turismo do jornalista Carlos Magagnin em Balneário Camboriú.

“Muito antes de montar todo o centro de pesquisas em Mato Grosso do Sul

(sede de Dakila Pesquisas), nós já tínhamos trabalhado há muito tempo em todo o litoral, desde São Paulo até Santa Catarina, onde tem as estradas mais bem preservadas e longas. Essa estrada para nós é um presente, por que vamos saber o que aconteceu no passado remoto e para nós isso é muito importante, porque essas pesquisas nos direcionaram para vários pontos no Brasil, como a Amazônia. Fomos também na Turquia, Peru, Bolívia, Grécia, Egito e diversos outros países por conta das descobertas dos Caminhos do Peabiru, que tinham informações que direcionavam para vários pontos no mundo” – Urandir F. de Oliveira (trecho da entrevista do programa Alô Turismo).

A equipe já tem a previsão de voltar à Santa Catarina para registrar outros pontos no estado que já foram identificados pelas equipes locais. Como verificado anteriormente, a região sul do Brasil e o litoral de São Paulo são locais onde os caminhos

de Peabiru se encontram muito bem conservados, com indícios ainda intactos apontando para locais que fazem parte de todo o complexo de Ratanabá.

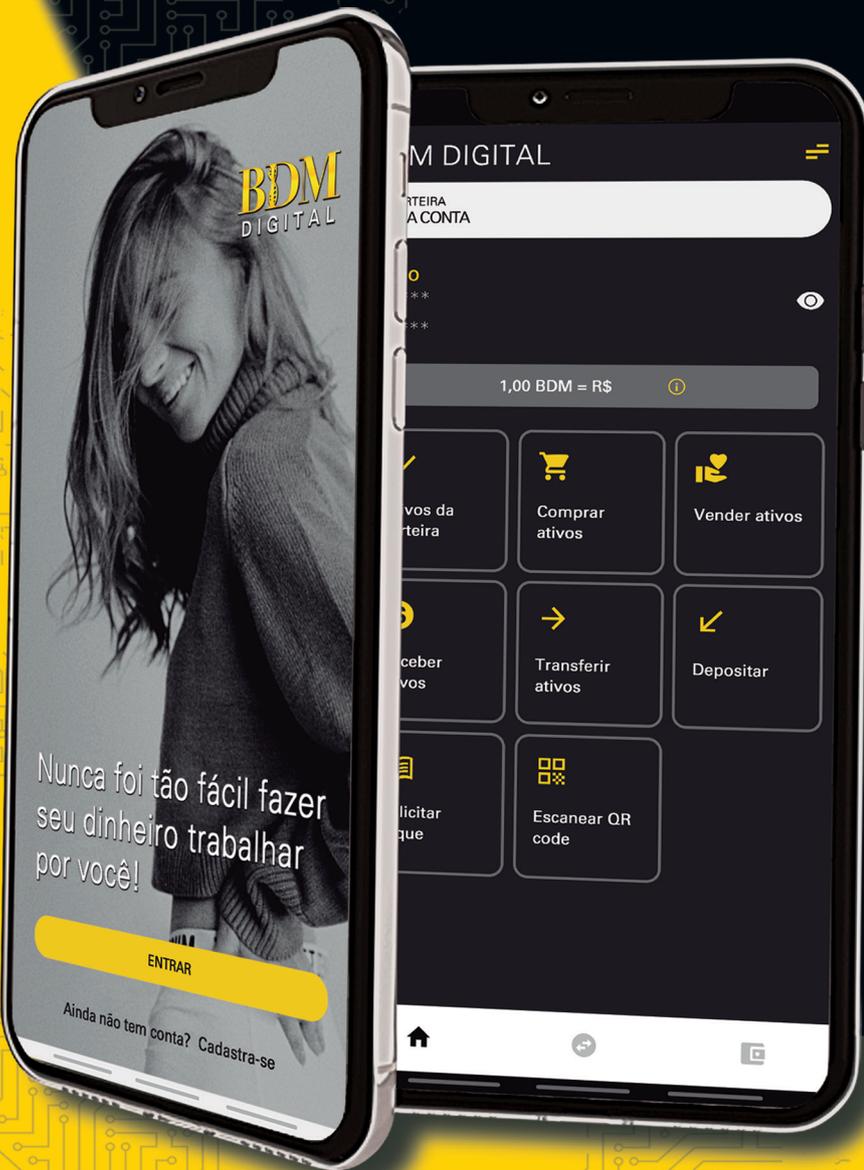
Presencie cada um dos passos das pesquisas pelos canais oficiais de Dakila Pesquisas e Ratanabá, onde são postadas todas as etapas das incursões de forma inédita, proporcionando aos seguidores o acompanhamento imediato de tudo o que ocorre no dia a dia das investigações. É história sendo atualizada “ao vivo” através da utilização das ferramentas digitais, estando ao alcance de todos!

**Dakila Pesquisas:**  
[dakila.com.br](http://dakila.com.br) | [@dakilapesquisas](https://www.facebook.com/dakilapesquisas) (Facebook, Instagram, TikTok, X, Threads, YouTube e Canal no WhatsApp)

**Ratanabá:** [ratanaba.com.br](http://ratanaba.com.br) | [@ratanaba](https://www.instagram.com/ratanaba) (Instagram) | [@ratanaba.oficial](https://www.facebook.com/ratanaba.oficial) (Facebook, TikTok, X, Threads e YouTube)

# JÁ BAIXOU O NOVO APP?

# BDM DIGITAL



**NUNCA FOI  
TÃO FÁCIL  
FAZER O SEU  
DINHEIRO  
TRABALHAR  
POR VOCÊ!**

**BDM É O MEIO DE PAGAMENTO QUE VALORIZA!**  
Ideal para o seu negócio e para a sua vida.

Para mais informações utilize o Chat disponível  
em nosso site ou ligue: (67) 99900.9991

**INSTALE AGORA**  
ESCANEE O QR CODE AO LADO  
É RÁPIDO, FÁCIL E SEM CUSTO!



JUNTE - SE A NÓS: [BDMERCANTIL.COM.BR](http://BDMERCANTIL.COM.BR) | [@BDMERCANTIL](https://www.instagram.com/BDMERCANTIL) [f](https://www.facebook.com/BDMERCANTIL) [y](https://www.youtube.com/BDMERCANTIL) [in](https://www.linkedin.com/BDMERCANTIL)

POR MARA BRUNO SPERLE

## ILLUMINATI FEMININA

Um mergulho em temas profundos de mitologia e espiritualidade. Um confronto entre luz e escuridão. Descobertas e eventos que servem para iluminar aspectos da condição humana. A influência e controle das mulheres nas sociedades secretas.

---



*Pendragões - um rei do Graal não poderia ser rei sem uma Rainha Dragão.*

O tema Illuminati Feminina explora a ideia de uma sociedade secreta ou ordem que é dominada ou influenciada por mulheres poderosas. Desafiando a tradicional visão patriarcal das sociedades secretas, colocando as mulheres no centro das conspirações e estrutura de poder.

Ao longo do tempo muito se falou de sociedades secretas em todo mundo tais como: Priorado de São, Templários, Maçons, Cavaleiros de Malta, Rosacruz, Ordem de Cristo e assim por diante. Todas amplamente pesquisadas, mas qual seria a mais secreta de todas? Aquela que pouco se fala ou quase nada é dito: As Illuminati Feminina.

O papel das mulheres nas sociedades secretas mais poderosas do mundo é uma área negligenciada pelos principais historiadores e por boas razões. As Illuminati Feminina são incomparáveis em termos de autoridade, e seus membros mais antigos garantiram que o conhecimento de sua existência não vazasse.

Segundo M. Tsarion “embora haja pouco escrito sobre as mulheres por trás dos grandes tronos da Europa e Grã-Bretanha, é hora de prestarmos mais atenção ao papel das mães, esposas, filhas, irmãs e patronas femininas que ajudaram a moldar a história”.

Para entendermos o surgimento e estabelecimento dessas sociedades secretas, precisaremos voltar um pouco no tempo e analisarmos algumas dessas sociedades:

### **O GRAAL (no sentido de sangue real)**

É claro que o Graal é uma metáfora inteligente para as Mulheres Illuminati. A palavra graal vem de “gradus”, que significa “por graus”, isto faz alusão a uma sociedade tipo maçônica. Sangue



*Santo Graal - Sociedade Hierárquica de Sangue Feminino.*

Real ou Sangre Sagrado é uma referência à Irmandade. Posteriormente a palavra foi traduzida erroneamente como “cratis”, significando um cálice ou taça. O verdadeiro significado do chamado Santo Graal deve ser entendido em termos de uma sociedade secreta hierárquica de sangue feminino real.

Diretamente entrelaçados ao longo dos séculos, em várias lendas e teorias, estão O Santo Graal e Maria Madalena, tradicionalmente conhecida como a seguidora de Jesus Cristo. A conexão entre Maria Madalena e o Graal emergiu de lendas e especulações mais recentes, particularmente influenciadas por obras literárias. Uma das teorias mais populares é que Maria Madalena foi casada com Jesus e o Graal não é um objeto, mas uma linhagem sagrada. Esta ideia ganhou notoriedade com o livro “O Santo Graal e a Linhagem Sagrada (1982) de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln e foi popularizada globalmente pelo romance “O Código Da Vinci (2003) de Dan Brown. Esta narrativa está associada aos Cavaleiros Templários como guardiões da linhagem do Graal, a Sociedade Secreta de Sangue Feminino Real ou Illumi-

nati Feminina.

### **A CORTE FEMININA DO DRAGÃO**

A Corte do Dragão ou Irmandade Serpentina pode ser identificada pela primeira vez no Egito, estabelecida pela Rainha Sobek Nefru da XII dinastia (1785 a.C.), assegurando ao mesmo tempo a pureza de uma linhagem real e contínua, que progredia através da Rainha Dragão e da sucessão matrilinear do Graal. A soberania do Dragão evoluiu no Egito a partir da Mesopotâmia, onde a deusa Tiamat era frequentemente representada como uma deusa primordial do mar e do caos. Ela era muitas vezes retratada como um dragão ou serpente era uma figura poderosa e temida representando o feminino sagrado, muitas vezes associada à criação, à fertilidade e ao poder primordial. Foi na prática de unção real com a gordura de Sobek (messeh), crocodilo sagrado, que as Dinastias do Dragão ficaram conhecidas como messias (ungidos).

### **OS PENDRAGÕES**

A Dinastia Secreta de Sangue Feminino Real (Graal) progrediu para o ocidente notadamente



*Estátua de Sobek Nefru - Museu de Berlim.*

para os reis merovíngios da Gália. Outros ramos relacionados estabeleceram reinos na Irlanda e Grã-Bretanha celta. Estas linhas foram ligadas através de casamento à linhagem do Dragão com casas reais da Cítia e Anatólia e estabeleceram laços conjugais com as primeiras princesas da sucessão egípcia. Eles foram chamados de Pendragões.

O primeiro Pendragon da Ilha Britânica foi empossado por volta de 10 d.C.. Não eram sucessores de pai para filho, mas sim eleitos a partir de ramos familiares reinantes por um conselho druídico de anciões, emanando a antiga tradição dos Senhores e Damas Élficas da Floresta, este legado ancestral forma a base legítima de todas as Cortes do Dragão, originalmente fundadas, onde o Rei do Graal não poderia ser rei sem uma Rainha Dragão.

O último Pendragon morreu em 664 d.C.. Por volta dessa época, grande parte da Grã-Bretanha caiu sob a influência germânica dos invasores anglo-saxões. Nasce a terra de Angle (Inglaterra) distinta da Escócia e País de Gales.

Uma estrutura governamental completamente nova evoluiu no Ocidente. Os senhores supremos eram os papas, que nomeavam reis não por direito de herança, mas para se adequarem aos motivos políticos dos bispos da Igreja Romana.

Com o passar das gerações, o ideal da realeza dinástica espalhou-se pelas terras mediterrânicas, a essência crucial da Antiga Corte foi perdida, e isto deu origem a dinastias que não pertenciam à verdadeira Raça Real. Contudo, as verdadeiras dinastias da estirpe original do Graal sempre defenderam as suas posições e o espírito da Corte do Dragão continuou influente por toda Europa e Próximo Oriente.

### **SOCIETA DRAGONES**

O Imperador Sigismundo, como foi denominado a partir de 1410, era filho da casa de Luxemburgo, dinastias que alteraram flagrantemente sua genealogia. Em 1408 Sigismundo reenvidicou basear a Societa Draconis como uma continuação desta antiga linhagem herdada por supostos ancestrais egípcios, citas e pictos através da linhagem da Princesa Maelasanu da Nortúmbria – Melusina – linhagem esta que desceu através dos Tuatha de Danaan (os Reis Dragões da Anu). Eles chegaram à Irlanda envoltos em nuvens escuras, trazendo conhecimento e habilidades superiores. Dragões de Anu é uma expressão que combina elementos da mitologia celta com a simbologia mais ampla dos dragões. Reflete a percepção deles como seres poderosos, sábios e guardiões de segredos antigos. Essa terminologia sublinha sua grandeza, poder mágico e importância cultural dentro das tradições míticas irlandesas.

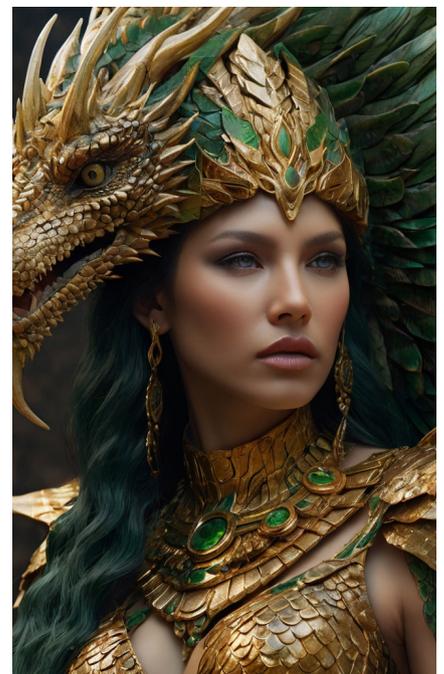
Os membros da Societa Draconis podiam usar a insígnia de um dragão curvado em um círculo

com uma cruz vermelha, emblema original da Rosa Cruzis, que identificava a sucessão do Graal antes de 3.000 a.C. Os membros eram obrigados a usarem trajes pretos na sexta-feira – dia governado por Vênus.

### **TEMPLÁRIOS, MAÇONARIA, ILLUMINATI, JESUÍTAS ETC...**

Os Templários foram criados como o braço armado e administrativo do Priorado do Sião que não é como muitos alegam um grupo mítico, e sim uma sociedade secreta que existe até hoje, ainda está em operação com o objetivo de restaurar a dinastia e linhagem Merovíngia (ao trono da França). Os merovíngios são uma dinastia histórica e bem documentada que governou parte da Europa ocidental, grande parte da Gália (atual França e partes da Alemanha) do final do séc. V até o séc. VIII, descendentes da nobreza hicsa e dos Levitas – a secreta décima terceira tribo.

Os Levitas são uma das tribos de Israel, descendentes de Levi, um dos filhos de Jacó. Eles desempenharam funções religiosas importantes, especialmente em relação ao serviço no tabernácu-



*Tiamat - poder primordial representando o Sagrado Feminino.*



*Melusina - figura mitológica medieval que aparece em várias culturas europeias.*

lo e, posteriormente, no Templo de Jerusalém, tinham funções religiosas, educacionais e judiciais. Diferente das outras tribos de Israel, os levitas não receberam uma porção específica de terra. Em vez disso, foram espalhados por todas as tribos e territórios.

Fossem de fato os merovíngios descendentes de uma linhagem sagrada judaica, poderiam ter conexões ancestrais com os levitas ou outras tribos de Israel.

Segundo algumas fontes o Priorado do Sião, em 1188, excomungou os Templários por acreditarem que os mesmos foram fortemente influenciados pelas sociedades e tradições ocultas do Oriente Médio. Grande parte dos símbolos Templários reflete uma herança que remonta à antiguidade. As Cruzes, por exemplo, podem ser vistas nas insígnias dos reis sumérios e babilônicos.

O resultado da ruptura dos Templários e a Ordem do Sião foi que algumas famílias da elite da Ordem do Sião mudaram da França para a Holanda. Talvez a rivalidade entre as ordens tenha sido uma falsa rivalidade, uma

oposição “maquiada” através da qual os objetivos de ambas as ordens são alcançados de forma eficiente. Os Templários eram uma ordem de fachada masculina das todas poderosas Illuminati Femininas, operando sob o disfarce da Ordem do Sião.

A razão da simbologia de dois cavaleiros em um único cavalo, talvez remonte à época em que Cavaleiros Templários e a Ordem de Sião eram unidos servindo a uma mesma causa.

Os Templários permaneceram centrais em tudo que estava acontecendo na Europa e, além disso, foram parcialmente instrumentais na formação do mundo ocidental como conhecemos hoje.

Após a dissolução em 1314, pelo Papa e Rei da França, os templários continuaram através de “ordens satélites” a controlar com sucesso os acontecimentos sociais. A Maçonaria de uma forma ou de outra, antecede significativamente ao séc. XVIII. Isto fica óbvio quando se estuda o simbolismo empregado por estas sociedades, na maior parte, é puramente simbolismo Templário.

As verdadeiras origens dos Templários estão envoltas em mistérios. Provavelmente Godfrey de Bouillon foi quem, após a primeira cruzada, os formou sob o título de Cavaleiros do Santo Sepulcro. A atual realeza da Holanda e da Grã-Bretanha está diretamente relacionada, por sangue, com a Casa de Orange e linhagem descendente de Godfrey de Bouillon.

Os templários veneravam Maria Madalena, o crânio adorado por eles era de uma mulher desconhecida e não de um homem.

A Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, foi construída a mando da Rainha Helena, mãe de Constantino; sendo que o lo-

cal da construção ficava sobre um templo dedicado a Vênus, o seu culto é a adoração de uma deusa do amor, beleza, sexualidade e fertilidade, frequentemente associado à energia feminina. Poderíamos dizer que a Rainha Helena se reuniu com sacerdotisas do Culto de Vênus e teria sido iniciada por elas?

Margarida da Escócia deu a Willian St. Clair e a sua família o terreno onde a Capela de Rosslyn foi construída. Muitas dessas estruturas foram construídas, deliberadamente, sobre locais pagãos anteriores, sagrados para os celtas e pré-celtas. A maioria das principais estruturas de propriedade dos Templários ficavam no topo de linhas ley. Em muitos casos, eles ficavam em locais sagrados para a Grande Deusa.

Foi Mathilde de Portugal, Duquesa de Lorena e tia do chefe dos Templários Gogfrey de Bouillon, que primeiro encomendou a Lenda do Graal. A lenda do Graal ganhou popularidade na Europa especialmente entre os séculos XII e XIII, misturando elementos cristãos, celtas e pagãos. Estas mulheres centrais na história merovíngia e templária foram sacerdotisas do Culto Feminino Luciferiano de Vênus. É importante notar que este culto é



*Talvez esta simbologia remonte à época em que os Templários e a Ordem do Sião eram unidos pela mesma causa.*

mal compreendido ou mal representado, especialmente devido a associação de Lúcifer com o diabo na tradição cristã. No contexto luciferiano, Lúcifer é visto de maneira diferente, mais com figura de iluminação e conhecimento do que uma entidade maligna.

A Maçonaria está permeada de motivos Templário, é difícil encontrar um símbolo masculino empregado por estas ordens. A recente descoberta de lápides templárias para mulheres, evidência que elas, as mulheres, foram admitidas na Ordem dos Cavaleiros; assim como a Maçonaria também não é predominantemente masculina “originalmente fundada e controlada por mulheres extremamente poderosas, cuja existência foi mantida em segredo por séculos.”

A Ordem dos Jesuítas ou Companhia de Jesus fundada por Ignatius de Loyola, na Espanha, foi temporariamente abolida em 1773. Antecipando a situação, os jesuítas, ressurgiram com uma nova roupagem, um novo órgão de infiltração e dominação. Através de Adam Weishaupt, um jesuíta, surgem em os Illuminati

da Baviera, falsamente considerados anti-monarquistas; porém os únicos monarcas e nobres que eles se opunham eram aqueles que não estavam sob o seu controle e não eram membros da Irmandade.

Os jesuítas dedicavam-se à Virgem Maria enquanto os Illuminati à Minerva, referindo-se a si mesmo como Minervais. Minerva também conhecida com Pallas-Athena, tem sua origem na antiga deusa egípcia Neith, a “Rainha Vermelha”, considerada a criadora do mundo e mãe de todos os deuses, equivalente a Tiamat da mitologia sumério-acadiana. Como podemos notar estas ordens cultuavam o Sagrado Feminino ou a Corte do Dragão Feminina.

#### CULTO FEMININO LUCIFERIANO DE VÊNUS

O culto luciferiano de Vênus é uma tradição esotérica que combina aspectos de diversas mitologias e crenças, centrando-se na figura de Lúcifer como portador da luz e no simbolismo de Vênus, a deusa romana do amor, beleza e fertilidade. Este culto não deve ser confundido com o satanismo;



*Os guardiões do Sagrado Feminino.*

ao invés disso, ele reverencia Lúcifer como o arquétipo de iluminação, conhecimento e rebelião contra a opressão. Na tradição luciferiana, Lúcifer é visto como um símbolo de luz e conhecimento. Derivado do latim “lux” (luz) e “ferre” (portar), Lúcifer significa “portador da luz”. Ele interpretado como um ser que traz a luz do conhecimento e da autoconsciência, em contraste com as narrativas cristãs que o associam à queda e escuridão. Vênus equivalente à deusa grega Afrodite, representa amor, beleza e desejo.

No contexto luciferiano, Vênus simboliza a força vital feminina, a criatividade e a energia sensual que são essências para a auto-realização e poder; é visível tanto ao amanhecer quanto ao anoitecer, sendo um símbolo de beleza, amor e desejo. Simboliza a dualidade da natureza humana – o equilíbrio entre a luz e a escuridão, o espírito e o material. Representa também a renovação e a ressurreição, como a estrela que “cai” no crepúsculo e ressurgue ao amanhecer. A estrela da manhã Lúcifer/Vênus é um símbolo central, representado a luz e a ascensão. Outros símbolos incluem a rosa: pode simbolizar a busca pelo conhecimento e a beleza



*Símbolo Maçônico - “Deus é a minha lei”.*



*A Águia Bicéfala ou Águia de Lagash - encontrada em Alaja Huyuk, Turquia séc. XIV aC.*

que vem com a iluminação espiritual. Também pode representar o amor espiritual e a paixão pela verdade (amor e segredo). O pentagrama uma estrela de cinco pontas que aponta para cima representando o espírito dominando a matéria e a busca pela perfeição. Também simboliza a união dos cinco elementos: terra, água, fogo, ar e o espírito (equilíbrio e proteção).

O culto enfatiza a valorização da sabedoria feminina, autonomia e a busca pelo conhecimento pessoal. A fusão de Lúcifer e Vênus simboliza a união de aspectos masculinos e femininos, luz e sombra, promovendo um caminho de equilíbrio e auto-aceitação.

Influências gnósticas são evidentes, com a ênfase na busca pelo conhecimento e na rejeição de sistemas opressivos. Elementos das tradições pagãs também são incorporados, como o culto a natureza e a reverência aos ciclos lunares.

O culto luciferiano de Vênus representa uma abordagem esotérica à espiritualidade que celebra a luz, o conhecimento e o poder feminino. Unindo simbolismos de Lúcifer e Vênus, ele oferece uma alternativa à espiritualidade convencional, focando na auto-descoberta, empoderamento e harmonia entre opostos.

### VÊNUS, AFRODITE E INANNA

Embora Inanna, Afrodite e Vênus compartilhem atributos comuns como amor, beleza e fertilidade, elas refletem as diferentes nuances culturais e mitológicas de suas respectivas civilizações.

Inanna incorpora uma dualidade mais abrangente, incluindo guerra e poder político. Profunda influência na mitologia e religião mesopotâmica, transpondo-se para outras culturas através do sincretismo religioso como Ish-



*Baphomet - imagem habitual.*



*Baphomet feminina..*

tar na Babilônia seus símbolos a coruja e a estrela da manhã (Vênus). Ritual: festividades envolvendo rituais sexuais e festas de fertilidade, além de cerimônias para a guerra.

Afrodite uma das deusas mais veneradas na mitologia Grega representa tanto o aspecto benevolente do amor quanto seu potencial destrutivo, seus símbolos a pomba, a concha e a rosa. Ritual: oferendas de flores e perfumes em rituais de casamento e celebrações de beleza.

Vênus semelhante à Afrodite, mas com aspecto adicional de prosperidade e vitória característicos da cultura romana, seus símbolos a pomba a concha, mirto e rosa. Ritual: cultos que combinavam aspectos de beleza e fertilidade, bem como celebrações associadas à vitória e prosperidade.

As narrativas, cultos e simbolismos dessas deusas revelam tanto as semelhanças universais quanto as particularidades regionais de sua veneração.

### SIMBOLOGIA

Os símbolos estão aí, e falam por si só basta observá-los: Rosa

Cruz é um símbolo referente à Vênus. A cruz vermelha é por excelência da deusa, assim como a rosa simboliza o poder feminino. O cavalo, a coruja representativa da deusa suméria Inanna ou Ishtar, uma divindade das mais veneradas no panteão sumério. O capacete, o cinto, a lança estão relacionados à Minerva. O olho símbolo de percepção, vigilância e sabedoria. A torre uma referência a Maria Madalena, que teria vindo de Magdala que significa torre em aramaico.

A águia é um emblema feminino. A águia de duas cabeças é um símbolo antigo e complexo, presente em diversas culturas e tradições ao longo da história. A representação mais antiga da águia de duas cabeças pode ser rastreada até a Suméria, em Lagash foi encontrado um artefato datado de 3.000 a.C. com a águia de duas cabeças. Esta descoberta é significativa porque demonstra a antiguidade e a importância cultural da águia de duas cabeças na região da Mesopotâmia. Também entre os Hititas e na Anatólia, simbolizando poder e divindade. A águia de duas cabeças simboliza a dualidade do poder e a capacidade de olhar em duas direções simultaneamente. Representa a

união de opostos como passado e o futuro, ou o céu e terra. A águia de duas cabeças é um símbolo multifacetado que transcende culturas e eras. Representando poder divino entre o reino terreno e celestial, dualidade, soberania e integração. Continua a ser um emblema poderoso e significativo em diversos contextos, desde a antiguidade até os dias de atuais.

A letra “g” em minúsculo, que emana uma luz ao redor, não é do sol, mas do planeta Vênus também conhecido com Shekinah, sagrado para a Irmandade do Dragão.

Orbe do Soberano um orbe com uma cruz, é um símbolo astrológico do planeta Vênus, por tanto não é um símbolo cristão como muitos pensam.

A Tampa de Manutenção é um tecido vermelho colocado dentro das coroas indicando que todos os monarcas e soberanos são apenas administradores ou substitutos.

Com um significado importante para os Templários a figu-

ra antropomórfica de Baphomet é claramente feminina, veremos que toda simbologia remete à deusa. Percebe-se nitidamente seios na figura. Os crescentes gêmeos representando as duas fases do planeta Vênus como Estrela da Manhã e Estrela Vespertina são visíveis tanto ao amanhecer quanto ao anoitecer, a chama entre os chifres representa a luz de Lúcifer, também conhecido como estrela da manhã, esta luz representaria a iluminação espiritual, a busca pelo verdadeiro conhecimento e a rejeição da ignorância e das trevas. A estrela de cinco pontas representativa de Vênus. Um dos simbolismos dessa imagem seria a representação da dualidade: bem e mal, homem e mulher, céu e terra e também é interpretado como um símbolo de equilíbrio entre forças opostas. A palavra Baphomet vem de Ptah e Ma'at conotando o criador masculino e a criadora feminina e também conota Baph e Metis significando “Batismo em Saboria” Qual o significado oculto dessa imagem, seria a máscara de bode apenas para esconder a verdadeira natureza da imagem da deusa?

## A PODEROSA ILLUMINATI FEMININA

De onde vem tanto poder que se mantém atrás do véu da invisibilidade? Quem governaria a sombra das poderosas “Elites”? Ou como veremos a frente, as treze poderosas e famosas “famílias” ou “pseudo-elites” poderíamos chamar de peças de um jogo de xadrez, as vezes descartáveis.

No topo governando com mão de ferro estaria a hierarquia das Illuminati Feminina; no contexto global, não há ninguém que exerça maior poder nas organizações governamentais (através das “organizações secretas”) chefiando o Conselho de Governo Mundial e dirigindo o Escritório de Segurança Global que é o braço fiscal e de fiscalização da Câmara Alta de Wettin.

Aristocrata britânica nascida na Escócia, prima favorita, em terceiro grau, da falecida Rainha Elizabeth II, concede breves entrevistas, apenas quando atende a seus interesses. Além de inglês, alemão, francês, russo, mandarim ela é fluente em gaélico escocês, ela é Elizabeth Belenoff, Condessa de Banbury e Arran.

Uma personagem complexa: “uma amiga poderosa e generosa, mas sempre perigosa, uma inimiga implacável, capaz de incutir terror aqueles que se opõem a ela.

Devido a casamentos entre a classe alta européia, durante muitas gerações ela está relacionada com os Duques de Somerset na Inglaterra, os Condes de Strathmore na Escócia, a Casa Imperial da Rússia e a histórica Casa de Wettin.

A Dinastia de Wettin desempenhou um papel importante na Alemanha e Europa Central. Sua fundação remonta ao séc. X, tendo como primeiro membro Teodorico I ( 920 dC a 982), tor-



*Bohemian Grove: Ponto de encontro da Elite global.*



**Srta. Belenoff**

*Quais as peças serão movidas ou removidas?*

nando-se assim uma das casas nobres mais antigas e influentes da Europa. A Casa de Wettin se tornou uma das mais influentes dinastias da Europa, governando diversos territórios na Alemanha, incluindo a Saxônia e a Turíngia, e eventualmente fornecendo monarcas para vários reinos europeus, incluindo Polônia e Inglaterra. Várias mulheres dessa dinastia destacaram-se em papéis fundamentais na história política, social e cultural europeia.

Srta. Belenoff é de fato a chefe desta antiga dinastia que governou por mais de mil anos grande parte da Europa. Mostrando assim que todas as outras “casas” seriam ramos subsidiários de Wettin.

No seu registro oficial consta que ela é bisneta de Grigori Rasputin, uma figura mística que teve uma influência significativa sobre a família imperial russa, e da Princesa Elizabeth de Hess e Reno, irmã de Alexandra da Rússia, que eram netas da Rainha Vitória. Assim como a falecida Rainha Elizabeth II, a Srta Belenoff é tetraneta da Rainha Vitória.

Sua fortuna pessoal é estimada em 14 bilhões de dólares, isto contando apenas com a participação de ativos mineiros e imobiliários do Suriname, herança de seu pai industrial.

Ela tem a patente de registro do nome Bohemian Grove e, provavelmente, é a proprietária da propriedade onde está localizada Bohemian Grove.

O Bohemian Grove é um clube privado exclusivo e secreto fundado em 1872, é uma organização que reúne algumas das figuras influentes do mundo, incluindo políticos, empresários e artistas, tornou-se famoso pelos seus retiros anuais, de duas semanas no mês de julho, que atraem membros da elite global. Uma das cerimônias envolve a queima de uma efígie ao pé de uma grande estátua de coruja, simboliza sabedoria. A coruja é o símbolo do Bohemian Grove. Embora cercado por um véu de segredo e alvo de críticas e teorias da conspiração, continua a ser um ponto de encontro para a elite global.

Ela deixa bem claro, através de declarações que considera

grupos como: os Bilderbergers, Conselho de Relações Exteriores e Comissão Trilateral “membros inferiores dos Illuminati como um pessoal sujo, de nível inferior em posição, bom senso e educação.”

Ela chega sem avisar e sem ser convidada em locais como Kremlin, Casa Branca e ao Palácio de Buckingham, mas totalmente bem-vida, provavelmente a única pessoa no mundo que o faz.

Vladimir Putin disse sobre ela: “é a mulher mais bonita e a pessoa mais assustadora que ele conheceu.”

Ela se refere ao comunismo como uma cabala imunda governada por incompetentes e preguiçosos que deveriam ser expurgados. Ela está por trás da eventual queda do Partido Comunista Soviético.

Srta. Belenoff tem por lema: “O debate é necessário, a dissidência respeitosa é permitida, a traição é uma sentença de morte.”

Indiscutivelmente, governando com mão de ferro, ela está no topo da hierarquia da poderosa Illuminati Feminina. “Eu puxo as cordas e a dança da elite” – Condessa de Banbury e Arran.

Em última análise o estudo das Illuminati Feminina reflete o papel das mulheres em posição de liderança e influência nas esferas política, social e cultural. Um reconhecimento das contribuições históricas e contemporâneas das mulheres. Sinais do passado presentes até os dias atuais, estão todos aí basta observá-los e analisá-los. Como no jogo de xadrez no tabuleiro onde todas as peças estão deitadas, exceto a Rainha ao centro que está de pé majestosamente emanando poder e liderança.

POR CLÁUDIO SUENAGA

# OLIMPÍADAS DE PARIS 2024

A convergência das trevas na cidade luz.



*Slogan dos Jogos Olímpicos 2024.*

Durante a apresentação da candidatura de Paris 2024 em 11 de julho de 2017, o presidente Emmanuel Macron entrelaçou os braços com outros líderes fazendo o símbolo da pirâmide Illuminati. Paris, afinal, acabou escolhida pela terceira vez (já tinha sido em 1900 e 1924). O grau máximo da Maçonaria é o 33, então o local da 33ª edição das Olimpíadas não poderia ser outro do que a capital maçônica por excelência, Paris, a cidade luz. Os 235 anos da maçônica Revolução Francesa, os 140 anos da Estátua da Liberdade (um presente da Maçonaria francesa), a Pirâmide do Louvre, tudo está inextricavelmente ligado e converge nesses jogos. O que estamos realmente vendo aqui é

uma teia de intrigas que remonta há muito tempo. Os indivíduos que se consideram os governantes legítimos do planeta têm alguma preocupação sobre o futuro a muito curto prazo. Em seu sistema de crenças, eles sentem que precisam ter total controle planetário.

## **FOGO NA TOCHA**

De 26 de julho a 11 de agosto, o mundo será novamente arrebatado pelo “espírito olímpico” ou Olimpismo, que é, segundo o homem que reviveu os jogos na era moderna, Barão Pierre de Coubertin, uma religião. Os jogos e tudo sobre eles são dedicados a Zeus. Esse é o mesmo deus ao qual Antíoco IV Epifânio (rei he-

lenístico da dinastia selêucida que governou a Síria entre 175 a.C. e 164 a.C.) ordenou adoração, erguendo um ídolo para o mesmo no Templo de Jerusalém.

Um dos costumes mais consagrados e correlacionados aos jogos, é o revezamento da tocha olímpica, em que a chama é transportada da Grécia para o local olímpico a cada quatro anos (a cada dois, incluindo os jogos de inverno).

Porém, esse rito nada tem a ver com os jogos antigos como a grande mídia gosta de repetir, mas foi instigado nas Olimpíadas nazistas de Berlim em 1936, que foram supervisionadas pelo chefe de propaganda e ocultista de

Hitler, Joseph Goebbels.

Na preparação para os Jogos de Berlim, o Comitê Olímpico Internacional concordou com os pedidos alemães de que uma chama fosse acesa a partir dos raios do sol em Olímpia, na Grécia, sede dos jogos originais, e levada por uma tocha até à cidade anfitriã. A tradição “olímpica” do revezamento da chama começou, portanto, com os nazistas, e desde então continua.

Para ser mais exato, em 13 de maio de 1931 o COI concedeu os Jogos Olímpicos de Verão de 1936 a Berlim. O conde Henri Baillet-Latour, da Bélgica, chefiou o comitê. A escolha de Berlim sinalizou o regresso da Alemanha à comunidade mundial após a derrota na Primeira Guerra Mundial. Dois anos depois, em 30 de janeiro de 1933, o líder do Partido Nazista, Adolf Hitler, tornou-se chanceler da Alemanha.

Durante duas semanas, em agosto de 1936, a ditadura nazista de Adolf Hitler camuflou seu caráter racista e militarista ao sediar os Jogos Olímpicos de Verão. Abandonando a sua agenda antisemita e os seus planos de expansão territorial, o regime explorou os Jogos para deslumbrar muitos espectadores e jornalistas estrangeiros com a imagem de uma Alemanha pacífica e tolerante.

A Alemanha promoveu habilmente as Olimpíadas com cartazes coloridos e capas de revistas. As imagens atléticas estabeleceram uma ligação entre a Alemanha nazista e a Grécia antiga. Essas representações simbolizavam o mito racial nazista de que a civilização alemã superior era a herdeira legítima de uma cultura “ariana” da Antiguidade Clássica.

Os esforços concentrados de propaganda continuaram muito depois dos Jogos Olímpicos, com o lançamento internacional, em



*Os líderes da candidatura de Paris 2024, incluindo Emmanuel Macron (à esquerda), durante a apresentação em 11 de julho de 2017, entrelaçam os braços fazendo o símbolo da pirâmide Illuminati.*

1938, de Olympia, o polêmico documentário cinematográfico de Leni Riefenstahl sobre os Jogos.

Em 1º de agosto de 1936, Hitler abriu os Jogos da 11ª Olimpíada da Era Moderna. Fanfarras musicais dirigidas pelo famoso compositor Richard Strauss anunciaram a chegada do ditador ao grande público alemão. Centenas de atletas com trajes do dia de abertura marcharam até o estádio, equipe por equipe em ordem alfabética. Inaugurando um novo ritual olímpico, um corredor solitário chegou carregando uma tocha transportada por revezamento do local dos antigos jogos em Olímpia, na Grécia.

Cada um dos 3.422 portadores da tocha correu um quilômetro ao longo da rota do revezamento da tocha do local das antigas Olimpíadas em Olímpia através da Bulgária, Iugoslávia, Hungria, Áustria, Checoslováquia e Alemanha até Berlim, enquanto 7.000 o fizeram através da Grã-Bretanha em 2012. No seu caminho através da Iugoslávia e Checoslováquia em 1936, os participantes foram tratados de acordo com o “espírito olímpico”. O ex-atleta olímpico alemão Carl Diem modelou o revezamento com base em um que havia sido

realizado em Atenas em 80 a.C. Ele se adequava perfeitamente aos propagandistas nazistas, que usavam desfiles e comícios à luz de tochas para atrair os alemães, especialmente os jovens, para o movimento nazista.

A tocha em si foi fabricada em 1936 pela Krupp, uma empresa alemã mais conhecida pela produção de aço e armamentos.

Este porta-tocha foi usado durante as Olimpíadas de Berlim em 1936. Nele está gravado a rota do revezamento da tocha, de Olímpia, na Grécia, a Berlim, na Alemanha.

## **O SENHOR DOS ANÉIS**

Os nazistas de 1936 também popularizaram o símbolo dos anéis olímpicos que se tornaram indefectíveis em todos os Jogos Olímpicos até hoje. Eles ordenaram que um marco com anéis olímpicos esculpidos fosse instalado no antigo local de Delfos antes que os portadores da tocha partissem para Berlim.

Mais tarde, pesquisadores visitaram Delfos e encontraram o referido marco com seus anéis olímpicos e consideraram que o símbolo do anel tivesse se originado na Grécia antiga, quando,



A tocha olímpica é acesa no início dos Jogos Olímpicos de 1936. Foto: Rádio WGN.

na verdade, tinha sido desenhado para os jogos modernos e promovido à proeminência pelos nazistas.

Quem observa os jogos e o COI, seu órgão dirigente, percebe que a competição é apenas um veículo para a promoção do culto a Zeus e o retorno de seu filho. O COI não faz nenhuma tentativa de disfarçar que são inteiramente pagãos e que operam principalmente nos caminhos do ocultismo à medida que cumprem os seus planos, que estão em consonância com os caminhos secretos e tortuosos dos seus deuses.

Seu logotipo, originalmente concebido em 1913 por Coubertin, é um símbolo oculto visto em quase todos os lugares durante as temporadas cada vez mais frequentes dos Jogos Olímpicos. Parece algo inocente e inofensivo, até que entendamos o seu significado.

Seus cinco anéis ou arcos entrelaçados, com as cores azul, amarelo, preto, verde e vermelho sobre um fundo branco, que representam os cinco continentes, nada mais são do que uma sutil

pirâmide illuminati invertida muito bem disfarçada. Os cinco anéis olímpicos são a pirâmide truncada, virada de cabeça para baixo para não ficar muito óbvia. Quando você vira o “lado certo para cima”, você vê a forma familiar sem pedra angular!

A pedra angular não está lá, mas, ainda assim, está lá muito sutilmente por inferência. O fundo é branco. Um anel branco é “invisível” contra um fundo da mesma cor. Com uma compreensão das cores e com alguma consideração sobre a simetria dos pares de cores dos anéis, você descobre que seguir o padrão que emerge leva à combinação do anel preto com um anel branco oposto, completando a pirâmide! A condição em que lhe falta uma pedra angular confere-lhe uma dinâmica desequilibrada. A imagem tal como concebida e apresentada procura completude, atraindo-nos sutilmente, subliminarmente, para completá-la.

Quando Coubertin desenhou o logotipo, ele não apenas escolheu a forma da pirâmide, mas também se inspirou para usar elementos que identificam indi-

vidualmente o corpo da pirâmide com os povos do mundo inteiro, e os identificam coletivamente como aqueles que recebem a marca da Besta.

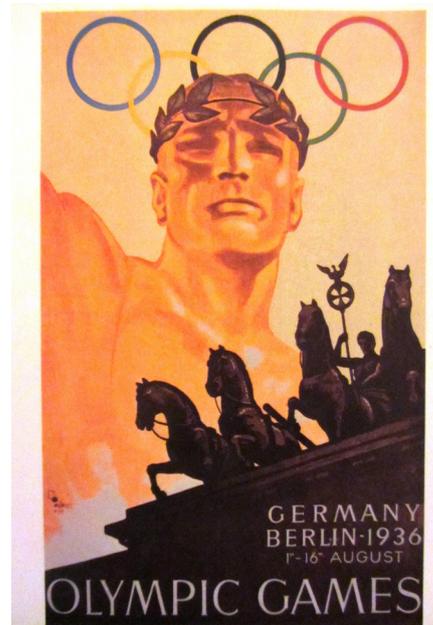
## PARIS ILLUMINATI

Paris, “A Cidade Luz”, é assim chamada adequadamente. Do Panteão de Paris às Pirâmides do Louvre, grande parte de seus monumentos exibem traços maçônicos, ainda que muitas vezes não passem de “pequenos toques” ou “piscadelas de maçons”, como ressaltou o advogado, político, escritor e tradutor parisiense Emmanuel Pierrat, autor junto com Laurent Kupferman de *A Paris dos Franco-Maçons* (Le Paris des Francs-Maçons).

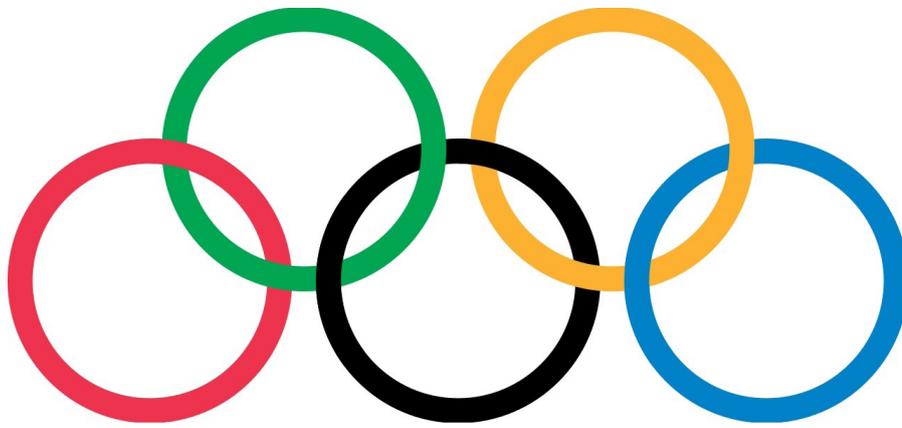
“Não se deve interpretar excessivamente os sinais, mas alguns construtores irmãos realmente marcaram a cidade com suas logomarcas, incluindo referências antigas, muito populares nos séculos XVIII e XIX e em nossos rituais”, concorda o advogado e iniciado parisiense Raphaël Aurillac.

## A PIRÂMIDE EIFFEL

Projetada pelo engenheiro maçom Gustave Eiffel (1832-



O cartaz dos Jogos Olímpicos na Alemanha em 1936 em pleno regime nazista.



*Os anéis olímpicos não passam de uma pirâmide truncada invertida disfarçada.*

1923), que pertencia à loja Alsace-Lorraine, o design da Torre Eiffel, construída para ser o arco de entrada da Exposição Universal de 1889, foi orientado pelos princípios da Maçonaria.

Um obelisco gigantesco disfarçado e, ao mesmo tempo, uma verdadeira pirâmide, com um farol iluminando a Cidade das Luzes, a torre de treliça de ferro tem três andares, um aceno para os três primeiros graus da iniciação, o de Aprendiz, Companheiro e Mestre.

Com 324 metros de altura e um peso de 7.300 toneladas, é mais alta que o topo da Basílica do Sacré-Coeur (Basílica do Sagrado Coração), construída entre 1875 e 1914 no topo do Monte Martre, o ponto mais alto da cidade, o que constituiu para seus arquitetos maçons uma pequena vitória sobre a Igreja. Foi a estrutura mais alta do mundo desde a sua conclusão até 1930, quando perdeu o posto para o Chrysler Building, de Nova York. Atualmente é a segunda estrutura mais alta da França, atrás apenas do Viaduto de Millau, concluído em 2004.

### **PIRÂMIDE DO LOUVRE**

Pirâmide assumida e sem disfarces é a Grande Pirâmide de vidro e metal do Louvre, rodeada por três pirâmides menores (tal como no Egito) que serve de en-

trada principal – e obrigatória – para o Museu do Louvre.

Ela foi encomendada pelo presidente francês François Mitterrand (1916-1996) em 1984 e concluída em 1989. Mitterrand, do Partido Socialista, era um maçom do grau 33.

Projetado pelo arquiteto norte-americano de origem chinesa Ieoh Ming Pei, o edifício esotérico-futurista constituído de 603 peças de losangos e 70 segmentos triangulares de vidro, com 20,6 metros e uma base quadrada de cerca de 35 metros de lado, não combina em nada com a arquitetura clássica do Louvre. O motivo, no entanto, não teve nada a ver com arquitetura ou a estética, mas em acrescentar mais poder ao design geométrico da cidade.

Raphaël Aurillac, em seu livro *Le Guide du Paris Maçonique* (Guia Maçônico de Paris), revela que o Louvre costumava ser um templo maçônico e demonstra que as pirâmides de vidro incorporam indubitavelmente o simbolismo maçônico. A pirâmide apontada para baixo expressaria o lema Rosacruz V.I.T.R.I.O.L. (Visita Interiorum Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem, ou “Visite o Interior da Terra e, Retificando-te, Encontrarás a Pedra Oculta”).

A ponta da Pirâmide Invertida está suspensa 1,4 metros acima do nível do piso, diretamente abaixo da ponta da pirâmide de pedra com cerca de 1 metro de altura. Em *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, Robert Langdon vê na pirâmide invertida um cálice,



*A Torre Eiffel não passa de uma pirâmide disfarçada.*



*O Arco do Triunfo está colocado ao centro de um círculo do qual 12 avenidas que cruzam Paris se originam, configurando a imagem do sol.*

um símbolo feminino, e na pirâmide de pedra abaixo, uma lâmina, um símbolo masculino. Toda a estrutura expressaria, assim, a união dos sexos. Brown sugere que a pirâmide de pedra pequena é apenas o vértice de uma pirâmide maior (possivelmente do mesmo tamanho que a pirâmide invertida acima), embutida no chão, como uma câmara secreta onde estaria o corpo de Maria Madalena.

Já o jornalista e escritor Dominique Setzepfandt, interpreta as duas pirâmides sugerindo “a bússola e o quadrado, que formam o Selo de Salomão”.

### **ARCO DO TRIUNFO**

O “Arc de Triomphe” está colocado ao centro de um círculo do qual 12 avenidas que cruzam Paris se originam. Na estrada circular ao redor do Arc de Triomphe existem 12 pontos que formam uma estrela de 12 pontas. E novamente vemos o sol ao centro do círculo quebrado em 12 segmentos.

Nas extremidades das avenidas encontram-se a Praça da Concórdia e na outra La Defense. O Arco do Triunfo mede 50 me-

tros de altura. Nele estão gravados os nomes de 128 batalhas e 558 generais.

Projetado pelo arquiteto francês Jean-François-Thérèse Chalgrin (1739-1811), foi construído em comemoração às vitórias militares de Napoleão Bonaparte (1769-1821), o qual ordenou a sua construção em 1806, após a vitória em Austerlitz. A obra, no entanto, só ficou pronta em 1836 devido à derrocada do Império em 1815.

Quando você estiver debaixo do Arco do Triunfo próximo à “flama eterna” do soldado desconhecido, olhe em uma direção, em linha reta, e você verá um grande e moderno arco de concreto ao longe.

### **O GRANDE ARCO DE LA DÉFENSE**

O Grande Arco de la Défense (Grande Arche de la Défense) fica no bairro de La Défense, periferia oeste de Paris. O nome é em memória à resistência oposta às tropas prussianas na guerra de 1870-1871.

Trata-se de um cubo oco de 112 metros de altura coberto

de mármore branco e aberto no centro, apoiado por 12 pilares de 30 metros cada, projetado pelo arquiteto dinamarquês Otto von Spreckelsen.

Inaugurado em 1989 em comemoração ao bicentenário da Revolução Francesa, simboliza uma janela aberta ao mundo. Última porta, como na Antiguidade, para o mundo dos mortos, ela lembra aos irmãos sua absoluta busca da perfeição e a transição para o Oriente eterno.

No topo, o artista plástico e escultor Jean-Pierre Raynaud projetou um pavimento com doze signos do zodíaco, homenagem ao céu, que são encontrados nas naves dos templos maçônicos.

Os lados do Grande Arco são divididos em grandes painéis medindo 5 x 5 m. Dentro de cada painel grande há pequenos painéis medindo 7 x 7. Como o comprimento total dos lados é de 110 m (número referido na construção do Templo de Salomão, lembrando que as Torres Gêmeas do World Trade Center tinham 110 andares) e cada grande painel mede 22 m (ou seja 11 + 11), temos 22/7 para os lados dos painéis menores. A fração 22/7 é igual ao número de Pi 3,1428, que também é encontrado nas dimensões da Grande Pirâmide do Egito.

O Grande Arco é um templo astronômico. No topo, gravado na laje, há um zodíaco dividido em 12 signos astrológicos e 36 decanos. Marca o zero grau de Áries, o primeiro dia da primavera. Há quatro pátios, quatro locais onde os sinais estão escondidos.

O Grande Arco é baseado em parte no número 12, em referência ao zodíaco astrológico com doze signos, que são as doze portas do céu. O Grande Arco está apoiado em doze colunas enormes, com cada pilar associado a

um signo do zodíaco.

O Grande Arco de la Défense tem 36 andares, uma referência velada ao 666 (cujo número é a soma dos primeiros 36 números), e segue os padrões da Pirâmide Curvada ou Romboidal de Dahshur, a 40 km ao sul do Cairo, com 105 m de altura e 188 m em cada face da base, construída por volta de 2600 a.C. pelo Faraó Snefru. Esta foi a penúltima pirâmide construída antes da Grande Pirâmide.

A semelhança do Grande Arco de la Défense com a Porta do Templo de Kalasasaya (kala = pedra e saya ou sayasta = parado, ou seja, o Templo das Pedras Paradas em Tiahuanaco) é notória. Ali se verifica com exatidão as mudanças das estações e o ano solar de 365 dias. Em ambos os equinócios (de outono, em 21 de março, e primavera, em 21 de setembro), o Sol nasce no centro da porta principal de entrada, a qual se chega por uma escadaria. No solstício de inverno em 21 de junho, o Sol nasce em ângulo nordeste e no solstício de verão em 21 de dezembro, se marca o nascimento do Sol em ângulo sudeste.

O Templo das Pedras Paradas cobre aproximadamente 2 hectares. Dentro podem ser vistos os

restos do que teriam sido quartos semi-subterrâneos pequenos dispostos de modo que sete se localizavam em cada lado do pátio.

Na parede no lado norte, em dois blocos em seu terço superior, um buraco imita o sistema auditivo humano, já que ali se pode ouvir ruídos ou conversas que ocorrem em locais remotos. Esses “amplificadores de som” nos permitem inferir que no mundo pré-colombiano a acústica era conhecida e aproveitada.

Descoberto pelo conquistador espanhol Pedro Cieza de León em 1549, Tiahuanaco, na Bolívia, próximo à margem sudeste do lago Titicaca, a cerca de 72 km oeste de La Paz, foi precursor do império inca. O povo que o construiu não deixou linguagem escrita. A área ao redor de Tiahuanaco era habitada desde 1500 a.C. por um povo agrícola. Entre 300 a.C. e 300 d.C., Tiahuanaco era um centro religioso e cosmológico ao qual muitos faziam peregrinações. Nos períodos 4 e 5, entre 300 d.C. e 1000 d.C., Tiahuanaco cresceu muito em poder e influência. A cidade cobriu uma extensão máxima de 6 quilômetros quadrados e no apogeu possuía cerca de 40 mil habitantes.

As pedras de seus monumentos pesam até 100 toneladas e

estão perfeitamente cortadas e encaixadas, com uma qualidade e precisão que supera até a dos incas.

Bem ao lado do Grande Arco de la Défense, na Place de la Défense, está o CNIT (Centre des Nouvelles Industries et Technologies), centro de convenções e sede de escritórios como os da Fnac e do Hotel Hilton. Projetado pelos arquitetos Robert Edouard Camelot, Jean de Mailly e Bernard Zehruss, com a parceria dos engenheiros Jean Prouve e Nicolas Esquillan, este edifício de 46 m de altura é notável por ser o maior espaço de concreto fechado do mundo, ocupando uma área de 200.000 metros quadrados. Sua estrutura triangular é apoiada em três pontos a 218 metros de distância. A construção inicial ocorreu entre 1956 e 1958. Na época, o bairro empresarial de La Défense (que começou a surgir em 1978) ainda não existia.

## O OBELISCO DE LUXOR

No centro da Praça da Concórdia fica o Obélisque de Louxor, construído durante a 19ª Dinastia pelo faraó Ramsés II, que reinou entre 1279 a.C. e 1213 a.C. Feito de granito rosa, com 23 metros de altura, 230 toneladas e topo dourado, o obelisco de 3.300



*O Grande Arco de la Défense é uma réplica da Porta do Templo de Kalasasaya.*

anos marcava a entrada do imponente Templo de Luxor. O vice-rei do Egito, Mehmet Ali, foi quem o doou à França em 1829. O obelisco chegou em Paris em 1833, e três anos depois, o rei Luís Filipe colocou-o no centro da Place de la Concorde, no local antes ocupado pela guilhotina durante a Revolução Francesa. Foi erguido pelo arquiteto Apollinaire Lebas com a ajuda de máquinas de elevação. Em 1º de dezembro de 1993, uma ONG que luta contra a AIDS colocou um preservativo gigante no Obelisco.

### PANTEÃO DE PARIS

Com 110 metros de comprimento, 84 metros de largura e 83 metros de altura, o Panthéon de Paris fica no Monte de Santa Geneveva, em pleno Quartier Latin. Construído entre 1758 e 1790 por desejo do Rei Luís XV (1710-1774), que após recuperar-se de uma grave doença, ordenou ao arquiteto Jacques-Germain Soufflot (1713-1780), pioneiro do neoclassicismo, a concepção de uma basílica dedicada à Santa Geneveva (423-502 ou 512), virgem e santa católica francesa, padroeira de Paris, em substituição



*Obelisco de Luxor.*

à antiga abadia ali existente.

A fachada principal tem um pórtico de colunas de estilo coríntio que apoiam um frontão triangular da autoria do escultor Pierre Jean David, mais conhecido como David d'Angers (1788-1856). O edifício, em forma de cruz grega, é coroado por uma cúpula de 83 metros de altura, com um lanternim (pequeno telhado sobreposto à cumeeira que propicia ventilação e iluminação naturais) no topo.

O Panteão acabou laicizado pelos movimentos revolucionários burgueses, que o converteram em Panteão nacional. Hoje, na cripta, repousam 70 célebres personagens da história francesa (filósofos, escritores, cientistas, generais e políticos), entre eles Alexandre Dumas, Denis Diderot, Émile Zola, Jean-Jacques Rousseau, Marie e Pierre Curie, René Descartes, Victor Hugo e Voltaire.

### OS 235 ANOS DA REVOLUÇÃO FRANCESA

Há 235 anos, em 14 de julho de 1789, eclodia a Revolução Francesa com a Queda da Bastilha, movida pelo espírito de revolta igualitário do liberalismo, ideologia que, ao deixar de reconhecer os erros, insuficiências e pecados do homem, glorificando-o e não mais a Deus, e por conseguinte abandonando-o cada vez mais a si próprio, passava a ser uma das causas das constantes crises da História. Desde então, o mundo vem sendo cada vez mais solapado pelo espírito de orgulho e revolta da Revolução Francesa, baseado na falsa ideia ateísta e materialista de que os homens seriam imaculados por natureza, e se têm falhas, seria por causa do ambiente corrompido em que nascem e vivem, ou seja, o homem é naturalmente bom, e é a sociedade que o corrompe, como queria Rousseau. A Maçonaria, espalhando-se pela Europa, prin-

cipalmente na Alemanha, Itália e sobretudo na França, fez-se mentora do liberalismo, insuflando poderosamente os movimentos do Iluminismo racionalista e do enciclopedismo e preparando o terreno para a Revolução Francesa.

Em 20 de junho de 1789, foi feito o Tennis Court Oath (Juramento da Quadra de Tênis), um momento chave que deu início à Revolução Francesa. Lá, os homens da Assembleia Nacional juraram nunca parar de se reunir até que uma constituição fosse estabelecida.

No dia 14 de julho, a população, de armas nas mãos, marchou sobre a Bastilha – fortaleza prisão, símbolo do Antigo Regime – libertando os presos e iniciando a fase insurrecional da Revolução. Instalou-se o Grande Medo, movimento em que os camponeses tomavam propriedades feudais, matavam os nobres e exigiam a reforma agrária.

Inspirada nos pensamentos dos iluministas, bem como na Revolução Americana (1776), a Assembleia Nacional Constituinte da França revolucionária aprovou em 26 de agosto de 1789 e votou definitivamente em 2 de outubro a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão sintetizado em 17 artigos e um preâmbulo dos ideais libertários e liberais da primeira fase da Revolução Francesa (1789-1799). Pela primeira vez são proclamados as liberdades e os direitos fundamentais do homem de forma econômica, visando abarcar toda a humanidade. Ela foi reformulada no contexto do processo revolucionário numa segunda versão, de 1793. Serviu de inspiração para as constituições francesas de 1848 (Segunda República Francesa) e para a atual, e também foi a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos,

promulgada pelas Nações Unidas.

Na imagem da Declaração, o “Olho da Providência” maçônico e illuminati brilhando no topo em indicação clara e evidente de que a Revolução Francesa foi motivada por grupos ocultos.

### NAPOLEÃO ERA MAÇOM?

Os historiadores não possuem um documento que possa confirmar isso, mas muitos fatos inegáveis comprovam a extrema proximidade de Napoleão com a Maçonaria. Além disso, foi graças a Napoleão que a Maçonaria se espalhou pela Europa e se tornou um fenômeno de massa. Ele transformou a Maçonaria de uma sociedade secreta, como costumava ser, em quase uma religião oficial do Estado, unindo todas as lojas francesas em torno do Grande Oriente.

De volta à Córsega, Bonaparte cresceu rodeado de maçons – afinal, seu pai e os três irmãos eram maçons. Não há dúvida de que a família falava o tempo todo sobre a Maçonaria.

O irmão mais novo, Jerome Bonaparte (1784-1860), foi iniciado na Maçonaria aos 17 anos na Loja Mir, no leste de Toulon. Sua carreira se desenvolveu rapidamente. Um ano depois, em 1801, tornou-se Grão-Mestre da Loja da Grande Mãe da Vestfália e, em 1807, Napoleão o nomeou rei.

O irmão mais velho, Joseph Bonaparte (1768-1844), foi iniciado na Loja La Parfaite Sincérité (Sinceridade Perfeita) no Oriente de Marselha. Em 1804, tornou-se Grão-Mestre do Grande Oriente da França e Rei de Nápoles, e depois Rei da Espanha.

Finalmente, Louis Bonaparte (1778-1846), o pai do futuro Napoleão III, serviu como Vice-Grão-Mestre de 1803 a 1806,



Na imagem da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o “Olho da Providência” maçônico e illuminati brilhando no topo em indicação clara e evidente de que a Revolução Francesa foi motivada por grupos ocultos.

antes de ser sucedido por Jean-Jacques Régis Cambasseres.

A esposa de Napoleão, a Imperatriz Josephine de Beauharnais (1763-1814), foi iniciada numa Loja feminina em Estrasburgo e ocupou o cargo de Grão-Mestre por algum tempo.

Eugène de Beauharnais, filho único de Josefina do primeiro casamento, aos 24 anos, tendo recebido do padrasto o título de vice-rei da Itália, tornou-se o fundador do Grande Oriente da Itália e do Conselho Supremo da Itália.

Não é de surpreender que, sob esta liderança, tanto militares como civis quisessem entrar nas fileiras dos maçons na primeira oportunidade. Os maçons eram vinte e dois dos trinta marechais de Napoleão, cinco dos seis mem-

bro do Conselho Militar Imperial e seis dos nove ministros do governo.

O governo de Bonaparte tornou-se a idade de ouro da Maçonaria na França.

Durante os 18 anos em que esteve no poder, o número de lojas maçônicas na França aumentou de 300 para 1.220, das quais uma grande parte eram lojas de guerra.

Nos Guerreiros Maçônicos, Bonaparte viu um meio poderoso de unir o exército, uma ferramenta obediente e leal, que foi muito útil no contexto das suas ambições europeias. No desenrolar das operações militares na Europa, os sentimentos internacionais que unem os irmãos foram benéficos para o conquistador.



*O Imperador Napoleão em seu estudo nas Tulherias (Napoléon dans son gabinet de travail aux Tuileries), pintura de 1812 de Jacques-Louis David. O gesto maçônico da “mão escondida” ficou associado com a figura de Napoleão.*

A Irmandade dos Maçons Guerreiros respondeu ao Imperador com reciprocidade. Em muitos templos maçônicos, foram instalados bustos do Imperador, e qualquer crítica ao seu governo foi considerada uma provocação antipatriótica e um grave erro maçônico.

Em 1801, foi fundada em Paris a Loja Bonaparte, que tinha como principal tarefa a glorificação do nome do Imperador. A Loja sobreviveu com sucesso ao exílio e à morte de Napoleão e foi fechada apenas em 1871. Foi capaz de resistir aos anos reacionários graças ao fato de ter sido prudentemente renomeada como Loja de Moderação.

Foram os oficiais militares, subordinados de Bonaparte, que

participaram da expedição egípcia que levou a Maçonaria às margens do Nilo. O General Kleber fundou a Loja Ísis no Cairo, que, segundo alguns pesquisadores, foi co-fundada por Napoleão.

Por que Napoleão, apesar de fazer da Maçonaria parte de sua política governamental, não quis participar diretamente do trabalho de nenhuma Loja ou mesmo de Grande Loja? Não há dúvida de que se ele demonstrasse o menor desejo, receberia imediatamente o título mais elevado e honroso da Ordem.

Se conhecermos o caráter de Napoleão, a resposta a esta questão é bastante óbvia: não lhe bastava ser “o primeiro entre iguais”, tinha que estar “acima” da igualdade. A família Bonaparte descendia de uma antiga família aristocrática florentina. Napoleão tinha todo o direito de acrescentar o título de conde ao nome de sua família, mas nunca aproveitou esta oportunidade. Essa ambição mesquinha não era para ele. Mas ele também não podia deixar ninguém se chamar de “irmão”.

Pela mesma razão, Napoleão certa vez renunciou ao título de Marechal – bastava-lhe que fosse o comandante-em-chefe “de fato”. Posições e títulos não eram atraentes para ele de forma alguma. Napoleão estava interessado apenas no poder real, de preferência absoluto. Tendo recebido juntamente com o título imperial, Napoleão satisfez suas ambições. Neste caso, o trono imperial, ele chamava de “um pedaço de madeira”, e sentado à mesma mesa com a realeza coroada da Europa, podia dar-se ao luxo de lançar a frase: “Quando tive a honra de ser tenente júnior...”.

Porém, o imperador sabia muito sobre propaganda. Quando foi necessário demonstrar a riqueza e o poder do seu império,

ele não foi mesquinho – os seus palácios estavam cheios de ouro, e a corte era a mais refinada e brilhante da Europa.

Depois de se tornar imperador, Napoleão permaneceu intimamente envolvido nos assuntos maçônicos. No local da execução do rei Luís XVI, ele ordenou a instalação de um obelisco com um símbolo maçônico – uma estrela de cinco pontas. Ao criar uma heráldica imperial pessoal, foi usado um dos símbolos dos maçons – uma abelha, que se tornou o símbolo da família de Napoleão.

A abelha é um símbolo muito antigo. No Antigo Egito, acompanhava a deusa Ísis e tinha muitos significados. Para Napoleão, a abelha significava disposição para o sacrifício pelo país e a capacidade de renascer.

Os maçons também reagiram ao aparecimento de um significado adicional no símbolo tradicional. Havia até uma Loja chamada Abelha Imperial.

Desde a época de Napoleão em França, a abelha continua a ser um motivo de moda em joalheria, têxteis e moda. O lenço Hermès (empresa francesa fundada em 1837 por Thierry Hermès como produtora de arreios para cavalos) com estampa de Napoleão foi produzido em 1963. O designer de moda Philippe Ledoux o desenhou.

Pouco depois de Napoleão chegar ao poder em 22 de junho de 1799, um memorando de nove artigos foi assinado entre os dois maiores ramos maçônicos franceses, estabelecendo regras gerais específicas. Em particular, os Veneráveis Mestres foram privados dos seus privilégios exclusivos. Um sistema de eleição de funcionários tornou-se obrigatório para todos os maçons, estabelecendo uma ordem totalmente democrática. Apenas algumas

Lojas do Rito Escocês se recusaram a aderir ao memorando.

Assim, uma Maçonaria Francesa muito variada tornou-se um sistema unido e homogêneo, inteiramente dentro do espírito napoleônico. Logo foi publicado “O Regulador dos Maçons” – um conjunto de regras e rituais para as Lojas do Grande Oriente da França. As Lojas do Rito Escocês também fizeram alterações apropriadas nas suas regras – no entanto, demoraram três anos. Como resultado, os rituais ainda não se tornaram idênticos, mas houve um único Conselho Supremo do 33º grau, cujas decisões tornaram-se vinculativas para todos. O Imperador poderia influenciar qualquer decisão, já que naquela época o Conselho Supremo era chefiado por seu irmão mais velho, José, que se tornou Grão-Mestre.

O “Regulador da Maçonaria”, que unificou as atividades dos maçons, tornou-se um documento que deu continuidade organicamente às reformas de Napoleão, juntamente com a Constituição, o Código Civil, o sistema de educação universal, um sistema único de premiação estatal (a Ordem da Legião de Honra), etc.

Segundo a França, os maçons de outros países europeus começaram a reunir seus rituais em um único sistema. O Marechal do Império, o maçom Jean-Baptiste Jules Bernadotte, que se tornou Príncipe Herdeiro da Suécia, reformou o Rito Sueco. O sistema de 12 graus maçônicos ainda existe hoje.

Friedrich Ludwig Schroeder, Grão-Mestre da Grande Loja Provincial de Hamburgo, inspirado nos antigos ritos dos Templários, desenvolveu o seu Rito, limitado a três graus simbólicos. Hoje, é praticado em algumas Lojas na Alemanha, Hungria, Áustria e Su-

íça.

Na Espanha, o Grão-Mestre Conde François Joseph Paul de Grass também estabeleceu uma hierarquia maçônica chefiada pelo Conselho Supremo.

Em 1806, para celebrar o seu triunfo em Austerlitz, Napoleão decidiu construir o Arco do Triunfo. Uma equipe de construtores e arquitetos, inteiramente formada por maçons, foi criada para implementar o projeto. O Irmão Jean-Baptiste Nomper de Champagny propôs o conceito e escolheu o local para a construção.

O plano inicial foi desenhado pelo arquiteto Charles-Louis Bazar (The Great Sphinx Lodge, Paris), foi concluído pelo arquiteto Jean-François-Thérèse Chalgrin (The Simple Hearts of the Polar Star Lodge, Paris). Os baixos-relevos do arco foram criados pelos escultores maçons François Rueud (lado norte, composição “Marselhesa”) e Jean-Pierre Corto (lado sul, composição “O Mundo de Viena”). O arquiteto oficial do governo, Maison Pierre Fontaine, supervisionou a construção.

Seguindo os líderes militares, a Maçonaria Napoleônica juntou-se às figuras mais proeminentes da ciência e da cultura em França, o orgulho da nação, entre eles Pierre Simon de Laplace, matemático, físico e astrônomo, um dos criadores da teoria das probabilidades e equações diferenciais

Após a batalha de Mont-Saint-Jeann, que ficou para a história como Waterloo, a perda de poder de Napoleão e o seu exílio na ilha de Elba, a grande era das lojas de guerra francesas chegou ao fim.

Após 19 anos do sepultamento de Napoleão em Santa Helena, os restos mortais do Imperador foram transferidos para a França e colocados no túmulo do Hôtel National des Invalides (Palácio dos Inválidos), em Paris. O granito vermelho para o enorme sarcófago foi apresentado à França pelo imperador russo Nicolau I.

A restauração dos Bourbons e a perseguição aos bonapartistas tornaram perigoso o funcionamento da maioria das lojas maçônicas. No entanto, mesmo as lojas dissolvidas não foram fechadas. Segundo a tradição maçônica,



Na gravura com a lista dos membros da Loja Bonaparte, Jean-Baptiste Willermose (1730-1824), que criou um sistema de graus superiores da Maçonaria na França e na Alemanha, está ao lado de Napoleão.



Um "Manto de Abelha" especial foi feito para o Imperador na coroação.

eles foram declarados apenas como "adormecidos". "Dormir" não demorou tanto. Após a deposição de Luís Napoleão III e a proclamação da Terceira República em 1870, a Maçonaria Francesa viveu a segunda idade de ouro, rapidamente relembrando e revivendo as tradições da brilhante era Napoleônica.

### O PAPEL DA MAÇONARIA E DOS ILLUMINATI

O abade jesuíta Augustin Barruél (1741-1820) publica em 1797 o seu Mémoires Pour Servir à l'Histoire du Jacobinisme (Memórias Ilustrativas da História do Jacobinismo), delineando uma conspiração envolvendo os Cavaleiros Templários, os Rosacruzes, os Jacobinos e os Illuminati.

Simultânea e independentemente, o maçom e físico escocês John Robison (1739-1805), professor de história natural na Universidade de Edimburgo, começou a publicar Proofs of a Conspiracy Against All the Religions and Governments of Europe, Carried on in the Secret Meetings of Freemasons, Illuminati and Reading Societies (Pro-

vas de uma Conspiração Contra Todas as Religiões e Governos da Europa, Exercidas nas Reuniões Secretas dos Maçons, Illuminati e Sociedades de Leitura), na qual apresentava evidências de uma conspiração dos Illuminati para substituir todas as religiões e nações com o humanismo e um governo único mundial. Barruél incluiu extensas citações ao livro de Robison em seu próprio livro e acrescentou que a Revolução Francesa foi planejada e controlada pelos Illuminati por meio dos jacobinos.

O general-major conde Arthur Cherep-Spiridovich (1858-1926), um membro da velha aristocracia russa que viu o seu país dizimado pelos bolcheviques e teve de exilar-se nos Estados Unidos, em seu livro The Secret World Government or "The Hidden Hand" (O Governo Mundial Secreto ou "A Mão Escondida"), publicado em 1926, escreveu:

"A Revolução Francesa, assim como a Revolução Russa, foi organizada e financiada pelos Rothschilds com vista a assassinar os cristãos, pilhar e obter todos

os reinos. [...] Todo o banho de sangue desde 1770 foi organizado pelos Rothschilds; e como controlam 90% da imprensa mundial, esta recebeu ordens para ficar calada quanto aos seus feitos nefastos. Os Rothschilds procuram passar uma imagem a mais limpa possível de si mesmos. Receiam que os cristãos deixem de ser os calados imbecis, covardes e lambedores de botas que não tomam posição. Por isso, os Rothschilds pretendem ou alegam que o seu motto é 'Concordia, Industria, Integritas', quando não existe nenhuma família menos íntegra do que eles e nenhuma fez mais para causar disputas sangrentas e assassinios do que estes satanistas. Os Rothschilds têm sido a fonte de todos os acontecimentos políticos e financeiros desde 1770. O seu nome deveria ser mencionado em cada página da história de todos os países. Os escritores, professores e políticos que não falam deles deveriam ser considerados ingênuos, hipócritas ou criminosamente ignorantes."

### OS SIGNIFICADOS OCULTOS DA ESTÁTUA DA LIBERDADE

À entrada do Porto de Nova York, em Liberty Island (Ilha da Liberdade), está a famosa Liberty Enlightening the World (A Liberdade Iluminando o Mundo), nome original da Estátua da Liberdade. Com uma altura de 92,9 metros (sendo 46,9 metros correspondentes à altura da base e 46 metros à altura da estátua), começou a ser montada na França em 1875 e ficou pronta em 1884, ou seja, há 140 anos, sendo então desmontada e enviada para os Estados Unidos em navios para ser remontada em seu lugar definitivo.

A versão oficial é a de que foi doada pelo governo da França como um “gesto de amizade” para celebrar o centenário da assinatura da Declaração da Independência dos Estados Unidos. A verdade, no entanto, é que ela foi doada pela Maçonaria e não pelo governo da França.

Observador atento da política dos Estados Unidos, admirador de sua Constituição e um fervoroso defensor da causa da União durante a Guerra da Secessão, o

maçom francês Édouard René de Laboulaye Lefèvre (1811-1883) foi quem teve, ao final deste conflito em 1865, a ideia de representar a “liberdade” em uma estátua. Eleito senador em 1875 e no ano seguinte nomeado administrador do Collège de France, Lefèvre escreveu vários livros sobre a história política dos Estados Unidos, entre eles *Histoire Politique des États-Unis* (História Política dos Estados Unidos, 3 vols., 1855-66), *Les États-Unis et la France* (Os Estados Unidos e a França, 1862) e *Les Mémoires et la Correspondance de Franklin* (Memórias de Franklin, 1866-67). Seu amigo, o escultor Frédéric Auguste Bartholdi (1834-1904), também maçom, foi quem transformou a ideia em realidade.

O plano original de Bartholdi era para que a estátua fosse colocada em um porto no Egito. Após a sua proposta ser recusada pelo governo egípcio, ele alterou ligeiramente seu design e ofereceu a estátua aos Estados Unidos.

A estrutura metálica interna

foi projetada pelo engenheiro francês Gustave Eiffel (1832-1923), também maçom (pertencente à Loja Alsace-Lorraine), autor de outro famoso monumento maçônico, a Torre Eiffel de Paris. O pedestal foi projetado pelo arquiteto norte-americano Richard Morris Hunt (1827-1895), igualmente maçom.

A cerimônia de inauguração foi uma cerimônia maçônica. Uma placa maçônica colocada ao lado da estátua traz o seguinte texto:

“Neste local em 5 de agosto de 1884, a pedra angular da ‘Estátua da Liberdade Iluminando o Mundo’ foi colocada com uma cerimônia de William A. Brodie, grande mestre maçom do estado de Nova York. Membros da Loja Maçônica, representantes do Governo dos Estados Unidos e da França, oficiais do Exército e da Marinha, membros de Legações Estrangeiras e cidadãos ilustres estiveram presentes. Esta placa é dedicada aos maçons de Nova York, em comemoração ao 100º aniversário daquele aconteci-



Na gravura de 1860, à sombra do Imperador, sobre quem brilha O Olho da Providência, encontram-se 61 figuras históricas da sua época. Entre outros da esquerda estão Désé, Cambassaire, Kleber e os comandantes Davaux, Lannes, Murat, Lasalle, Mathieu Dumas. À direita: Washington, Frederico, o Grande, Alessandro Volta, Diderot, Lased, Lafayette, Parmatier, Helvetia.



*O túmulo de Napoleão no Palácio dos Inválidos fica dentro da imagem do recorrente símbolo do sol.*

mento histórico.”

Originalmente, a estátua deveria estar segurando não uma tocha, e sim um cálice de ouro cheio de “vinho da liberdade”. Este cálice de ouro chegou a ser feito, mas, antes da conclusão e do envio da estátua, as autoridades portuárias de Nova York perguntaram se poderia haver algum tipo de modificação para permitir uma chama eterna ou luz a ser projetada da estátua para que os navios a usassem como um guia de navegação à noite. Bartholdi consentiu em fazer as modificações para permitir que uma chama de gás natural fosse utilizada na tocha. A tocha que vemos hoje é, na verdade, o mesmo tipo de copo usado nos tempos antigos para beber vinho. Ele apresentava um identificador para o copo na parte inferior e o punho se parecia muito com um pedaço de pau. O próprio aspecto dourado foi alterado para estar em conformidade com as neces-

sidades da chama de gás natural.

A taça de ouro original foi mais tarde vendida a Nicolau, o czar da Rússia. Em 1917, durante a Revolução Russa, o governo comunista se apossou dela. O copo permaneceu nas mãos dos russos até que em 1997 foi colocada à venda pelo governo russo para ajudar a pagar a dívida externa do país – não se sabe, todavia, se a taça foi realmente vendida ou não.

A tocha representa a tocha de Prometeu e é o símbolo supremo dos “iluminados” (os que adquiriram o conhecimento secreto da ordem oculta). A história mitológica grega de Prometeu é a mesma alegoria de roubar o fogo (ou seja, o conhecimento) de Deus ou dos deuses e dá-la aos homens, causando assim a ira divina.

Na praça rebaixada em frente ao Rockefeller Plaza, está a estátua de bronze dourada de Prometeu trazendo o fogo para a hu-

manidade de autoria do escultor norte-americano Paul Howard Manship (1885-1966). A inscrição na parede de granito é uma paráfrase de Êsquilo: “Prometeu, professor em todas as artes, trouxe o fogo que tem provido aos mortais um meio para fins poderosos.”

A Estátua da Liberdade está também segurando um livro, símbolo do conhecimento, uma vez que conhecimento é poder, e é isso o que os Illuminati têm. Os Illuminati adoram o conhecimento (gnosis) e preferem manter as outras pessoas no escuro, ou seja, na ignorância.

Os sete raios saindo da cabeça da Estátua da Liberdade representam os raios do Sol ou o conhecimento irradiando para fora da mente. São sete raios em alusão às sete artes ou ciências liberais.

As sete artes liberais englobam, desde a Idade Média, o tri-

vium (cruzamento e articulação de três ramos ou caminhos) e o quadrivium (cruzamento de quatro ramos ou caminhos). O trivium concentra o estudo do texto literário por meio de três ferramentas de linguagem pertinentes à mente: a lógica (ou dialética), a gramática e a retórica. O quadrivium engloba o ensino do método científico por meio de quatro ferramentas relacionadas à matéria e à quantidade: aritmética (a teoria do número), música (a aplicação da teoria do número), geometria (a teoria do espaço) e astronomia (a aplicação da teoria do espaço).

A estátua está fincada no centro de um hendecagrama, um polígono estrela com 11 vértices. A razão para isso é que o 11 representa as forças espirituais do mal ou impuras no misticismo judaico, adverso às Sephiroth (Números) da Árvore da Vida na Cabala. O 11 excede o 10, que é o número dos 10 Mandamentos de Moisés, e fica aquém do número 12, que é de graça e perfeição. Eis porque os Illuminati desencadeiam os grandes eventos de sua Agenda – planejados às vezes com décadas de antecedência – em datas que contêm o número 11 – vide o Assassinato do Presidente John Kennedy em 22 (11 x 2) de novembro (11) de 1963, os Atentados Terroristas ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001 (9/11), Os Atentados de 11 de março de 2004 em Madrid (11-M), O Terremoto e Tsunami de Sendai seguido pelo “Acidente” na Usina Nuclear de Fukushima em 11 de março de 2011, etc.

A Estátua da Liberdade é uma versão moderna do Colosso de Rodes, que por sua vez era uma representação do deus grego do Sol Hélio, cujo símbolo era o Olho Radiante ou Olho que Tudo Vê. A estátua oca de bronze construída entre 292 a.C. e 280 a.C. pelo escultor Carés de Lindos – que

se suicidou logo após tê-la terminado, desgostoso com o pouco reconhecimento público – em celebração à retirada das tropas do rei macedônio Demétrio, que sitiou a ilha na tentativa de conquistá-la, ficava na Ilha de Rodes, de frente para o mar. Tinha 30 metros de altura, 70 toneladas, e cada pé se apoiava em uma margem do canal que dava acesso ao porto, de modo que toda embarcação que chegasse à Ilha de Rodes no Egeu tinha de necessariamente passar sob as pernas da estátua. O material utilizado na escultura foi obtido da fundição dos armamentos que os macedônios ali abandonaram. A estátua ficou em pé por apenas 55 anos, já que em 226 a.C. um terremoto atirou-a no fundo da baía de Rodes. Os habitantes de Rodes jamais a reconstruíram – por recomendação de um oráculo. No século VII, os árabes venderam os restos como sucata. O volume do material era tanto que foram necessários novecentos camelos para transportá-lo. ,

Na mão direita da estátua havia uma tocha ou farol que orien-

tava as embarcações à noite.

O maçom Manly Palmer Hall revelou o significado oculto do Colosso de Rodes em seu livro *The Secret Teachings of All Ages*:

“Esta gigantesca figura dou-rada com a sua coroa de raios solares e sua tocha erguida, significava ocultamente o glorioso Homem-Sol dos Mistérios, o Salvador Universal.”

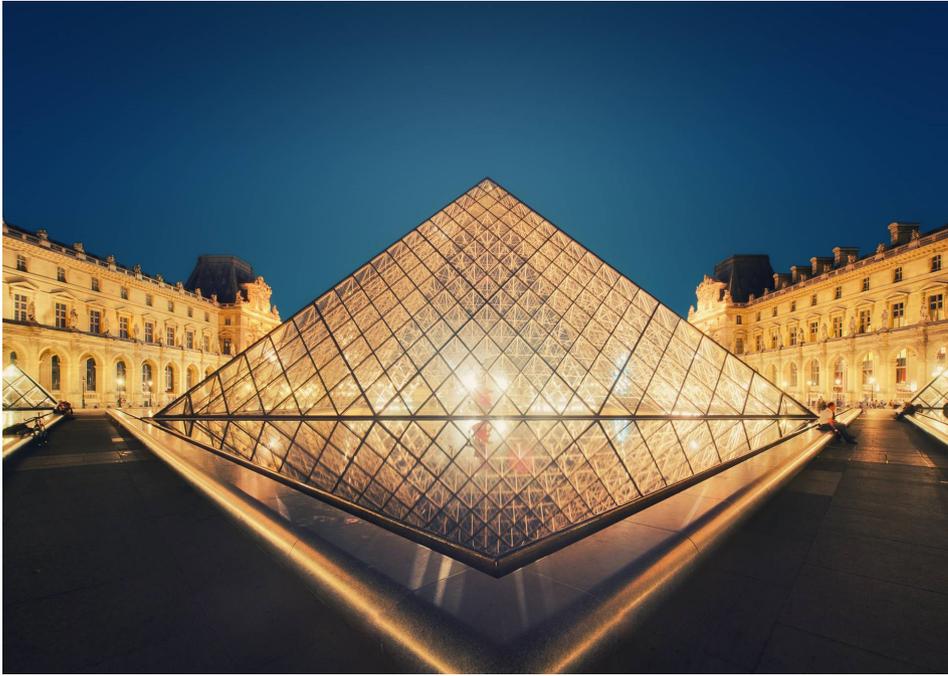
A coroa de raios solares da Estátua da Liberdade é igualmente idêntica à do deus do Sol persa Mitra, incorporado às religiões hindu, grega e romana.

Mitra era identificado com o Sol, como aquele que viajava todos os dias pelo céu com sua caruagem para espantar as forças das trevas. Os soldados romanos lhe ofereciam touros em sacrifício.

Sua primeira aparição remonta a 1400 a.C., sendo descrita como companheira de Varuna, o deus do equilíbrio e da ordem do cosmo em Mitanni, no norte da Mesopotâmia. Entre os persas, apareceu como filho de Ahura



*A coroa de raios solares da Estátua da Liberdade é igualmente idêntica à do deus do Sol persa Mitra, incorporado às religiões hindu, grega e romana.*



*A Grande Pirâmide de vidro e metal do Louvre.*

Mazda ou Ormuzd (Senhor Sábio), deus do bem, segundo as imagens dos templos e os escasos testemunhos escritos. Mitra nasceu perto de uma fonte sagrada, debaixo de uma árvore sagrada, a partir de uma rocha (a pedra generatrix, daí ser denominado de *petra natus*). Nos séculos III e IV da Era Cristã, as religiões romanas, identificando-se com o caráter viril e luminoso do deus, transformaram o culto a Mitra, o Sol Invicto, no mitraísmo.

O nascimento de Mitra era celebrado em 25 de dezembro, dia do solstício de inverno. A principal razão para o mitraísmo ter sido substituído pelo cristianismo, se deveu ao fato de não ser tão inclusivo quanto, já que o culto a Mitra era permitido apenas aos homens e ainda assim apenas aos homens iniciados em um ritual que acontecia somente em algumas épocas do ano. O ritual de iniciação na religião mitraica consistia em levar o neófito amarrado e vendado até o altar de Mitra, onde o sacerdote lhe oferecia a Coroa do Mundo, colocando-a sobre sua cabeça. O neófito deveria recusar a coroa e

responder: “Mitra é minha única coroa.”

A mulher representada na Estátua da Liberdade é a deusa babilônica Ishtar, chamada em dialeto sumério de Inanna ou Ninanna, que significava “Rainha do Céu” ou “Senhora dos Céus”, pois se dizia que ela havia “ascendido em direção às estrelas”. Em Canaã, era chamada de Astarote. Os hititas a chamavam Shaushka. Os fenícios a chamavam de Astarte. Os egípcios deram a ela o nome de Ísis. Os gregos a adoravam por via das influências do Oriente Médio e do Egito. Esta deusa foi chamada de Ashtoreth em hebraico e na versão grega do Antigo Testamento (a Septuaginta). Ashtoreth foi transliterada para o grego como Astarte, que se tornou o nome grego para a deusa, até que mais tarde foi alterado para Afrodite. O termo hebraico Ashtoreth era uma transliteração do termo em dialeto babilônico (acadiano) Ishtar.

Todas essas divindades eram, na verdade, apenas uma deusa, a qual sempre esteve associada com o planeta Vênus.

A deusa babilônica Ishtar era adorada com o nome de “Libertas” pelos romanos em torno do século IV a.C. Ela era a deusa da liberdade pessoal, liberdade essa entendida como qualquer coisa que faz alguém se sentir bem. Seu lema era: “Se você se sente bem em fazer tal coisa, então faça.” Já não ouvimos isso em algum lugar? Aleister Crowley dizia: “Faça o que tu queres, há de ser o todo da Lei.” Não é à toa que um dos títulos de Ishtar era “Guardiã da Lei”. Os escravos a adoravam na esperança de ganhar a liberdade. Ela era a matrona da prostituição porque promovia a liberdade sexual. As prostitutas lhe prestavam culto, e havia até sacerdotisas do culto Libertas.

Libertas também era uma deusa da guerra para os que lutavam pela liberdade. Ela também foi referida como a deusa da vitória, porque para haver liberdade deveria haver vitória. Ela era também a deusa dos imigrantes, uma vez que toda a ideia de imigração conota a ideia de liberdade. Era a ela que os párias sociais recorriam, pelo que ficou conhecida também como a “Mãe de Exilados”.

Por tudo isso ela se tornou muito popular, e ainda mais porque ouvia as orações em termos pessoais e particulares.

Em algumas moedas romanas ela aparece usando uma coroa de flores e segurando uma lança e às vezes uma espada. Às vezes, ela estava bem vestida e em outras vezes sedutoramente despida.

Em seu famoso soneto “The New Colossus” (“O Novo Colosso”), escrito em 1883 e que em 1912 foi gravado numa placa de bronze no pedestal da Estátua da Liberdade, a poetisa Emma Lazarus (1849-1887) refere-se à mulher representada como a “Mãe de Exilados”. A deusa babilônica Ishtar também era a deusa

padroeira dos imigrantes na Babilônia.

Um aspecto de Ishtar que mais fascinava era a sua doutrina de sexo sagrado que pregava a salvação por meio de relações sexuais com os sacerdotes ou as sacerdotisas do templo, como se esses atos, por serem praticados com “santos” ou “santas”, conduzissem à purificação e à santidade. Logicamente isso implicava o pagamento de taxas ao sacerdote ou à sacerdotisa, conforme oficialmente sancionado, para a efetivação do processo de “limpeza”. Era a “prostituição sagrada”, tão famosa na Antiguidade. Assim, Ishtar introduziu o conceito de remoção dos pecados pela prática do pecador se envolver em um rito “santificado” de relações sexuais com uma sacerdotisa ou sacerdote. Era uma “oferta” de ação de graças para a purificação. Foi assim que a prostituição foi oficialmente introduzida e sancionada na história humana.

As relações sexuais em troca de dinheiro eram chamadas de porneoh (luxúria), de onde vem o termo “pornografia”. Se em Apocalipse 17:5 a “Grande Babilônia” é referida como “a mãe das prostituições e das abominações da terra”, poderíamos inferir que a mulher descrita em Apocalipse 17:1-10 é a Estátua da Liberdade.

A deusa mãe era uma divindade primordial associada com as águas (caos/abismo), de onde tudo nasceu por partenogênese. É por isso que a Estátua da Liberdade foi colocada no local mais oriental dos Estados Unidos. O Sol nasce na água em uma pequena ilha no leste, na entrada do Porto de Nova York. Mas não é só a partir deste poderoso centro financeiro que Ishtar irradia a sua luz, já que réplicas da Estátua da Liberdade estão espalhadas em vários lugares do mundo

## **CONCLUSÃO: NOS JOGOS OLÍMPICOS (OU VORAZES), OS ÚNICOS QUE SAEM GANHANDO SÃO AS ALTAS ELITES**

Se nas últimas cerimônias de abertura de Jogos Olímpicos – com destaque para a de Londres em 27 de julho de 2012, no qual vimos até mesmo a antecipação da futura pandemia de Covid-19 – você ficou encafifado, pensando: “Mas que diabos isso tem a ver com esportes?”, então você não estava sozinho. Por outro lado, só os que não buscam entender como essas linhagens antigas usam o poder dos símbolos e rituais para hipnotizar os não iniciados, é que ainda podem ficar perplexos ante a rudeza do que vem sendo apresentado como um espetáculo de entretenimento público.

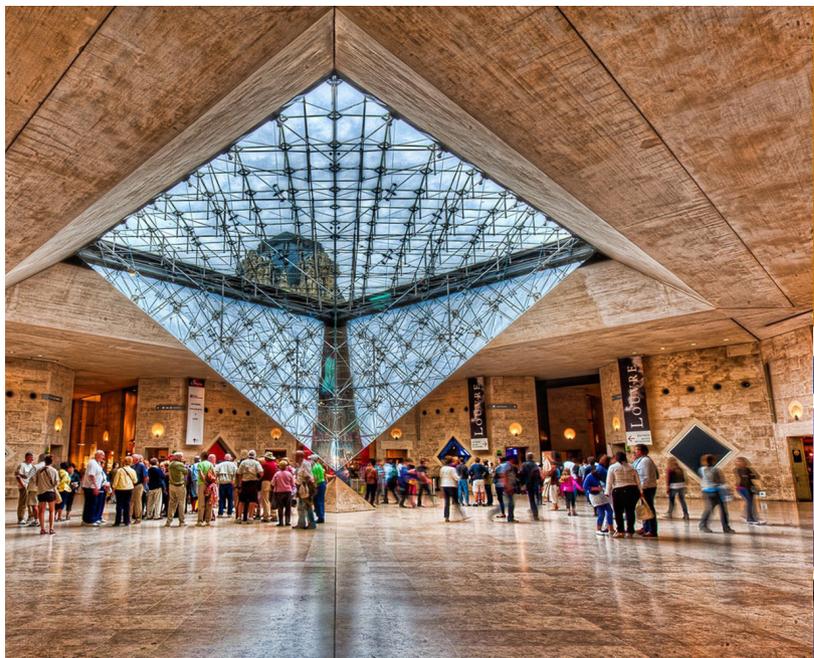
Nenhum outro evento de massas na história vem trazendo em seu design e cerimônias tantas alusões à escravização da população mundial e a consequente perda de suas liberdades civis quanto os Jogos Olímpicos, com uma vasta gama de símbolos e programações preditivas da Elite Oculta, dos maçons, illuminati, do grupo Bilderberg e, claro, das

dinastias da Família Real Inglesa, dos Rockefellers e dos Rothschilds, que anunciam estarem próximos de alcançarem os seus objetivos de um governo, economia e religião mundiais únicos.

Notoriamente, essa Elite usa toda sua simbologia satânica nas olimpíadas para um ensaio de tudo aquilo que irá nos afetar de modo dramático nos anos vindouros. Com os olhos do mundo agora voltados para Paris, no coração das operações dos Illuminati, não há dúvida de que a oportunidade de avançar a sua agenda maligna por meio de rituais não será desperdiçada.

Este processo precede todos os Jogos Olímpicos, que é projetado pela Elite dominante para os verdadeiros aproveitadores olímpicos; um nexo de interesses poderosos que vê ganhos tanto a curto como a longo prazo em cada cidade anfitriã.

Este evento desportivo altamente lucrativo e subsidiado publicamente atrai sempre os principais aspirantes a grandes cidades do mundo, utilizando todos e quaisquer métodos para bajular um comitê olímpico ir-



*A pirâmide apontada para baixo expressaria o lema Rosacruz V.I.T.R.I.O.L.*

responsável, cada um usando a sua força política para garantir que a sua cidade seja o próximo local escolhido. Os Jogos Olímpicos retiraram milhões de libras, ienes, dólares e reais das receitas fiscais dos países anfitriões para construir magníficos estádios e instalações turísticas, militarizar a cidade, atropelar as liberdades civis e construir instalações elaboradas com vida útil de apenas algumas semanas.

Londres 2012, originalmente previsto para custar 2,4 bilhões de libras, acabou custando mais de 24 bilhões de libras (algo em torno de 161 bilhões e 616 milhões de reais). Só em obras, foram gastos 9,3 bilhões de libras, com contratos a serem celebrados com alguns dos empregadores mais flagrantes do mundo e violadores globais dos direitos humanos, em uma transferência massiva do setor público para o privado numa época de austeridade. Os gastos excessivos de Londres foram retratados pelas autoridades como algo único, mas uma olhada na história das Olimpíadas mostra que subestimar o custo é uma parte consistente da experiência olímpica.

As Olimpíadas de Montreal de 1976 levaram mais de 30 anos para saldar a dívida acumulada como resultado de gastos excessivos; os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004 cresceram quase cem vezes em relação ao orçamento, de 123 milhões de euros para 11,5 bilhões de euros em custos que contribuíram significativamente para o déficit da Grécia; os Jogos Olímpicos de Vancouver em 2010 acabaram por gastar seis vezes a projeção original de US\$ 1 bilhão; e os Jogos do Rio de Janeiro em 2016 custaram 43,75 bilhões de reais, sendo 22,23 bilhões (50,81% do total gasto) referentes a recursos privados e outros 21,52 bilhões (49,19% do total gasto) públicos. Dois anos antes, o governo de esquerda brasileiro já tinha gasto 26 bilhões para a Copa do Mundo.

Na verdade, com exceção dos Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984 – onde a pressão de baixo para cima significou que nenhum dinheiro público foi gasto nos jogos, garantindo assim um excedente de 233 milhões de dólares para a cidade –, os Jogos Olímpicos excedem sempre as

despesas projetadas, sobrecarregando as cidades com décadas de dívidas, muitas vezes reembolsados por meio de cortes nos serviços, impostos regressivos e aumento de tarifas.

Os ganhos reais para os ricos podem ser testemunhados nas implicações a longo prazo, quando as multidões voltam para casa. Ao contrário da crença popular, a devastação infligida às comunidades mais pobres e historicamente marginalizadas não é simplesmente um efeito secundário adverso, mas vai à própria essência da razão pela qual as cidades lutam para acolher os Jogos. Os Jogos não são realizados simplesmente para “limpar” e “revitalizar” a cidade, mas para reconfigurá-la fundamentalmente, para “limpá-la” dos seus pobres e indesejáveis; não apenas abrir caminho para uma cidade dos ricos e para os ricos, mas também expandir o terreno da atividade lucrativa.

Políticas de “limpeza” foram feitas nas favelas que circundam a cidade do Rio de Janeiro, com 6.000 residentes pobres despejados à força sob a mira de armas,



*O Grande Arco de la Défense. No topo, Jean-Pierre Raynaud projetou um pavimento com doze signos do zodíaco, como se vê nas naves dos templos maçônicos.*

como parte da política governamental de “pacificação” que envolveu mais de 3.000 militares que invadiram para “assumir o controle” das áreas. Isso resultou em batalhas de rua e na morte de mais de 30 moradores. A Associated Press mostrou que só em 2010, 170.000 pessoas enfrentaram a perda de suas casas devido à dupla ameaça dos Jogos Olímpicos de 2016 e da Copa do Mundo de 2014.

A história em cada cidade afetada é quase sempre idêntica. Uma vez selecionada, uma cidade gasta grandes quantidades de recursos públicos para iniciar um programa de deslocamento forçado, especulação imobiliária, projetos de renovação urbana, demolição de habitações públicas e gentrificação (segregação socioespacial). Na verdade, se há um fio condutor em quase todos os eventos olímpicos, é o fato de os pobres subsidiarem a sua própria espoliação violenta.

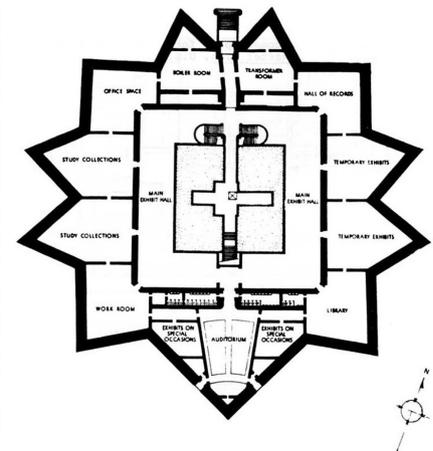
Qualquer leitura da história olímpica revela os verdadeiros motivos de cada cidade-sede. É a necessidade de chocar, de acelerar a desapropriação dos pobres e marginalizados como parte das

maquinações mais amplas de apropriação. Os arquitetos deste plano precisam de um espetáculo retumbante, um dispositivo hegemônico para reconfigurar os direitos, as relações espaciais e a autodeterminação da classe pobre da cidade, para reconstituir para quem e com que propósito a cidade existe.

As Olimpíadas, mais do que qualquer outro evento, oferecem exatamente esse tipo de prerrogativa.



Hendecagram, polígono estrela com 11 vértices.



A Estátua da Liberdade está fincada no centro de um hendecagram, um polígono estrela com 11 vértices.

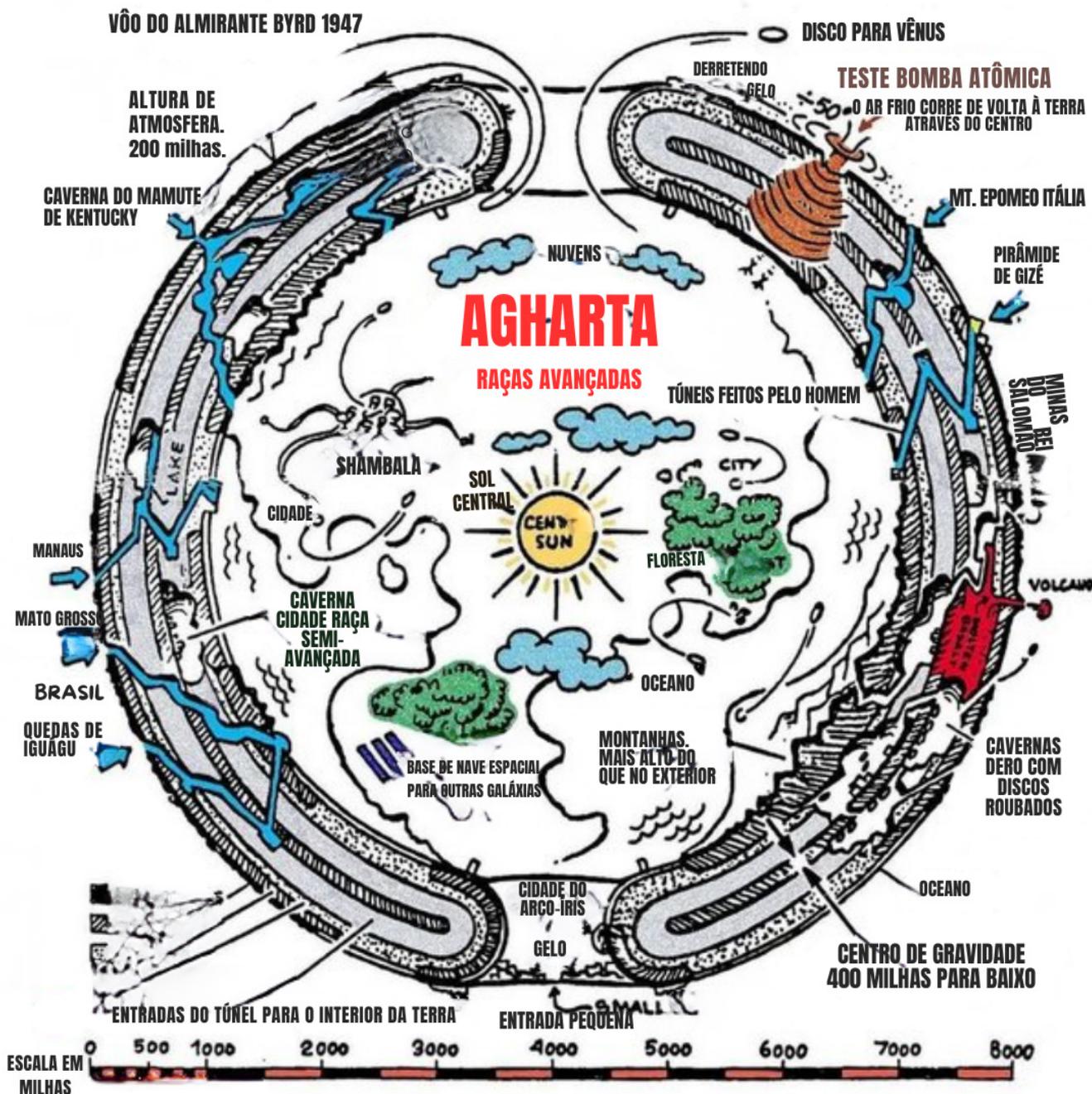


A montagem da Estátua Liberdade, um presente da Maçonaria francesa.

POR ANDRÉ DE PIERRE

# O MUNDO INTRATERRENO

Uma história surpreendente que deixará muitos perplexos pela abundância de evidências de que não estamos sozinhos na Terra...apenas arranhamos a superfície.



Muita polêmica tem girado em torno do formato da Terra e da possível existência de um mundo intraterreno. Entretanto, nem sempre foi assim. Atualmente, a visão científica dominante, promovida por instituições como a NASA, defende que a Terra é redonda e o subsolo é composto apenas por terra, rochas, magma e metal fundido.

Contudo, desde os primórdios, os povos deste planeta acreditaram, quase que de forma unânime, em uma Terra plana e em um mundo subterrâneo densamente povoado por diversas espécies, inclusive, inteligentes.

De fato, não existe uma imagem completa da Terra vista do espaço; todas as representações são modelos gráficos feitos em computador. Como a maioria das pessoas no mundo não tem a capacidade de construir um foguete para observar o formato do planeta do espaço ou não possui verba e preparo para uma expedição subterrânea, resta-nos apenas informar que existem outras teorias que vão além da Terra apresentada pela NASA e pela elite mundial.

Em uma análise precisa, é possível concluir que a maioria das pessoas acredita em formatos diferentes do globo terrestre, considerando que quase todas as religiões e conhecimentos antigos defendem a ideia da Terra plana e de um mundo subterrâneo.

Vamos conhecer um pouco mais sobre cada uma dessas ideias ancestrais.

### **COSMOVISÃO ALTERNATIVA**

Em 1946-47, o almirante da Marinha dos Estados Unidos, Richard Evelyn Byrd Jr. (1888-1957), liderou a impressionante operação High Jump (Salto Alto), durante a qual foram descobertos e mapeados 1.390.000 km<sup>2</sup>



*Imagem da Operação Highjump(1946-1947) liderada pelo Almirante Richard Byrd.*

de território antártico. Após retornar, Byrd deu entrevistas para rádio e televisão nas quais afirmou a existência de uma “enorme massa de terra do tamanho da América, além do Polo Sul.”

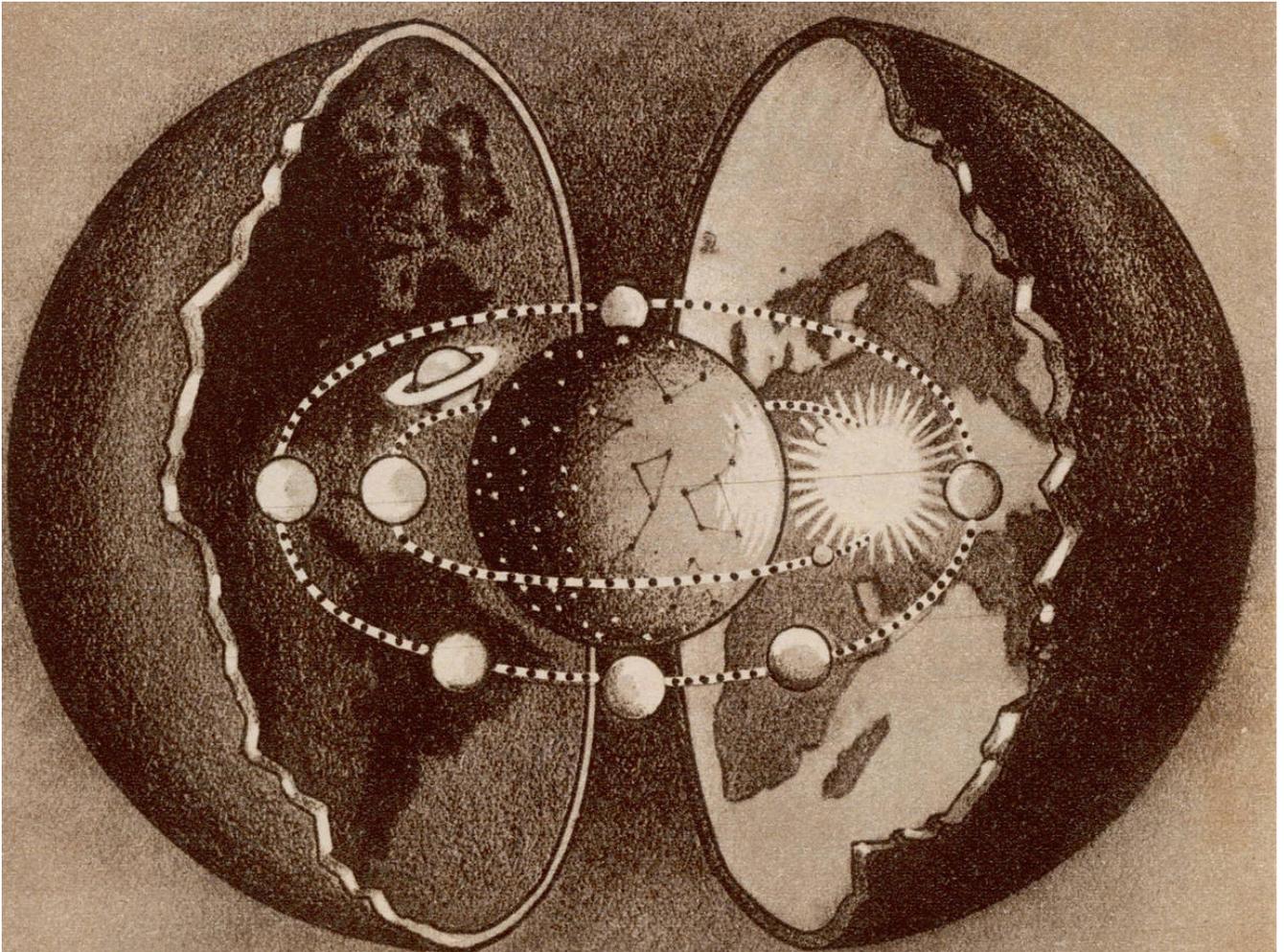
Após a devastação da Segunda Guerra Mundial e com o surgimento da Era Atômica, a teoria da Terra Oca, antes relegada ao esquecimento, ressurgiu com novas evidências e um defensor inesperado. Essa narrativa começa com um famoso almirante americano e se estende às obras de Francis Amadeo Giannini, ganhando vida nas páginas de Ray Palmer, um editor visionário.

As missões secretas e as descobertas antárticas do herói americano, Almirante Byrd, especialmente durante a Operação High Jump, forneceram a Giannini material crucial para suas revolucionárias teorias sobre a Terra Oca. Em seu livro “Mundos Mais Além dos Polos: Continuidade Física do Universo”, Giannini argumentava que a Terra não era um planeta esférico, como comumente aceito, mas parte de uma estrutura maior e mais complexa.

Seu livro desafiava as noções tradicionais de geografia e astronomia, sugerindo que os polos não eram barreiras, mas portais para outras terras e civilizações.

Giannini propôs que os polos norte e sul da Terra não representavam limites físicos. Em vez disso, ele acreditava que a Terra se estendia muito além desses polos, formando parte de um universo paralelo ou uma continuidade física maior. Essa visão sugere que, em vez de terminar nos polos, a Terra continua, possivelmente de maneira infinita, em terras e civilizações desconhecidas.

Essa teoria desafiava não apenas a geografia convencional, mas também as noções estabelecidas de astronomia e física, propondo uma realidade em que o mundo conhecido é apenas uma pequena parte de um cosmos muito mais vasto e misterioso. Ray Palmer, um editor entusiasmado por ficção científica e fenômenos inexplicáveis, encontrou nas teorias de Giannini um tesouro. Ele viu uma conexão entre as viagens de Byrd e a possibilidade de um mundo desconhecido, usando



*Mapa da exótica Teoria da Terra Cônica, defendida pelos famosos cientistas Edmond Halley e Leonard Euler.*

sua influência para divulgar essas ideias ao público. Sua revista, "Flying Saucers", não apenas popularizou a teoria da Terra Oca, mas também a conectou à crescente fascinação pelos OVNIs.

Sob a orientação de Palmer, a teoria da Terra Oca ganhou nova vida. As evidências apresentadas por Giannini, combinadas com as descobertas de Byrd e a paixão de Palmer, sugeriram um cosmos muito diferente do que a ciência convencional compreende. O que antes era considerado ficção agora parecia uma possibilidade real.

Um diário assinado pelo Almirante Richard E. Byrd supostamente revela uma das maiores descobertas não registradas na história moderna. Acredita-se que este diário tenha sido man-

tido em segredo por muitos anos, vindo à luz apenas após sua morte, possivelmente descoberto entre seus pertences pessoais ou entregue por um confidente.

De acordo com os relatos, o diário de Byrd detalha uma expedição secreta em que ele teria sobrevoado o Polo Norte e descoberto uma entrada para o interior da Terra. Este mundo interno, descrito como uma terra de clima ameno, habitada por seres avançados e uma civilização próspera, contradiz completamente a geografia da Terra como conhecemos.

O diário menciona o encontro de Byrd com os habitantes deste mundo interno, descritos como seres altamente evoluídos e possuidores de conhecimentos e tecnologias muito além do que se

conhece na superfície da Terra. Esses seres teriam compartilhado com Byrd suas preocupações sobre o curso da humanidade e os perigos que ela enfrenta, incluindo o uso de armas nucleares. Byrd, segundo o diário, teria recebido mensagens de paz e advertências para a humanidade na superfície, enfatizando a necessidade de mudar seu curso destrutivo e buscar a harmonia com o planeta e seus habitantes.

Em 1823, uma proposta audaciosa agitou a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Richard Johnson, que se tornaria vice-presidente, apresentou um requerimento inusitado: financiar uma expedição ao centro da Terra. Essa ideia, aparentemente absurda, foi inspirada pelas teorias de John Cleves Symmes, um visionário e capitão aposentado,

defensor da teoria da Terra oca e habitável.

Symmes, veterano da Guerra da Independência, propôs que a Terra fosse composta de esferas concêntricas com aberturas nos polos. Ele acreditava em uma terra interna florescente, acessível através dessas aberturas polares, e se ofereceu para liderar uma expedição de exploração. Em 1692, o famoso astrônomo Edmund Halley, descobridor do cometa que leva seu nome, declarou que “sob a crosta terrestre havia um vazio, dentro do qual giravam três planetas do tamanho de Vênus, Marte e Mercúrio.” Halley não estava sozinho; pouco depois, o famoso matemático alemão Leonard Euler acrescentou uma pequena modificação às observações de Halley. Ele unificou os três planetas em um só, ao qual atribuiu luz diurna e uma avançada e próspera civilização. Esta ideia foi seguida por Cotton Mather, que falou de um “universo interior.” Duas décadas mais tarde, o barão Holberg escreveu um romance em que o protagonista caía dentro da Terra e descobria um Sol e um Sistema Solar interno, tornando-se ele mesmo, durante três dias, um satélite giratório. Um dos últimos cientistas a se unir a Halley e Euler foi o escocês Sir John Leslie, célebre por suas investigações sobre radiação, que especulou sobre uma Terra oca com dois planetas resplandecentes chamados Proserpina e Plutão.

Peter Bender, influenciado por escritos antigos e teorias esotéricas, revigorou a crença em um mundo interno misterioso. Suas descobertas, baseadas em documentos antigos como ‘A Espada de Fogo’ e teorias de Cyrus Teed e Marshall Gardner, deram origem ao movimento Hohl Welt Lehre, que promovia a ideia de uma Terra oca habitada por uma civilização avançada. Ele acreditava em

uma Terra côncava, onde a vida se encontrava aderida à superfície interna devido a determinados efeitos das radiações solares. Mais adiante, a rocha se estendia até o infinito. A camada de ar no interior teria uma espessura de sessenta quilômetros e depois se rarefazia até o vazio absoluto do centro, onde se encontravam três corpos: o Sol, a Lua e o Universo fantasma. Este Universo fantasma seria uma bola de gás azulado, onde brilham grãos de luz que os astrônomos chamam de estrelas. Quando essa massa azul passa diante do Sol, cai a noite sobre uma parte da concavidade terrestre, e a sombra dessa massa sobre a Lua produz os eclipses. Acreditamos em um Universo exterior, situado acima de nós, porque os raios luminosos não se propagam em linha reta: são curvos, exceto os infravermelhos.

Os nazistas abraçaram os trabalhos de Peter Bender, seguidos pelos escritos de Johannes Lang, Karl Neupert e Fritz Braun. Durante os anos 30, a teoria da Terra Oca apaixonou determinados círculos da liderança do partido nazista.

A narrativa de Edward Bulwer Lytton sobre uma força chamada Vril, descrita em seu livro “Vril: O Poder da Raça Vindoura,” capturou a imaginação dos nazistas. Eles acreditavam que o Vril era uma energia poderosa capaz de transformar completamente a humanidade e conceder-lhes supremacia mundial. Esta energia mística, escondida nas profundezas da Terra, tornou-se o foco de intensa pesquisa.

Os líderes nazistas, fascinados por ocultismo e mistérios antigos, viam na teoria do Mundo Oco uma oportunidade de descobrir tecnologias e sabedorias perdidas. Eles lançaram várias expedições secretas, comandadas por cientistas e exploradores, na busca pela entrada desse mundo oculto, esperando encontrar a chave para uma força invencível.

## O TESTAMENTO DE OLAF JANSEN

Olaf Jansen era um marinheiro norueguês que viveu no século XIX. Sua história ganhou notoriedade quando, já em idade avançada, ele compartilhou suas experiências extraordinárias com Willis George Emerson, que

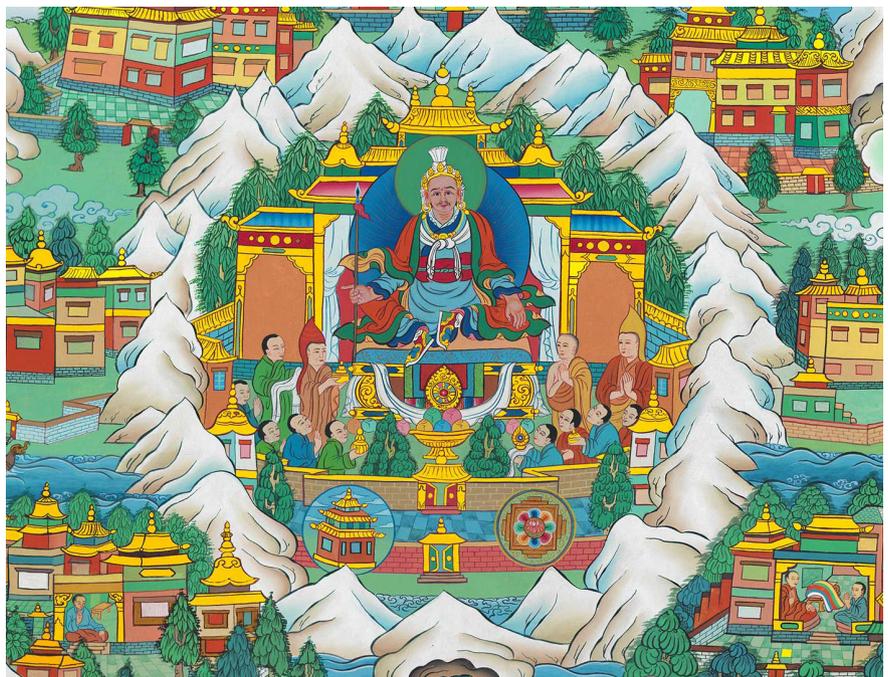


Ilustração tibetana de Shambala.



*Afegão Haji Sharif, uma figura misteriosa que revelou tradições orientais, incluindo as histórias sobre Agharta.*

posteriormente publicou o relato em um livro intitulado "The Smoky God, or a Voyage to the Inner World" (em português, "O Deus Fumegante, ou uma Viagem ao Mundo Interior"), lançado em 1908.

Segundo Jansen, ele e seu pai, um pescador, embarcaram em uma jornada rumo ao Polo Norte em 1829. Durante essa expedição, eles alegaram ter descoberto uma entrada que os levou ao interior da Terra, onde viveram por dois anos entre uma civilização avançada e benevolente. Após essa experiência, Olaf Jansen passou o restante de sua vida tentando convencer o mundo da existência desse mundo subterrâneo.

O relato de Olaf Jansen começa com uma viagem de pesca ao Ártico. Ele e seu pai partiram

da costa da Noruega visando explorar as águas gélidas do norte. Segundo Jansen, durante a viagem, eles foram pegos por uma tempestade que os empurrou por uma abertura no Polo Norte, levando-os a um vasto oceano interior iluminado por um "sol interno".

Esse "sol interno" é descrito como uma esfera incandescente que brilha de forma constante, proporcionando luz e calor suficientes para sustentar a vida. Jansen e seu pai foram recebidos por uma raça de seres gigantes, com mais de 3 metros de altura, que habitavam esse mundo subterrâneo. Esses seres eram tecnologicamente avançados e viviam em uma sociedade pacífica e harmoniosa, com um profundo conhecimento de ciências e artes.

Os habitantes do mundo interior, segundo Jansen, possuíam uma vida longa e saudável, vivendo por centenas de anos. Eles utilizavam uma tecnologia que parecia mágica para os visitantes, incluindo formas avançadas de transporte e comunicação. A flora e fauna do mundo subterrâneo eram exuberantes e exóticas, com plantas gigantescas e animais que não existiam na superfície da Terra.

Um dos aspectos mais impressionantes do relato de Jansen é a descrição do "Deus Fumegante," uma referência ao sol interno que fornecia luz e energia para todo o mundo subterrâneo. Este sol era adorado como uma divindade pelos habitantes locais, que acreditavam que ele era a fonte de toda a vida e prosperidade.

Após dois anos no mundo interior, Jansen e seu pai decidiram retornar à superfície. Eles encontraram uma passagem que os levou ao Polo Sul, onde foram resgatados por uma equipe de exploradores. Infelizmente, o pai de Jansen morreu durante o retorno, deixando Olaf para contar a incrível história.

Ao tentar compartilhar sua experiência, Jansen enfrentou descrença e ridicularização. Considerado louco, ele passou vários anos internado em uma instituição para doentes mentais. Sua história só ganhou notoriedade após sua morte, quando Willis George Emerson publicou seu relato.

## **SHAMBALA**

Há milhares de anos, circulam rumores e relatos sobre um paraíso inacessível situado em algum lugar além do Tibete, entre os picos gelados e vales isolados da Eurásia. Esse lugar de sabedoria universal e paz indescritível é conhecido como Shambhala, embora tenha outros nomes.

A ideia de Shambhala tem sido explorada na literatura e no cinema, retratada como uma utopia mágica. É descrita como uma comunidade onde seres perfeitos e semi-perfeitos vivem e guiam a evolução da humanidade. No Tibete, Shambhala é vista como a fonte do Kalachakra, o ramo mais elevado e esotérico do misticismo tibetano.

De acordo com as lendas, apenas os puros de coração podem viver em Shambhala, onde desfrutam de perfeita felicidade e nunca conhecem sofrimento, necessidade ou velhice. Amor e sabedoria reinam e a injustiça é desconhecida. Os habitantes são longevos, possuem corpos belos e perfeitos e têm poderes sobrenaturais. Seu conhecimento espiritual é profundo, seu nível tecnológico altamente avançado, suas leis são brandas e seu estudo das artes e ciências abrange toda a realização cultural, mas em um nível muito mais elevado do que qualquer coisa que o mundo exterior tenha alcançado.

Shambhala é um lugar oculto. Muitos exploradores e buscadores de sabedoria espiritual tentaram localizá-la, mas nenhum conseguiu determinar sua localização exata em um mapa. Todos afirmam que ela existe nas regiões montanhosas da Eurásia. Muitos voltaram acreditando que Shambhala está na borda da realidade física, como uma ponte que conecta este mundo a outro além dele.

No sânscrito e no tibetano, Shambhala foi identificada por alguns estudiosos com Balkh, no extremo norte do Afeganistão, um antigo assentamento conhecido como “a mãe das cidades”. O folclore afegão atual afirma que, após a conquista muçulmana, Balkh era conhecida como a “Vela Elevada” (“Sham-i-Bala”), uma persianização do sânscrito

Shambhala.

Os lamas tibetanos dedicam grande parte de suas vidas ao desenvolvimento espiritual antes de tentar a jornada para Shambhala. Os guias para Shambhala descrevem a rota de forma tão vaga que apenas aqueles já iniciados nos ensinamentos do Kalachakra podem entendê-los.

À medida que o viajante se aproxima do reino, suas direções tornam-se cada vez mais místicas e difíceis de correlacionar com o mundo físico. Um lama escreveu que a vaguidade desses livros é intencional, destinada a manter Shambhala oculta dos bárbaros que tomarão o mundo.

A profecia de Shambhala fala da deterioração gradual da humanidade à medida que a ideologia do materialismo se espalha pela Terra. Quando os bárbaros que seguem essa ideologia estiverem unidos sob um rei malvado e acharem que não há mais nada a conquistar, as névoas se levantarão para revelar as montanhas nevadas de Shambhala. Os bárbaros atacarão Shambhala

com um enorme exército equipado com armas terríveis. Então, o 32º rei de Shambhala, Rudra Cakrin, liderará um poderoso exército contra os invasores. Em uma última grande batalha, o rei malvado e seus seguidores serão destruídos.

Com o choque das culturas do Oriente e do Ocidente, o mito de Shambhala ressurgiu das névoas do tempo. Hoje, temos acesso a muitos textos budistas sobre o assunto, juntamente com relatos de exploradores ocidentais que se aventuraram na árdua jornada em busca de Shambhala. Há muito a aprender para nossa própria jornada de entendimento espiritual.

## AGHARTA

Desde tempos imemoriais, várias culturas ao redor do mundo têm alimentado a ideia de um mundo oculto situado nas profundezas da Terra. Contos e tradições orais falam de civilizações subterrâneas que construíram um reino de paz, prosperidade e elevado poder espiritual.



*Rudra Cakrin, 32º rei de Shambhala, liderará um exército contra os invasores da superfície.*

Os primeiros exploradores europeus que chegaram ao Tibete relatavam consistentemente histórias sobre um centro espiritual secreto de grande poder. Aventureiros narravam contos fascinantes sobre um reino oculto nas proximidades do Tibete, conhecido por muitos nomes locais e regionais, o que gerava confusão entre os viajantes quanto à verdadeira identidade desse reino. Esse lugar misterioso era frequentemente chamado de Agharta (também escrito como Agharti, Asgartha ou Agarttha), embora atualmente seja mais comumente associado a Shambhala.

Segundo a lenda, Agharta seria um reino subterrâneo enigmático, localizado em algum ponto abaixo da Ásia e conectado a outros continentes via uma extensa rede de túneis. Essas passagens, em parte formadas naturalmente e em parte obra da civilização que criou essa nação subterrânea, permitiriam a comunicação entre diversos pontos do globo, existindo desde tempos ancestrais. Diz-se que muitos desses túneis ainda existem hoje, enquanto outros foram destruídos por catástrofes ao longo do tempo.

A localização exata dessas passagens e os métodos de entrada são supostamente conhecidos apenas por iniciados de alto grau, e esses detalhes são cuidadosamente guardados, pois o reino em si é um vasto depósito de conhecimento secreto. Há quem acredite que esse conhecimento seja derivado da civilização perdida de Atlântida e de povos ainda mais antigos, os primeiros seres inteligentes a habitarem a Terra.

O primeiro ocidental a divulgar amplamente a lenda de Agharta foi um escritor talentoso e autodidata, o francês Joseph-Alexandre Saint-Yves (1842-

1910), que, além de ser um ocultista, promovia em seus escritos a ideia de uma forma de governo chamada “Sinarquia”, onde o corpo político seria tratado como um organismo vivo, governado por uma elite espiritual e intelectual.

Em busca de um conhecimento universal, esse escritor começou a estudar sânscrito, a língua clássica da Índia, em 1885, e descobriu muito mais do que esperava. Seu tutor, um príncipe afegão chamado Haji Sharif, uma figura misteriosa, lhe revelou tradições orientais, incluindo as histórias sobre Agharta. Os manuscritos dessas lições, preservados em uma renomada biblioteca, mencionam que essa escola mística mantém o idioma original da humanidade e seu alfabeto de 22 letras.

Com o conhecimento adquirido, o estudioso passou a receber mensagens telepáticas de altos mestres espirituais do Tibete como o Dalai Lama e a realizar jornadas astrais para Agharta. Os relatos detalhados dessas experiências formaram uma série de

livros que abordavam missões espirituais e políticas, “Mission des Souverains”, “Mission des Ouvriers”, “Mission de Juifs” e, finalmente, “Mission de l’Inde” (A Missão da Índia). Neles, Agharta é descrita como uma terra escondida no Oriente, abaixo da superfície da Terra, onde uma população vasta é governada por um líder espiritual, assistido por dois conselheiros.

Segundo os relatos, Agharta foi transferida para o subterrâneo no início da era de Kali Yuga, por volta de 3200 a.C., para escapar do caos e da energia negativa da superfície. Lá, os “magos de Agarttha” trabalham isoladamente em cavernas e túneis para restaurar o equilíbrio do mundo.

De tempos em tempos, Agharta envia emissários para o mundo superior, mantendo um conhecimento completo sobre a superfície. A civilização de Agharta desfruta de uma tecnologia muito mais avançada que a nossa, com acesso a toda a sabedoria acumulada ao longo dos séculos. Entre seus muitos segredos estão o conhecimento sobre a relação entre



*Ferdinand Ossendowski (1876-1945).*

alma e corpo e os métodos para manter a comunicação entre os vivos e os mortos.

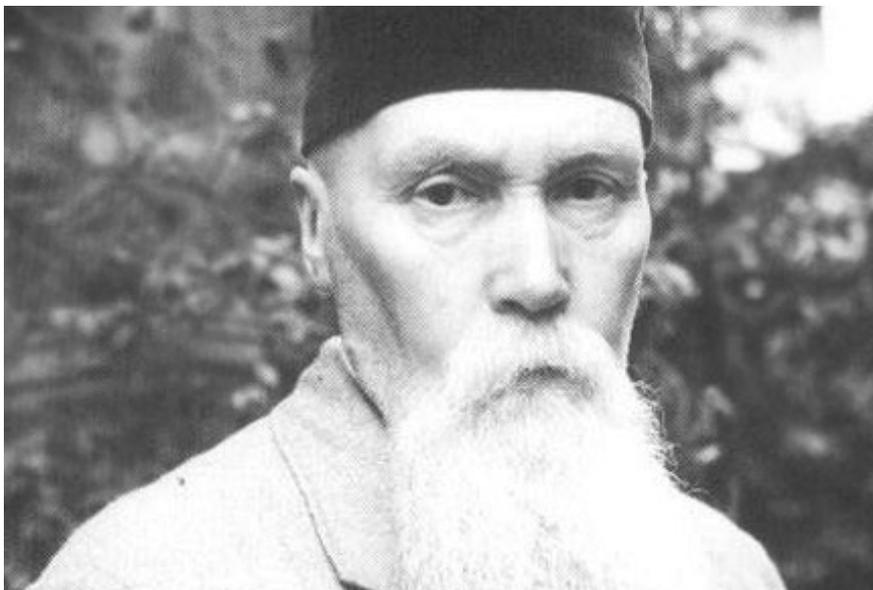
Para o escritor que popularizou Agharta, esses seres superiores são os verdadeiros autores da Sinarquia, irradiando essa forma de governo para o mundo há milênios. Ele acreditava que quando o mundo adotasse a Sinarquia, Agharta finalmente se revelaria.

Apesar de muitos considerarem suas descrições como fabulosas, o estudioso acreditava firmemente na existência de Agharta, considerando-a uma realidade incontestável. Até o início do século XX, a lenda de Agharta era amplamente vista como apenas isso: uma lenda. As histórias sobre Agharta se espalharam pela Europa, mas as evidências permaneciam escassas. No entanto, no século XX, dois exploradores russos trouxeram novos relatos sobre Agharta, que se tornaram a base do conhecimento atual sobre esse reino secreto.

Esses exploradores, um fugindo da Rússia pós-revolucionária e outro em exílio nos Estados Unidos, descobriram evidências que superaram todos os relatos anteriores sobre Agharta. Seus nomes eram Ferdinand Ossendowski e Nicholas Roerich, e suas descobertas ajudaram a consolidar a lenda de Agharta como um dos grandes mistérios da humanidade.

## A PROFECIA

Nos relatos do explorador russo do início do século passado, Ferdinand Ossendowski, há menções a estranhos momentos durante suas viagens pela Mongólia, quando tanto homens quanto animais paravam, em silêncio, como se estivessem escutando. Rebanhos de cavalos, ovelhas e gado ficavam imóveis ou se agachavam perto do chão. As aves deixavam de voar, as mar-



*Nikolai Konstantinovich Roerich, (1874-1947).*

motas não se moviam e os cães permaneciam quietos.

“Era como se a terra e o céu parassem de respirar. O vento não soprava e o sol não se movia... Todos os seres vivos, dominados pelo medo, entravam involuntariamente em preces, aguardando seu destino.”

“Isso sempre acontece,” explicou um velho pastor e caçador da Mongólia, “quando o Rei do Mundo, em seu palácio subterrâneo, ora e examina o destino de todos os povos da Terra.”

Dizia-se que em Agharta vivem os governantes invisíveis de todos os povos devotos, incluindo o Rei do Mundo, ou Brahatma, que pode conversar com Deus como uma pessoa conversa com outra. Com ele estão dois assistentes: Mahatma, que conhece os propósitos dos eventos futuros, e Mahinga, que controla as causas desses eventos. Eles detêm o conhecimento de todas as forças do mundo e podem ler todas as almas da humanidade, assim como o grande livro de seus destinos.

Ferdinand Ossendowski (1876-1945), um cientista polonês, que passou a maior parte de sua vida na Rússia e tinha inte-

resse tanto em lendas quanto em política, descreveu suas experiências na “Mysterious Mongolia... the Land of Demons”. Durante sua fuga, ele conversava frequentemente com monges budistas e lamas sobre tradições ligadas a lagos, cavernas e mosteiros. Em toda a Eurásia, encontrou uma história comum que chamou de “Reino de Agharta”, considerando-a nada menos que “o mistério dos mistérios”.

Seu interesse pelo reino oculto aumentou ao encontrar um padre chamado Tushegoun Lama, que também havia fugido da Revolução Russa e afirmava ter uma relação próxima com o Dalai Lama, o então governante supremo do Tibete. Foi desse sacerdote que ele ouviu as primeiras menções a Agharta, inspirando-o a investigar mais profundamente e a escrever um relatório detalhado sobre o reino subterrâneo, intitulado “Beasts, Men and Gods” (1922), um livro que hoje é considerado raro e valioso.

Durante suas viagens, o padre contou sobre os poderes milagrosos dos monges tibetanos, especialmente os do Dalai Lama, poderes esses que estrangeiros dificilmente poderiam compreender. Ele também mencionou a



*Fragmento da Pedra Chintamani.*

existência de um ser ainda mais poderoso e santo: o Rei do Mundo em Agharti.

Em certo momento, o sacerdote deixou o explorador russo com muitas perguntas em mente, sem fornecer respostas imediatas. Foi necessário esperar vários meses até que ele pudesse começar a entender mais sobre essas histórias. Outro tibetano, chamado Príncipe Chultun Beyli, contou que, há sessenta mil anos, um homem santo liderou uma tribo para o interior da Terra, onde se estabeleceram sob a Ásia Central. Graças à sabedoria e ao poder desse homem santo, e ao trabalho árduo de seu povo, Agharta se tornou um paraíso com uma população de milhões de pessoas, todas felizes e prósperas.

O Príncipe forneceu mais detalhes: o reino, chamado Agharti, se estende por todos os túneis subterrâneos do mundo. Esses povos e espaços subterrâneos são governados por líderes que devem lealdade ao 'Rei do Mundo'. Ele explicou que, em dois grandes oceanos, havia continentes que desapareceram sob as águas, mas cujos habitantes se mudaram para o reino subterrâneo. Em cavernas subterrâneas, há uma luz peculiar que favorece

o crescimento de grãos e vegetais e proporciona vida longa e saudável às pessoas.

Apesar de encontrar muitos aspectos desconcertantes e confusos nesses relatos, o explorador russo estava convencido de que havia descoberto algo além de uma simples lenda — possivelmente uma força poderosa capaz de influenciar a vida no planeta Terra.

Interessantemente, ele relatou que os enormes poderes atribuídos aos habitantes de Agharta poderiam ser usados para destruir áreas inteiras do planeta, mas também poderiam servir como meio de propulsão para veículos de transporte incríveis. Isso foi interpretado como uma possível previsão da energia nuclear e dos discos voadores! (o livro "Beasts, Men and Gods" foi publicado em 1922, muito antes desses tópicos serem amplamente discutidos).

O livro termina com uma profecia do Rei do Mundo, que prevê que o materialismo devastará a Terra, terríveis batalhas envolverão as nações do mundo, e, no auge do derramamento de sangue, em 2029, o povo de Agharta emergirá de seu mundo subter-

râneo.

## **NICHOLAS ROERICH**

É tentador considerar Agharta/Shambhala apenas como uma lenda, se não fosse por relatos de um explorador confiável que buscou, encontrou e voltou para compartilhar suas experiências.

Um renomado artista, poeta, escritor e místico, Nicholas Roerich (1874-1947), também membro da Sociedade Teosófica, conduziu uma expedição de 1923 a 1928 que cruzou o Deserto de Gobi até a cordilheira de Altai. Essa jornada épica cobriu 25.000 quilômetros, atravessando trinta e cinco das mais desafiadoras passagens montanhosas do mundo.

Como descrito por Victoria LePage no livro Shambhala: "Roerich era um homem de credenciais inquestionáveis: colaborador renomado na obra A Sagração da Primavera de Stravinsky, colega do empresário Diaghilev e um membro talentoso e respeitado da Liga das Nações".

Ele também teve influência significativa na administração de Franklin Delano Roosevelt nos Estados Unidos e foi essencial para a inclusão do Grande Selo dos Estados Unidos na nota de um dólar.

Durante sua estadia em São Petersburgo, na Rússia, enquanto participava da construção de um templo budista, ele entrou em contato com o Budismo e ouviu falar de Shambhala, sob a orientação do Lama Agvan Dordgiev.

Um dos motivos de sua expedição pode ter sido devolver uma pedra, parte supostamente de um meteorito com propriedades místicas, conhecida como Pedra Chintamani, que se acreditava ter vindo de um sistema solar na constelação de Órion. A pedra, conforme LePage,

“tinha a capacidade de fornecer orientação telepática e promover uma transformação de consciência em quem a tocasse.”

Segundo uma lenda lamaísta, um fragmento dessa Pedra Chintamani é enviado para apoiar missões espirituais cruciais para a humanidade, retornando ao seu lar original na Torre do Rei, no centro de Shambhala, após a conclusão das missões.

Dizia-se que essa pedra estava com a fracassada Liga das Nações, e seu retorno foi confiado ao explorador. Não se sabe se ele conseguiu devolver o fragmento, mas sua expedição reforçou a crença de que Shambhala era mais do que um simples mito.

Esse explorador acreditava na unidade transcendental das religiões – a ideia de que um dia o budista, o muçulmano e o cristão perceberiam que seus dogmas distintos eram apenas camadas superficiais que escondiam uma verdade essencial. Todas as suas obras refletiam a crença de que todas as fés aguardavam uma nova era, em que essa camada superficial seria removida, a humanidade superaria suas divergências e todos se uniriam em um paraíso de fraternidade universal. Seu símbolo para esse paraíso era Shambhala.

Durante a expedição, ele manteve um diário (publicado como *Altai-Himalaya: A Travel Diary*), onde, enquanto estava na Mongólia, anotou que “a crença na iminência da era de Shambhala era muito forte.” Em seu livro “*Heart of Asia*”, ele descreve tanto suas observações científicas quanto sua busca espiritual pessoal. Embora estivesse disposto a ouvir histórias de cidades subterrâneas como parte da aventura, seu principal interesse estava na dinâmica espiritual de Shambhala e sua importância como símbolo de uma era de paz e iluminação

que estava por vir. Essa combinação de interesse científico e espiritual também se refletiu nas centenas de pinturas que ele realizou durante a expedição.

Ao longo de sua vida, ele buscou unir todas as disciplinas científicas e criativas para promover a verdadeira cultura e paz internacional, destacando o poder da arte e da beleza para alcançar esse objetivo.

O Pacto de Paz, que ele ajudou a estabelecer em 1935, obrigava as nações a respeitar museus,

catedrais, universidades e bibliotecas da mesma forma que respeitavam hospitais, e tornou-se parte da carta organizacional das Nações Unidas. A ligação entre Shambhala e o Pacto de Paz é evidente em um discurso feito na Terceira Convenção Internacional da Bandeira da Paz, em 1933:

Oriente disse que, quando a Bandeira de Shambhala circundar o mundo, verdadeiramente o Novo Amanhecer surgirá. Inspirando-se nessa Lenda da Ásia, vamos determinar que a



*Um dos reis de Shambhala, Rigden Suchandra, em sua pitoresca aeronave, acompanhado de outros objetos voadores.*

Bandeira da Paz circundará o mundo, levando sua mensagem de Luz, e anunciando uma Nova Manhã de fraternidade humana. “Hoje,” observa LePage, “cada grande cidade russa possui uma organização dedicada a expressar as ideias desse explorador para um novo tipo de civilização iluminada, baseada nos princípios utópicos de Shambhala.”

### O OVNI INTRATERRENO

Nicholas Roerich e seu grupo partiram em 1924 para explorar a Índia, a Mongólia e o Tibete. Assim como Ossendowski antes dele, Roerich logo se deparou com histórias sobre um reino subterrâneo secreto. Ele registrou seus pensamentos sobre esse reino oculto, e essas notas foram posteriormente publicadas em um relato notável da expedição intitulado *Altai-Himalaya: A Travel Diary*.

No verão de 1926, Roerich relatou um evento estranho em seu diário de viagem. Ele estava acampado com seu filho, Dr. George Roerich, e um grupo de

guias mongóis no vale de Shargol, perto da cadeia de montanhas Humboldt, entre a Mongólia e o Tibete. Na época do evento em questão, Roerich havia retornado de uma viagem ao Altai e construído uma stupa, “uma imponente estrutura branca,” dedicada a Shambhala.

Em agosto, o santuário foi consagrado em uma cerimônia solene por diversos lamas notáveis convidados ao local para esse propósito. Após o evento, Roerich escreve que os guias buriatos previram algo auspicioso que estava para acontecer. Um ou dois dias depois, um grande pássaro negro foi avistado sobrevoando o grupo. Além disso, movendo-se alto no céu sem nuvens, um enorme corpo esferoide dourado, girando e brilhando intensamente sob o sol, foi subitamente avistado. Através de três pares de binóculos, os viajantes viram a esfera voar rapidamente do norte, da direção do Altai, e então virar bruscamente e desaparecer em direção ao sudoeste, atrás das montanhas Humboldt.

Um dos lamas disse a Roerich que o que ele havia visto era “o sinal de Shambhala,” significando que sua missão havia sido abençoada pelos Grandes do Altai, os senhores de Shambhala. Eles também foram testemunhas de um clássico OVNI, vinte anos antes do “início oficial” do fenômeno com a observação de Kenneth Arnold em 1947.

O relato de Roerich sobre tal avistamento despertou grande interesse na Europa e, corroborado por George Roerich, trouxe para o Ocidente a primeira evidência concreta de que pode haver algo presente na Eurásia que desafia a compreensão.

### ENTRADAS NA SERRA DO RONCADOR

A palavra “Agharta” origina-se do budismo. Refere-se a um Mundo Subterrâneo ou Império, cuja existência é uma crença fervorosa entre os verdadeiros budistas. Eles também acreditam que este Mundo Subterrâneo é habitado por milhões de pessoas e abriga diversas cidades, todas sob o domínio supremo da capital subterrânea, Shamballah. Nesta capital reside o Supremo Governante desse Império, conhecido no Oriente como o Rei do Mundo.

Dr. Raymond W. Bernard, PhD, em “A Terra Oca”, capítulo 7, escreveu um interessante texto sobre o Brasil:

“Túneis misteriosos semelhantes estão espalhados pelo Brasil. O Brasil, no Ocidente, e o Tibete, no Oriente, parecem ser as duas partes da Terra onde o contato entre o Mundo Subterrâneo e o mundo da superfície pode ser mais facilmente realizado devido à existência desses túneis...

As tradições budistas afirmam que Agharta foi colonizada pela primeira vez há muitos milhares de anos, quando um homem santo liderou uma tribo que desapareceu.



*Gruta dos Pezinhos é um dos locais mais enigmáticos e pouco explorados do Brasil. A gruta recebeu esse nome devido às intrigantes marcas de pequenos pés humanoides que adornam suas paredes, uma característica que tem gerado inúmeras especulações e teorias ao longo dos anos.*

receu no subsolo. Supõe-se que os ciganos venham de Agharta, o que explica sua inquietação na superfície da Terra e suas viagens contínuas para recuperar seu lar perdido. Isso lembra Noé, que era realmente um atlante, que salvou um grupo digno antes da chegada do dilúvio que submergiu a Atlântida. Acredita-se que ele trouxe seu grupo para o alto planalto do Brasil, onde se estabeleceram em cidades subterrâneas, conectadas à superfície por túneis, para escapar da contaminação pelo precipitado radioativo produzido pela guerra nuclear que os atlantes travaram, a qual causou o dilúvio que submergiu seu continente...

Afirma-se que a crosta terrestre é formada por uma rede de túneis que passam sob os oceanos de continente a continente e levam a cidades subterrâneas em grandes cavidades na terra. Esses túneis são especialmente abundantes na América do Sul, principalmente sob o Brasil, sendo o principal centro de colonização Atlante; e podemos acreditar que foram construídos pelos Atlantes. O mais famoso desses túneis é a "Estrada dos Incas", que se estende por várias centenas de milhas ao sul de Lima, Peru, e passa sob Cuzco, Tiahuanaco e os Três Picos, seguindo para o Deserto de Atacama. Outro ramo se abre em Arica, Chile, visitado pela Madame Blavatsky.

Afirma-se que os Incas usaram esses túneis para escapar dos conquistadores espanhóis e da Inquisição, quando exércitos inteiros entraram neles, levando consigo seu ouro e tesouros nas costas de lhamas, o que fizeram quando os conquistadores espanhóis chegaram pela primeira vez. Seu desaparecimento misterioso naquela época, deixando para trás apenas a raça dos índios Quéchuas, também é explicado pela entrada nesses túneis.



*A impressionante Lagoa Encantada, MT, teria ligação com os intraterrenos.*

Alega-se que, quando Atahualpa, o último dos reis incas, foi brutalmente assassinado por Pizarro, o ouro que estava sendo levado para o seu resgate em um comboio de 11.000 lhamas de carga encontrou refúgio nesses túneis. Acredita-se que esses túneis possuíam uma forma de iluminação artificial e foram construídos pela raça que construiu Tiahuanaco muito antes de o primeiro Inca aparecer no Peru.

Como os Incas que entraram nesses túneis para escapar dos espanhóis nunca mais foram vistos e desapareceram da superfície da Terra, é provável que continuem a viver em cidades subterrâneas iluminadas para onde esses túneis levam.

Esses túneis misteriosos, um enigma para os arqueólogos, existem em maior número no Brasil, onde se abrem na superfície em vários lugares. O mais famoso é na Serra do Roncador, no nordeste do Mato Grosso, para onde o coronel Fawcett se dirigia quando foi visto pela última vez. Alega-se que a cidade atlante que ele procurava não era as ruínas de uma cidade morta na superfície, mas uma cidade subterrânea com atlantes ainda vivos como seus habitantes; e que ele e seu filho Jack chegaram a essa cida-

de e ainda vivem nela. Esta é a crença do professor de Souza, do comandante Strauss e de O. C. Huguenin, que mencionamos anteriormente.

A entrada do túnel Roncador é guardada por ferozes índios Chavantes, que matam qualquer pessoa que se atreva a entrar sem ser convidada e que possa incomodar os habitantes subterrâneos, a quem respeitam e reverenciam. Os índios Murcego também guardam essas entradas secretas de túneis que levam a cidades subterrâneas na região das montanhas Roncador, no Mato Grosso. Citamos uma carta ao autor de um americano chamado Carl Huni, que viveu muitos anos no Mato Grosso e fez um estudo especial sobre esse assunto:

'A entrada das cavernas é guardada por índios Murcego, que são uma raça de pele escura, de pequena estatura e grande força física. Seu olfato é mais desenvolvido do que o dos melhores cães farejadores. Mesmo que eles aprovem você e o deixem entrar nas cavernas, temo que você se perca para o mundo atual, porque eles guardam o segredo muito cuidadosamente e podem não permitir que aqueles que entram saiam. (Isso pode ter acontecido com o coronel Fawcett e



*Patala e os vários reinos intraterrenos do hinduísmo.*

seu filho Jack, que se acredita terem entrado em um túnel que leva a uma cidade subterrânea nas montanhas Roncador, nunca mais retornando.) Os índios Murcego vivem em cavernas e saem à noite para as selvas ao redor, mas não têm contato com os habitantes subterrâneos abaixo, que habitam uma cidade subterrânea onde formam uma comunidade autossuficiente e têm uma população considerável. Acredita-se que as cidades subterrâneas que eles habitam foram inicialmente construídas pelos atlantes. Uma coisa é certa: nenhuma queda radioativa pode alcançá-los. Ninguém sabe se aqueles que vivem nessas antigas cidades subterrâneas atlantes são atlantes ou outros que se estabeleceram lá após a partida dos construtores originais.

O nome da cadeia de monta-

nhas onde essas cidades subterrâneas atlantes existem é Roncador, no nordeste do Mato Grosso. Se você for em busca dessas cidades subterrâneas, esteja ciente de que sua vida estará em risco, pois pode nunca mais ser ouvido falar, como o coronel Fawcett.

Quando estive no Brasil, ouvi muito sobre as cavernas subterrâneas e as cidades subterrâneas. No entanto, elas estão a uma longa distância de Cuiabá. Elas estão perto do rio Araguaia, que deságua no Amazonas. Estão a nordeste de Cuiabá, ao pé da longa cadeia de montanhas chamada Roncador. Desisti de investigar mais porque ouvi que os índios Murcego guardam zelosamente a entrada dos túneis contra pessoas que não são suficientemente desenvolvidas, pois não querem problemas. Em primeiro lugar, eles não querem ninguém

que ainda esteja enredado no comercialismo e tenha desejo de dinheiro.

Também há cavernas na Ásia, e viajantes tibetanos as mencionam. Mas, pelo que sei, no Brasil estão as maiores e existem em três níveis diferentes. Tenho certeza de que obteria permissão se quisesse me juntar a eles e me aceitariam como um dos seus. Sei que eles não usam dinheiro algum e sua sociedade é organizada com base em uma democracia estrita. As pessoas não envelhecem e vivem em harmonia eterna.'

Essa utopia subterrânea mencionada pelo Sr. Huni (agora residindo em Nova York) parece se assemelhar muito à descrita por Bulwer Lytton em seu livro "A Raça Vindoura". Lytton era um Rosacruz e provavelmente baseou seu romance em informações ocultas sobre cidades subterrâneas existentes.

As ruínas de várias cidades atlantes foram encontradas no norte do Mato Grosso e no território do Amazonas, indicando que os atlantes uma vez colonizaram esse país. Alguns anos atrás, um professor inglês, ao ouvir rumores sobre uma cidade atlante perdida em um planalto alto nessa região, foi procurá-la. Ele encontrou, mas as dificuldades da jornada custaram sua vida. Antes de morrer, ele enviou uma nota por pombo-correio descrevendo uma cidade magnífica que descobriu, cujas ruas eram adornadas por altas estátuas de ouro.

Se os atlantes uma vez colonizaram o Brasil e construíram cidades no Mato Grosso em sua superfície, por que construíram cidades subterrâneas lá? Não poderia ter sido para escapar do dilúvio que submergiu a Atlântida e as áreas circundantes, porque o Mato Grosso é um planalto alto onde as águas da inundaçã

não poderiam ter chegado. O arqueólogo sul-americano Harold Wilkins oferece outra teoria: que as cidades subterrâneas foram construídas para escapar da queda radioativa resultante de uma guerra nuclear que os atlantes lutaram. Isso parece ser uma explicação muito razoável, ou de outra forma não haveria razão para passar pelo grande trabalho de escavar a terra e construir cidades subterrâneas quando os atlantes já tinham cidades magníficas na superfície da terra.

Se e quando estivermos em perigo de uma guerra nuclear, também teremos que encontrar refúgio dentro da terra e morar lá em cidades subterrâneas iluminadas e produzir nossos alimentos sob essa luz. É claro que seria muito mais fácil juntar-se às cidades subterrâneas existentes, construídas pelos atlantes há milhares de anos, que nos superaram vastamente em habilidade de engenharia, do que construir as nossas próprias. Se o contato amigável com os habitantes subterrâneos puder ser estabelecido, quando a guerra vier, ou mesmo antes, quando a queda radioativa aumentar além do ponto de perigo e ameaçar nossa sobrevivência, será vantajoso para nós contactar essas cidades subterrâneas e, se formos admitidos, estabelecer residência nelas.”

Escondida no coração do estado do Mato Grosso, a Gruta dos Pezinhos é um dos locais mais enigmáticos e pouco explorados do Brasil. Localizada nas proximidades do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães, esta gruta é envolta em mistério e histórias que cativam tanto os aventureiros quanto os estudiosos. A gruta recebeu esse nome devido às intrigantes marcas de pequenos pés humanoides que adornam suas paredes, uma característica que tem gerado inúmeras especulações e teorias ao longo

dos anos. As marcas variam em tamanho e profundidade, sugerindo a passagem de diferentes indivíduos em um passado remoto.

Alguns arqueólogos sugerem que as pegadas podem ser rastros de populações humanas que habitaram a região há milhares de anos. As pegadas também são vistas por algumas tradições indígenas locais como marcas deixadas por seres intraterrenos que moram no subterrâneo. Relatos de pessoas que se aventuraram na gruta e nunca mais foram vistas também fazem parte da história local. Há também relatos de que a gruta esconde riquezas inimagináveis, deixadas por civilizações perdidas ou por exploradores que nunca retornaram. Apesar de sua importância, a entrada na Gruta dos Pezinhos é atualmente proibida. A justificativa é a preservação de um suposto sítio arqueológico, respeito as tradições indígenas e por motivos de segurança.

Localizada na região da Serra do Roncador, encontra-se a impressionante Lagoa Encantada.



Representações do Monte Meru.

Esta lagoa é conhecida por sua profundidade extrema, embora a medida exata seja difícil de determinar. Indígenas e visitantes ocasionalmente relatam avistamentos de entidades misteriosas que habitam o interior da Terra. Segundo as histórias, esses seres possuem uma civilização avançada e vivem em um mundo subterrâneo. A lagoa seria uma das entradas para esse reino oculto, acessível apenas a alguns escolhidos ou em circunstâncias especiais. Testemunhas dizem que OVNI's entram e saem da lagoa, aumentando ainda mais o mistério deste local que os nativos temem.

## PATALA E MONTE MERU

O Monte Meru, frequentemente referido como Sumeru, é uma montanha mitológica com profunda significância cultural, religiosa e simbólica em diversas tradições da Ásia, especialmente no hinduísmo, budismo e jainismo. Descrito como o eixo do universo ou “axis mundi”, o Monte Meru é mais do que uma simples formação geográfica; ele é um pilar cósmico que liga o céu, a terra



e o submundo, representando a estrutura fundamental do cosmos.

No contexto hindu, o Monte Meru é um elemento crucial da cosmologia religiosa. De acordo com tradições épicas como o Mahabharata e textos sagrados como o Rigveda, o Meru é descrito como uma montanha composta por 109 picos, com o Monte Kailash sendo o mais alto. Este pico é venerado como a morada do deus Shiva. Além disso, acredita-se que outros 33 milhões de deuses, incluindo Vishnu e Brahma, habitam os diversos picos do Monte Meru.

O astrônomo indiano Varahamihira, em seu livro Panchasiddhantika (século VI), coloca o Monte Meru no Polo Norte. O texto astronômico Surya Siddhanta também menciona um Monte Meru central na Terra, com outras montanhas, Sumeru e Kumeru, localizadas nos polos.

Abaixo do Monte Meru fica o continente Yambu Duipa, descrito como um continente circular, cercado por um vasto oceano de água salgada. É o maior e mais central dos sete continentes que compõem o mundo na cosmologia hindu. No centro de Yambu Dvipa ergue-se a majestosa montanha Meru, também conhecida como Monte Meru ou Sumeru, que é considerada o eixo do universo e o ponto de conexão entre o céu e a terra.

No mundo subterrâneo há mais regiões e a maior e mais profunda é o Patala, descrito como um lugar de grande beleza e riqueza. É um reino com cidades luxuosas, flora e fauna exuberantes, rios de água pura e gemas preciosas. Este submundo é habitado por nagas (serpentes divinas), asuras (demônios) e outros seres, que vivem em um ambiente de esplendor e abundância. Patala é governado principalmente

pelos nagas, seres com corpo de serpente e, às vezes, cabeça humana. Eles são conhecidos por sua sabedoria, poderes mágicos e grande riqueza. Os nagas são frequentemente associados à água e ao submundo, e acredita-se que guardam tesouros escondidos e conhecimentos esotéricos.

Gerhardus Mercator (1512-1594), foi um dos mais renomados cartógrafos e geógrafos de sua época. Durante sua vida, Mercator desenhou um interessante mapa chamado “Septentrionalium Terrarum descriptio”, onde demonstra o Polo Norte como sendo um gigante montanha, assim como descrita por astrônomos indianos.

Outra evidência que devemos considerar é sobre o monte Meru também se chamar Sumeru. O termo “Sumeru” vem do sânscrito e significa “excelente montanha”. Já os sumérios são considerados uma das civilizações mais antigas e influentes da história humana. Esta região é frequentemente

referida como o “berço da civilização” devido às inúmeras inovações e avanços culturais, sociais e tecnológicos que os sumérios desenvolveram. A palavra “sumério” deriva do termo “Šumer” ou “Šumeru”, usado pelos próprios habitantes da antiga Mesopotâmia para se referir ao povo que lá habitava. É importante notar que a origem dos sumérios é desconhecida, assim como seu tronco linguístico, e muitas vezes eles são associados a povos das montanhas do Irã e Cáucaso. Seria apenas coincidência?

## ANUNNAKI E O SUBMUNDO

Na religião suméria, a Anunnaki Inanna decide descer ao submundo, governado por sua irmã Ereshkigal. Antes de partir, Inanna se prepara meticulosamente e instrui seu servo Ninsubur a buscar ajuda caso não retornasse após três dias, porque as leis do submundo determinavam que, com exceção daqueles designados como mensageiros, quem entrava lá jamais poderia



Mapa que identifica o Monte Meru no Polo Norte, feito pelo respeitado Gerhardus Mercator (1512-1594).

sair. Ao chegar nos portões do submundo, Inanna exige entrada, mas é obrigada a seguir as regras: em cada um dos sete portões, ela remove uma peça de suas vestes divinas. Ao encontrar Ereshkigal, Inanna é julgada e pendurada em um gancho.

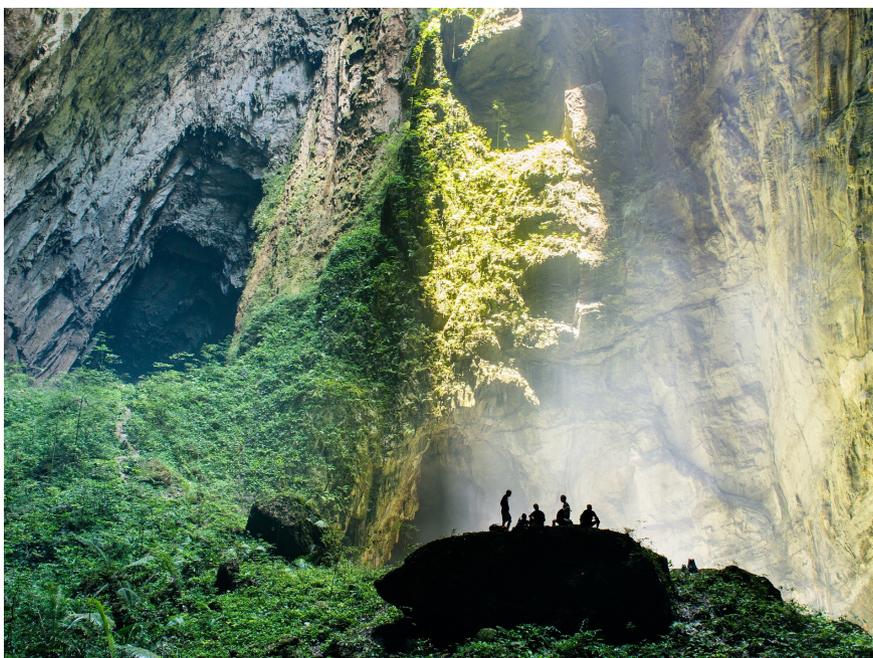
Após três dias, Ninsubur implora às divindades para resgatar Inanna. Enki, comovido, cria duas figuras para trazê-la de volta à vida borrifando comida e água da vida sobre seu corpo. Inanna é ressuscitada e os seres do interior da Terra a seguem, exigindo um substituto. Após recusar vários candidatos, Inanna decreta que seu marido Dumuzi seja levado. Dumuzi tenta fugir, mas é eventualmente capturado.

No poema “O Retorno de Dumuzi”, Inanna e sua irmã Gestinana lamentam a perda de Dumuzi. Juntas, encontram Dumuzi e decidem que ele passará metade do ano no submundo com Ereshkigal e a outra metade com Inanna, enquanto Gestinana toma seu lugar no subterrâneo.

## VISÃO DO MUNDO INTRATERRENO NA KABBALAH

O Monte Meron (parecido com Meru) possui uma importância significativa para o Zohar, que é uma obra central da Cabala, a tradição mística judaica. Este monte, localizado na Galileia, é associado ao rabino Shimon bar Yochai, a quem é tradicionalmente atribuído o Zohar.

O morro é também visto como um local de retiro espiritual. Acredita-se que Yochai e seu filho se refugiaram em uma caverna na região para escapar da perseguição romana, onde ele teria recebido revelações divinas que compuseram parte do Zohar, inclusive várias visitas do profeta Elias, que, segundo a Bíblia, foi arrebatado e não morreu. Para a Cabala existem sete reinos no



*Song Doong, Vietnã, a maior caverna do mundo.*

Universo e nós não somos a única espécie inteligente nele. Todas estas terras, segundo o Zohar, são habitadas em um plano físico, inclusive o mundo subterrâneo é densamente povoado por diversos seres.

Ainda nestas tradições, o nosso planeta é ocupado muito antes de Adão, o que eles chamam de raças Pré-Adâmicas. Estas civilizações anteriores sucumbiram em cataclismos e as pessoas delas se abrigaram no subterrâneo, muitos moram nas profundezas até hoje. Ou seja, os seres que no presente moram no interior da Terra já foram os ocupantes da superfície.

## A CAVERNA SONG DOONG

A caverna Son Doong, localizada no Parque Nacional de Phong Nha-Ke Bang, na província de Quang Binh, no Vietnã, é considerada a maior caverna do mundo em termos de volume. Seu nome, que significa “rio da montanha”, reflete a geografia impressionante da região. A descoberta de Son Doong foi, em grande parte, um acidente. Em 1991, um agricultor local chama-

do Ho Khanh, enquanto procurava madeira e comida, encontrou a entrada da caverna. O som de um rio subterrâneo e o vento frio emanando da abertura despertaram sua curiosidade. No entanto, Khanh não explorou a caverna imediatamente devido à sua localização remota e perigosa. A entrada ficou esquecida por anos até que, em 2008, uma equipe de exploradores britânicos liderada por Howard e Deb Limbert, com a ajuda de Khanh, conseguiu localizar e explorar a caverna pela primeira vez.

A primeira expedição oficial aconteceu em 2009, revelando as dimensões impressionantes de Son Doong. A caverna tem mais de 9 quilômetros de extensão, com passagens que chegam a mais de 200 metros de altura e 150 metros de largura. Em alguns pontos, a caverna é tão alta que poderia abrigar um arranha-céu de 40 andares. O espaço gigantesco é adornado por estalactites e estalagmites colossais, além de um rio subterrâneo que a percorre.

Son Doong é tão vasta que possui seu próprio ecossistema e



*Estátua de Morrop, o Homem Iguana.*

clima interno. Uma das suas características mais impressionantes é o jardim tropical que se desenvolveu sob uma abertura no teto da caverna, permitindo a entrada de luz solar. Esse ambiente único abriga uma biodiversidade significativa, incluindo espécies de plantas e animais que não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo.

Além disso, a caverna possui uma coleção de pérolas de caverna e formações calcárias gigantes, algumas das quais atingem alturas de até 80 metros. A presença de uma floresta interna e um clima próprio faz de Son Doong um laboratório natural para biólogos e geólogos.

Com sua grandiosidade natural, Son Doong é envolta em lendas e histórias misteriosas. Entre as mais intrigantes estão os relatos de encontros com seres reptilianos. Alguns moradores locais e exploradores afirmam ter visto criaturas que descrevem como semelhantes a répteis, com características humanoides. Esses seres são frequentemente descritos como altos, com pele escamosa e olhos brilhantes.

Os relatos variam, mas alguns dizem que esses seres aparecem nas profundezas da caverna e que têm uma inteligência misteriosa. Algumas teorias sugerem que esses reptilianos poderiam ser uma espécie avançada vivendo em um mundo subterrâneo, enquanto outros acreditam que as visões são fruto da imaginação ou efeitos de estar em um ambiente escuro e isolado.

## **O VAMPIRO DAS PROFUNDEZAS**

Entre as histórias mais intrigantes dos maias estão as relacionadas ao mundo subterrâneo, um domínio misterioso habitado por seres sobrenaturais e governado por deuses poderosos. No coração dessas narrativas está o Xibalba, onde se encontra Camazotz, o temido deus morcego-vampiro.

Xibalba, cujo nome pode ser traduzido como “Lugar do Medo”, é o mundo subterrâneo maia, descrito em textos sagrados como o “Popol Vuh”. Este reino é um labirinto sombrio e perigoso, acessível através de cavernas e cenotes, considerados portais entre a superfície e o submundo. É governado por doze senhores, conhecidos por sua crueldade e poder. Entre os desafios enfrentados por quem entrasse em Xibalba estavam rios de sangue, casas cheias de espinhos e testes de coragem.

Camazotz, uma das divindades mais assustadoras do panteão maia, é frequentemente descrito como um deus morcego com características vampíricas. Seu nome combina “kama,” que significa “morte,” e “sotz,” que significa “morcego,” destacando sua natureza associada ao terror e à escuridão. Ele é retratado como um ser com a forma de um grande morcego, frequentemente com características antropomórficas, como mãos e pés hu-

manos, mas com asas e a cabeça de um morcego e desempenha um papel importante na mitologia maia, especialmente no “Popol Vuh”. Nesse texto sagrado, ele é um dos deuses que habita Xibalba. Uma das histórias mais famosas envolvendo Camazotz é a batalha com os heróis gêmeos Hunahpú e Xbalanqué, que desceram ao submundo para desafiar os senhores de Xibalba e vingar a morte de seu pai.

Segundo o “Popol Vuh”, os heróis gêmeos enfrentaram várias provações no submundo, uma das quais os levou à “Casa dos Morcegos”. Esta casa era habitada por Camazotz e seus asseclas, vampiros gigantes e assustadores que saíam à noite para atacar os desavisados. Hunahpú e Xbalanqué foram desafiados a passar a noite nessa caverna sem serem mortos.

## **O HOMEM IGUANA**

As histórias sobre passagens subterrâneas em Cuzco são antigas e persistentes, alimentadas por relatos de túneis e cavernas que se estendem sob a cidade e conectam importantes sítios arqueológicos. A mais famosa dessas entradas é a que supostamente se encontra sob o complexo de Sacsayhuamán, uma imponente fortaleza inca construída com enormes blocos de pedra encaixados com precisão milimétrica.

Esses túneis, conhecidos localmente como “chincanas,” são alvo de inúmeras lendas. Diz-se que eles foram utilizados pelos incas como rotas secretas para transporte de tesouros e como caminhos de fuga em tempos de invasão. Uma das chincanas mais célebres é a que se acredita conectar Sacsayhuamán ao Koricancha, o Templo do Sol, no centro de Cuzco. Segundo a tradição, os túneis são guardados por seres antigos e criaturas que protegem seus segredos contra

intrusos.

Há muitos relatos sobre entidades sobrenaturais que supostamente habitam os túneis e cavernas de Cuzco. Essas histórias são variadas, mas uma figura recorrente é a dos “gentiles,” uma raça de seres antigos que se acredita terem habitado a região antes dos incas. Estes seres são frequentemente descritos como guardiões dos tesouros escondidos e possuidores de um conhecimento místico.

Outra entidade popular nas lendas locais é o “Supay,” um espírito maligno associado ao submundo andino. Supay é frequentemente descrito como um ser que vive nas profundezas da terra e tem a capacidade de controlar forças ocultas. Os incas acreditavam que ele governava o Ukhu Pacha, o mundo subterrâneo, uma figura temida e respeitada.

Existem também relatos contemporâneos de pessoas que afirmam ter tido encontros com entidades reptilianas em cavernas e túneis de Cuzco. Essas entidades são descritas como seres altos, com aparência de répteis, possuindo habilidades psíquicas e tecnologia avançada.

Na cidade de Huancayo, Peru, encontra-se uma estátua enigmática que tem despertado a curiosidade de moradores e turistas: a estátua do Homem Iguana ou Morrop. Essa figura misteriosa não é apenas uma obra de arte, mas também o centro de lendas e teorias que tentam explicar sua origem e significado. Uma das histórias mais comuns sugere que a estátua representa uma divindade ou um ser guardião das profundezas da terra. Segundo essa lenda, os antigos habitantes da região acreditavam que o Homem Iguana era um ser que vivia nas cavernas e túneis subterrâneos, protegendo tesouros

ocultos e tendo um conhecimento profundo sobre o mundo subterrâneo.

Outra lenda local conta que o Homem Iguana é um representante de uma antiga raça de seres reptilianos que habitavam a terra muito antes dos humanos. Esses seres, segundo a lenda, possuíam habilidades psíquicas e tecnológicas avançadas, e a estátua foi erguida como um tributo a esses antigos mestres. Há também relatos de encontros com seres reptilianos em cavernas próximas, onde testemunhas afirmam ter visto criaturas semelhantes à estátua.

## O POVO DA DEUSA DANU

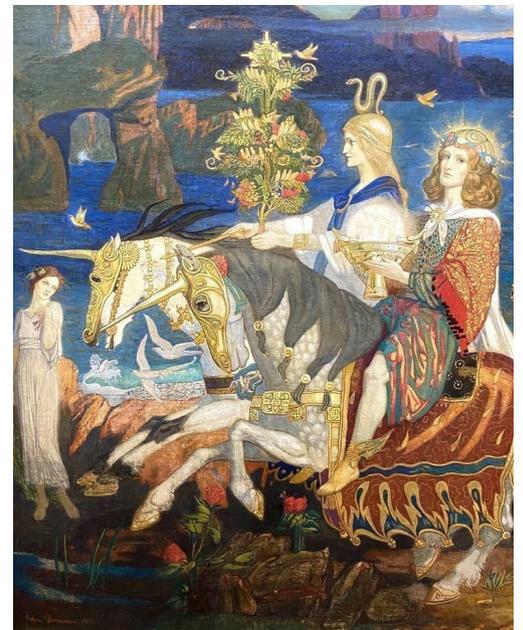
Os Tuatha Dé Danann, cujo nome significa “Povo da Deusa Danu,” são uma raça de deuses na mitologia irlandesa. Segundo as lendas, eles vieram de uma terra desconhecida e chegaram à Irlanda envoltos em nuvens místicas, descendo do céu com habilidades e conhecimentos extraordinários. Eles são frequentemente associados à deusa Danu, considerada sua matriarca, que personifica a fertilidade, a abundância e a mãe-terra. Eles são descritos como seres belos e poderosos, possuidores de vastos conhecimentos em magia, artes, música e guerra. Entre suas figuras mais conhecidas estão Lugh, o deus da habilidade e do artesanato; Dagda, o deus da abundância e do poder; e Brigid, a deusa da cura, da poesia e da forja.

Uma das histórias mais famosas envolvendo os Tuatha Dé Danann é a Segunda Batalha de Moytura, onde eles enfrentaram os Fomorianos, uma raça de gigantes que ameaçavam dominar a Irlanda. Após derrotar os Fomorianos, os Tuatha Dé Danann governaram a terra por muitos anos, trazendo prosperidade e sabedoria ao povo.

No entanto, com a chegada dos Milesianos, ancestrais dos irlandeses modernos, os Tuatha Dé Danann foram derrotados e forçados a se retirar para o mundo subterrâneo. Este reino, conhecido como o Sídh, tornou-se seu novo lar. O Sídh é descrito como um lugar encantado e místico, repleto de palácios esplendorosos, onde o tempo passa de maneira diferente e a magia é abundante.

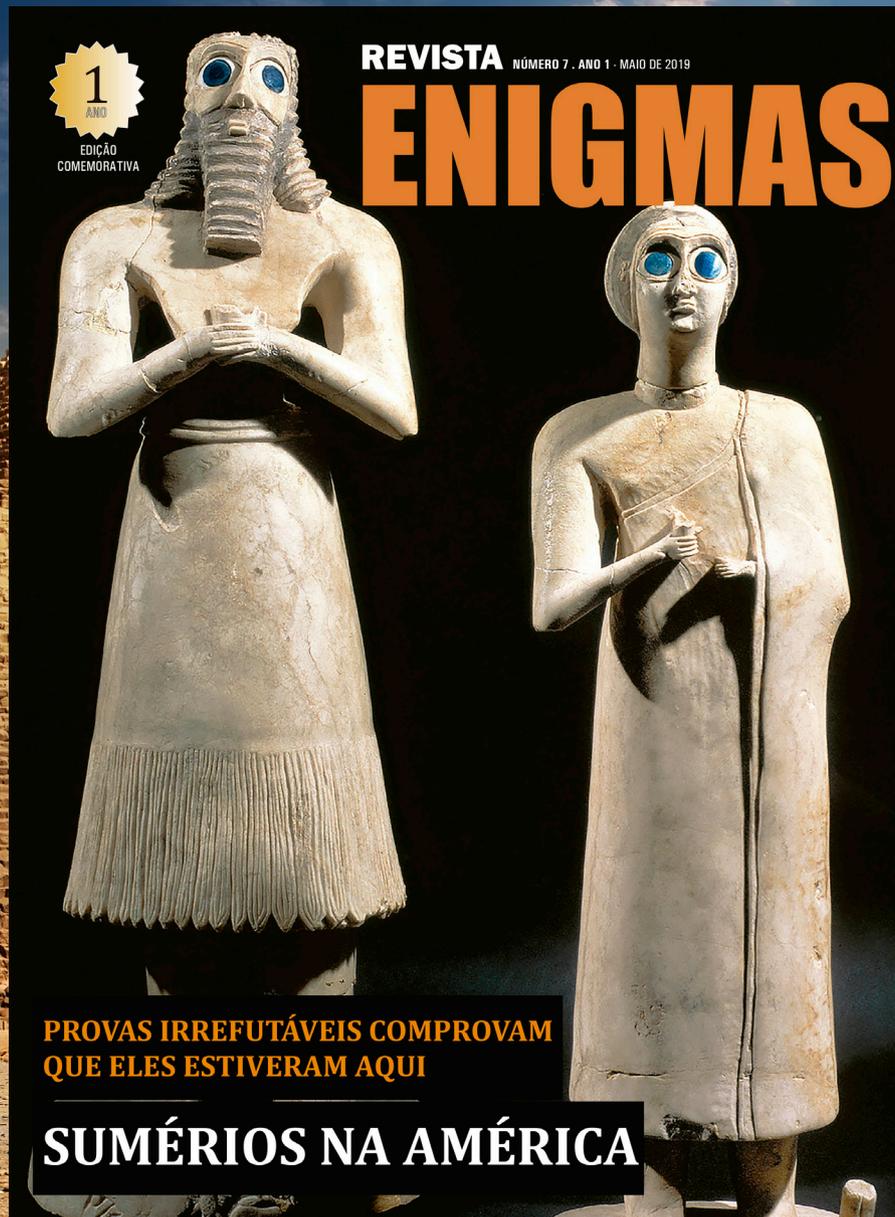
O Sídh é um elemento central na mitologia irlandesa. Este mundo subterrâneo é habitado não apenas pelos Tuatha Dé Danann, mas também por uma variedade de outras criaturas mágicas, como fadas. Dentro do Sídh, existem paisagens exuberantes, rios brilhantes e castelos encantados onde os seres mágicos vivem em harmonia com a natureza e desfrutam de eterna juventude.

Acredita-se que os montes sagrados, chamados de “sidhe” ou “aos sí,” são portais que conectam o mundo dos humanos com o mundo destes seres. Estes montes são reverenciados como locais sagrados e frequentemente associados a acontecimentos sobrenaturais e avistamentos de seres mágicos.



*Os Tuatha Dé Danann.*

# A HISTÓRIA DA HUMANIDADE COMO VOCÊ NUNCA VIU



**1**  
ANO  
EDIÇÃO  
CELEBRATIVA

REVISTA NÚMERO 7 . ANO 1 - MAIO DE 2019

# ENIGMAS

**PROVAS IRREFUTÁVEIS COMPROVAM  
QUE ELES ESTIVERAM AQUI**

## SUMÉRIOS NA AMÉRICA

**ANUNCIE AGORA NA REVISTA ENIGMAS**  
**CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR**



# COLÉGIO DOS MAGOS

Desde 1977  
promovendo o despertar da  
consciência através do  
desenvolvimento psíquico.

As lições, frutos de  
décadas de pesquisa e  
estudo, oferecem ao aluno  
todo o suporte teórico e  
prático.

Colégio dos Magos  
Caixa Postal 90.004  
25620-971 Petrópolis/RJ

<http://www.colegiodosmagos.com.br>  
[colmagos@gmail.com](mailto:colmagos@gmail.com)

POR RICARDO MARCEL

# A SURPREENDENTE CONEXÃO ENTRE LIVROS RELIGIOSOS, UFOLOGIA E O APOCALIPSE DA SOCIEDADE MODERNA

Descrições em livros religiosos antigos e povos ancestrais, prevendo os dias atuais e a explícita ligação de fenômenos da Ufologia e paranormais ligados aos eventos do inevitável Apocalipse da sociedade humana atual.



*Visões do Apocalipse.*

As tradições e textos religiosos antigos frequentemente contêm descrições de eventos futuros e da destruição iminente da sociedade humana. Algumas dessas descrições incluem a ligação explícita de fenômenos da ufologia e do sobrenatural com os eventos do inevitável apocalipse. Por exemplo, na Bíblia, o livro de Apocalipse descreve visões

de criaturas estranhas do céu, profecias sobre o fim do mundo e os poderes sobrenaturais que acompanham esses eventos. Outros textos antigos, como o Livro de Enoque e os textos sumérios, também descrevem seres extraterrestres e suas interações com a humanidade. Muitos desses relatos mostram a preocupação dos antigos com a degradação

moral da humanidade e a promessa de julgamento divino. Ainda hoje, muitos acreditam que essas profecias estão se cumprindo e que os fenômenos paranormais e a ufologia estão intimamente ligados a esses eventos. A interpretação desses textos e sua relevância para os tempos atuais continua sendo objeto de debate e especulação.

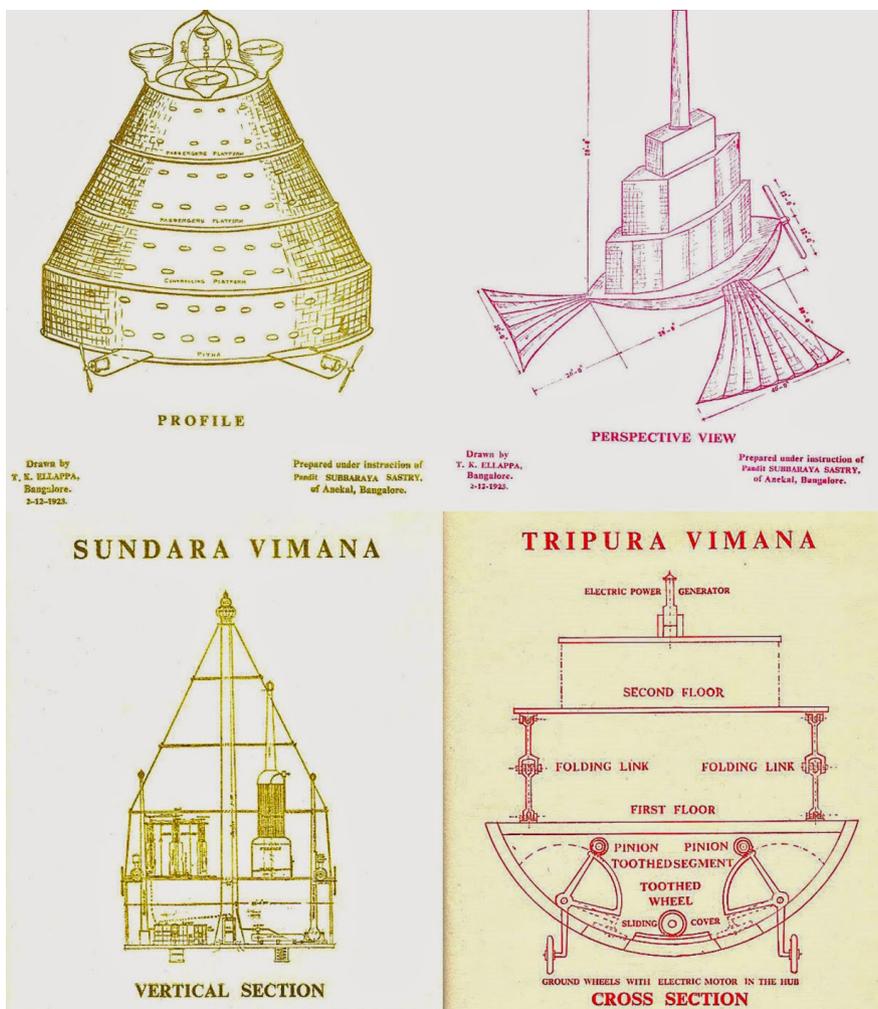
## VIMANAS, BRAMAstra E OPPENHEIMER

Os vimanas são veículos aéreos mencionados em textos antigos indianos, como o Mahabharata e outras escrituras hindus. Esses veículos são descritos como áreas de voo para deuses e seres divinos, frequentemente equipados com armas e tecnologias avançadas. Os textos detalham diferentes tipos de vimanas, alguns capazes de se mover em várias direções, flutuar e até se tornar invisíveis.

Alguns pesquisadores contemporâneos acreditam que essas descrições podem representar tecnologias avançadas de eras antigas, com alguns teóricos sugerindo que os vimanas poderiam ser OVNI's ou tecnologias extraterrestres, enquanto outros acham que poderiam ser veículos humanos ou apenas produtos da imaginação. A natureza exata dos vimanas continua sendo objeto de debate e especulação, mas muitos especialistas concordam que as histórias refletem o fascínio humano antigo pelo voo e pela tecnologia.

Desde os anos 1960, o movimento de paleoastronáutica tem especulado que descrições de deuses e artefatos antigos podem referir-se a visitas extraterrestres. No entanto, a comunidade científica e acadêmica considera geralmente as menções de vimanas como mitos e lendas, sem evidência concreta de que representem tecnologias reais. Há relatos de avistamentos de OVNI's ao redor do mundo, alguns dos quais se assemelham às descrições de vimanas nas escrituras antigas, mas esses também são amplamente contestados.

Na Índia, há muitos relatos e teorias sobre avistamentos de OVNI's e vimanas, antigos veículos aéreos descritos em escrituras hindus. Em 2004, um helicóp-

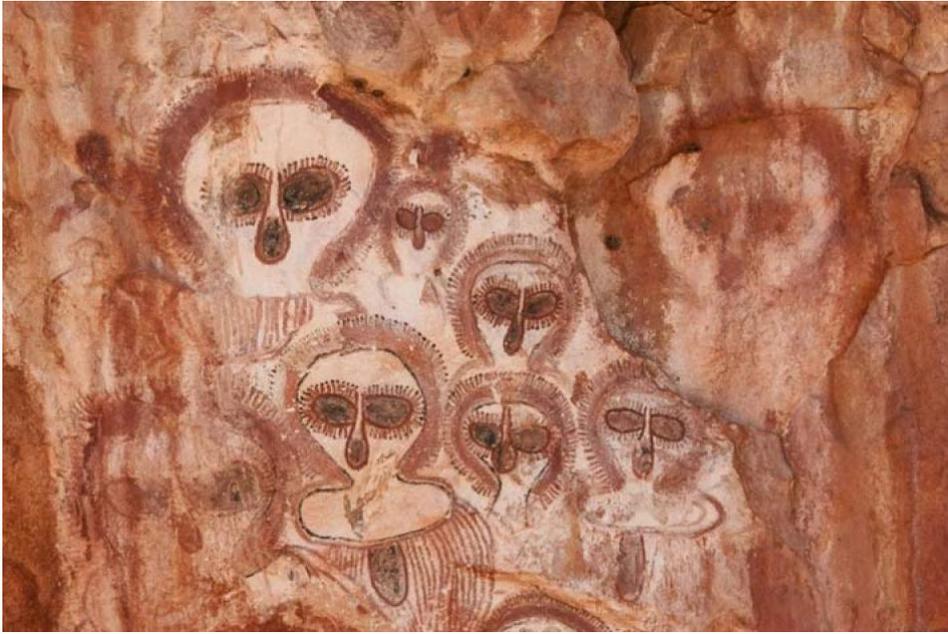


Projetos de Vimanas descritos no Vymaanika-shastra.

tero militar indiano teria colidido com um objeto voador não identificado em uma área montanhosa remota, levando a especulações de que a Força Aérea Indiana poderia ter abatido um objeto misterioso, semelhante aos vimanas mencionados nos textos antigos. Em 2013, na cidade de Kanpur, várias testemunhas relataram ter visto um objeto voador prateado em forma de cigarro pairando no céu antes de desaparecer. Outro caso famoso aconteceu em 1984 em Nova Delhi, onde trabalhadores do aeroporto observaram luzes brilhantes no céu noturno, movendo-se com mudanças bruscas de direção impossíveis para aeronaves convencionais. Em 2012, no estado de Goa, houve vários avistamentos de objetos voadores brilhantes, alguns

dos quais foram filmados e compartilhados nas mídias sociais, levando a especulações sobre a presença de OVNI's. Em 2013, nas montanhas de Ladakh, membros de uma expedição relataram ter visto um objeto em forma de disco prateado que permaneceu visível por mais de uma hora antes de desaparecer rapidamente.

Internacionalmente, também existem muitos relatos notáveis de avistamentos de OVNI's. Em 1947, no famoso caso de Roswell, nos EUA, um objeto voador não identificado teria colidido e sido recuperado pelas forças militares, gerando teorias de um acidente com uma nave extraterrestre. Em 1965, um objeto misterioso foi visto flutuando sobre uma usina nuclear em Kecksburg, Pensilvânia, descrito



*Wandjina.*

como um “disco voador”. O governo mais tarde afirmou que se tratava de um satélite secreto. Em 1986, na Zona do Silêncio no México, um míssil nuclear americano desviou-se após entrar em uma área sem sinal de rádio, com relatos de luzes estranhas e OVNI's na região. Em 1994, em Ruwa, Zimbábue, cerca de 60 crianças relataram ter visto um objeto em forma de disco em um campo, com seres misteriosos que se comunicaram telepaticamente. Em 1996, no Brasil, ocorreu o incidente de Varginha, onde uma criatura extraterrestre teria sido avistada após a queda de um OVNI, e o exército brasileiro supostamente recolheu evidências do local.

Esses relatos de avistamentos de OVNI's e vimanas continuam a alimentar especulações sobre a existência de tecnologias avançadas e possíveis visitas extraterrestres, tanto na Índia quanto em outras partes do mundo.

Os livros antigos da Índia relatam vimanas, naves estelares (starchips) que voavam pelos céus em tempos pré-cristãos, como descrito no Mahabharata e Ramayana. Recentemente, avis-

tamentos de objetos voadores, semelhantes aos vimanas, foram registrados na Índia e em todo o mundo, sugerindo uma ligação com antigos relatos.

Histórias antigas sobre vimanas, naves estelares descritas nos textos indianos, se assemelham surpreendentemente aos relatos modernos de OVNI's. A coincidência é improvável, sugerindo que essas descrições podem ter uma base em evidências físicas e tecnológicas semelhantes. Avistamentos de OVNI's são relatados por pessoas de diversas culturas e regiões, indicando uma possível conexão global e histórica. Embora a ciência ainda não possa confirmar a existência dessas naves, as evidências acumuladas indicam que há algo real acontecendo nos céus.

O livro sagrado indiano que influenciou J. Robert Oppenheimer, um dos principais cientistas do Projeto Manhattan, foi o “Bhagavad Gita”. Ele descreveu a leitura do texto como um momento transformador que o ajudou a enfrentar as questões éticas decorrentes do desenvolvimento da primeira bomba atômica dos Estados Unidos. A visão do deus

Krishna e a mensagem de que a morte é apenas uma transição para o renascimento foram significativas para ele. Oppenheimer frequentemente carregava uma cópia do “Bhagavad Gita” e citou uma passagem do livro após o primeiro teste bem-sucedido da bomba atômica em 1945: “Agora eu sou a morte, o destruidor de mundos”. A filosofia complexa e indeterminada do “Bhagavad Gita” também moldou sua visão de mundo, e ele traduziu a obra para o inglês, destacando sua profunda admiração pelo texto.

Alguns relatos sugerem que J. Robert Oppenheimer, o físico líder no desenvolvimento da primeira bomba atômica, encontrou inspiração na figura de Shiva, o deus hindu da destruição e renovação. As descrições de armas poderosas nos textos sagrados indianos, como a “arma destruidora dos mundos”, podem ter influenciado sua visão sobre a criação da bomba atômica. O desenvolvimento e uso da bomba durante a Segunda Guerra Mundial levantaram questões éticas e morais significativas sobre o impacto da tecnologia e o poder humano. As antigas histórias indianas oferecem reflexões profundas sobre as consequências das ações humanas em um mundo interconectado e complexo.

No contexto dos textos épicos, a Bramastra é uma arma mística e devastadora que pode ser usada para causar grande destruição. É descrita como capaz de aniquilar exércitos inteiros e causar cataclismos naturais. Da mesma forma, os vimanas são descritos como veículos voadores usados por deuses e heróis, equipados com tecnologia avançada que lhes permitia viajar pelo céu e até mesmo pelo espaço, carregando projéteis como a Bramastra. A teoria da destruição do mundo envolvendo “bramastra” ou “vimana” remonta a

conceitos da antiga mitologia e textos religiosos da Índia, especialmente encontrados nos textos épicos como o Mahabharata e o Ramayana. Esses termos se referem a armas ou veículos descritos como tecnologicamente avançados e poderosos, associados a deidades ou figuras divinas na mitologia.

A interpretação moderna desses conceitos frequentemente os associa a teorias sobre civilizações antigas possuírem tecnologias avançadas que poderiam ser comparadas a armas nucleares ou dispositivos de destruição em massa. Alguns teóricos sugerem que as descrições de armas como a Bramastra poderiam ser interpretações antigas de eventos catastróficos ou avanços tecnológicos além da compreensão de sua época. Poderia acontecer novamente?

### **WANDJINA: DEUSES OU VISITANTES?**

Wandjina é o nome dado pelos povos indígenas do norte da Austrália a uma série de imagens de figuras humanoides estilizadas representadas em rochas. Essas imagens descrevem criaturas com cabeças ovais enormes, olhos sem pupilas ou íris, sem nariz, boca ou cabelo, muitas vezes cercadas de aura luminosa.

Muitas pessoas interpretam as imagens dos Wandjina como representações de alienígenas antigos que poderiam ter visitado a Terra, enquanto outros as interpretam como deidades ou espíritos dos povos aborígenes.

Embora muitos desses mitos sejam difíceis de interpretar em termos do mundo moderno, eles representam uma parte importante das tradições culturais e religiosas desses povos, que acreditam que esses espíritos ancestrais são responsáveis por manter a harmonia e o equilíbrio

com a natureza.

Em relação aos cataclismos, algumas interpretações da mitologia Wandjina sugerem que eles estão associados a eventos naturais significativos, como enchentes, tempestades severas ou mudanças climáticas extremas que afetam a região onde as comunidades aborígenes vivem. Essas histórias transmitidas oralmente ao longo das gerações podem incluir narrativas sobre como os Wandjina interviram para proteger ou alertar seus descendentes sobre esses eventos catastróficos.

Os Wandjina são seres ancestrais das tradições aborígenes do norte da Austrália, representados em arte rupestre com rostos redondos, grandes olhos e sem boca, envoltos em halos ou nuvens. São fundamentais na criação e na manutenção da ordem espiritual e natural, associados especialmente à chuva e ao clima na região de Kimberley e Pilbara.

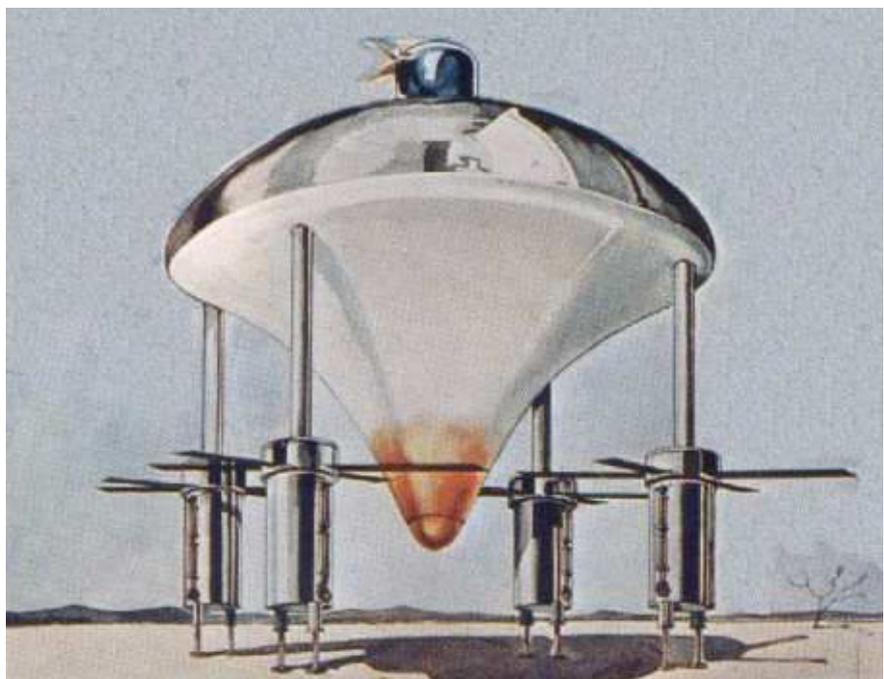
Os anjos nas tradições judaico-cristãs e islâmicas são seres celestiais intermediários entre Deus e os humanos, descritos com asas, halos e mensageiros

divinos. Cada tradição tem interpretações únicas desses seres, que desempenham papéis como mensageiros de revelações divinas e executores da vontade de Deus na Terra, influenciando eventos históricos conforme descrito em suas escrituras.

### **TECNOLOGIA BÍBLICAS**

Em muitas narrativas antigas, incluindo textos religiosos, há descrições de eventos que parecem envolver tecnologias avançadas e seres celestiais, como anjos, associados a fenômenos sobrenaturais. Uma teoria sugere que algumas passagens da Bíblia e de outros textos religiosos possam ser interpretadas como referências a seres extraterrestres e tecnologias avançadas. Por exemplo, histórias como a do carro de fogo de Elias poderiam ser vistas como encontros com seres alienígenas, enquanto as rodas de Ezequiel podem ser interpretadas como descrições de dispositivos metálicos complexos.

Defensores dessa teoria argumentam que os anjos mencionados na Bíblia podem ser seres extraterrestres que visitaram a Terra, cujos encontros foram re-



*Ilustração da bíblica “Visão de Ezequiel”, que parece mais um OVNI do que uma aparição espiritual.*



*Pagamento com chip nas mãos é uma realidade e muitos consideram um cumprimento da profecia de Apocalipse 13.*

gistrados em textos sagrados. No entanto, muitos religiosos veem essas histórias como alegóricas e simbólicas, representando ideias espirituais e filosóficas, e discordam dessa interpretação literal e tecnológica.

As histórias de carruagens de fogo, carros de fogo, batalhas nos céus, e o arrebatamento de Enoque e Elias encontradas em textos religiosos podem ser interpretadas de diversas maneiras, dependendo das crenças individuais e perspectivas espirituais. Algumas pessoas veem esses relatos como evidências de intervenção divina ou até mesmo de visitas extraterrestres que moldaram a história humana. Essa interpretação sugere que seres celestiais, como anjos ou seres de outros mundos, influenciaram diretamente eventos históricos e culturais.

No entanto, essa visão é vista como especulativa por muitas tradições religiosas, que interpretam essas histórias como alegorias ou símbolos de conceitos espirituais mais profundos. Recentemente, tem havido um debate crescente sobre a possi-

bilidade de interpretações alternativas dessas narrativas, inclusive reconhecendo a existência de seres extraterrestres por certas autoridades religiosas.

Além das interpretações espirituais, alguns textos religiosos mencionam tecnologias avançadas que poderiam ser interpretadas como divinamente inspiradas ou de origem extraterrestre, como os relatos das rodas de Ezequiel na Bíblia. Essas descrições levantam questões sobre como culturas antigas poderiam ter interpretado tecnologias além de seu tempo como manifestações de poder divino.

Essas questões continuam a ser exploradas por cientistas, estudiosos religiosos e interessados em fenômenos paranormais, abrindo novas perspectivas sobre o significado dessas narrativas antigas e seu possível impacto na compreensão da história humana e da espiritualidade.

### **FIM DOS TEMPOS NAS RELIGIÕES ABRAÂMICAS**

O Al-Din é um conceito islâmico que se refere ao Dia do Juízo Final, quando o mundo físico ter-

minará e os seres humanos serão julgados por suas ações em vida. Para os muçulmanos, este evento é inevitável e só Deus sabe quando ocorrerá. O Dia do Juízo Final será precedido por sinais, como a propagação da injustiça e desastres naturais, culminando na destruição do mundo físico, ressurreição dos mortos e um julgamento final. Os justos serão recompensados com o paraíso, enquanto os ímpios enfrentarão o inferno. A preparação envolve praticar o bem e evitar o mal, além de estar ciente dos sinais indicativos do fim dos tempos.

Um dos sinais mais importantes que anunciarão a proximidade do Dia do Juízo Final é a descida do profeta Isa (Jesus) à Terra, que acontecerá próximo ao tempo do final dos tempos. Ele retornará em um momento em que os judeus e cristãos se afastaram de suas escrituras sagradas e combinados com outros sinais indicarão que o fim está próximo.

Outros eventos locais acontecerão, como a aparição do Anticristo, a ocorrência de desastres naturais, conflitos sociais e a proliferação do mal. No Dia do Juízo, todas as pessoas que já viveram na Terra serão ressuscitadas para serem julgadas por Deus. Os justos serão recompensados com o paraíso (jardim) e os ímpios receberão a punição do fogo infernal.

No judaísmo, o conceito de fim dos tempos ou apocalipse não é central como é em algumas tradições cristãs e interpretações de profecias como as de Nostradamus. Em vez disso, os ensinamentos judaicos enfatizam a importância de cuidar do mundo e de seus habitantes através da observância dos mandamentos divinos e da prática de boas ações. Não há uma crença específica em um evento cataclísmico final que

destruirá o mundo. Em vez disso, há a ideia do “Dia do Julgamento”, onde Deus avaliará as ações de cada pessoa. O judaísmo não associa essas crenças a um apocalipse, mas espera uma era messiânica de paz e harmonia, onde os conflitos serão superados e a justiça prevalecerá. Segundo o Talmud, há sinais que precedem a vinda do Messias, como conflitos e desentendimentos familiares intensificados. Os sábios judaicos veem os desafios atuais como parte do processo que levará à era messiânica, um tempo de redenção e perfeição após lutas e sofrimentos.

Israel está atualmente engajado em esforços para alcançar uma paz negociada com seus vizinhos árabes, apesar dos contínuos conflitos e desafios. Esse desejo por paz não se baseia necessariamente em uma nova filosofia de amor mútuo, mas sim na busca por estabilidade e segurança na região. Para muitos israelenses, a perspectiva de viver em paz com seus vizinhos é vista como viável. No entanto, a Bíblia adverte sobre a possibilidade de “repentina destruição” em um contexto de “paz e segurança” (1 Tessalonicenses 5:3), destacando a complexidade e a sensibilidade das negociações de paz em Israel. Os sinais dos tempos finais mencionados nas Escrituras são vistos como aplicáveis especificamente a Israel, refletindo um contexto único e profético. Enquanto Israel avança rumo à paz, é crucial considerar não apenas os desafios políticos e territoriais, mas também a necessidade de uma mudança de mentalidade e uma abordagem sincera ao diálogo e à reconciliação entre todas as partes envolvidas.

A Torá, que compreende os cinco primeiros livros do Tanach ou Antigo Testamento, não oferece uma descrição detalhada do fim dos tempos, apocalipse ou da

Nova Terra. No entanto, há passagens que estudiosos consideram indícios dessas ideias ou vislumbres de um futuro redentor. Por exemplo, Gênesis 49:10 profetiza a vinda do Messias através das palavras de Jacó sobre Judá. Deuteronômio 30:1-10 fala sobre um tempo de retorno a Deus e restauração para aqueles que se arrependem, enquanto Deuteronômio 32:43 descreve a vingança divina e redenção de Israel. Passagens posteriores como Isaías 2:1-4 e Zacarias 14:9 expandem essas visões, destacando um futuro de paz e união sob a liderança de Deus. A escatologia judaica, mais elaborada nas fontes rabínicas como o Talmud e o Midrash, desenvolveu-se ao longo dos séculos, explorando detalhadamente a chegada do Messias e o advento de um mundo vindouro de paz e justiça. O Zohar, livro central da Cabala, também contribui com uma perspectiva mística sobre esses temas. Assim, enquanto a Torá oferece pistas iniciais, as fontes rabínicas e místicas do judaísmo proporcionam uma exploração mais profunda e variada dessas ideias escatológicas.

O Apocalipse cristão, apresentado no livro bíblico do Apo-

calipse ou Livro das Revelações, descreve uma série de eventos proféticos que ocorrerão no final dos tempos, precedendo o retorno de Jesus Cristo e o estabelecimento do Reino de Deus na Terra. Ele prevê sinais dramáticos como guerras, desastres naturais, pragas, falsos profetas e a ascensão do Anticristo. O livro também aborda a Grande Tribulação, um período de intensa dificuldade e perseguição para os crentes. A narrativa culmina na batalha final entre o bem e o mal, resultando na Segunda Vinda de Jesus Cristo, seguida pela derrota do mal, o julgamento dos ímpios e o estabelecimento da paz duradoura na nova Terra. As interpretações do Apocalipse variam entre diferentes vertentes do cristianismo, algumas vendo os eventos de forma literal e outras interpretando simbolicamente. Contudo, é amplamente reconhecido como uma parte significativa da escatologia cristã, refletindo sobre os últimos tempos e o fim dos dias.

Existem diversos livros na Bíblia que abordam temas relacionados ao fim dos tempos, apocalipse, vinda do Messias e à Nova Terra. O livro de Daniel contém visões proféticas sobre eventos



*Seria a Inteligência Artificial o Anticristo?*

futuros, incluindo a ascensão e queda de reinos, a vinda do Messias e o estabelecimento do Reino de Deus. Mateus 24 e 25 apresentam o discurso de Jesus sobre os sinais do fim dos tempos, a Grande Tribulação, a vinda do Filho do Homem e o julgamento final. Marcos 13 aborda temas similares a Mateus 24, enfocando os sinais do fim dos tempos e a segunda vinda de Jesus. No capítulo 21 de Lucas, Jesus fala sobre os sinais do fim dos tempos, a destruição de Jerusalém e a vinda do Filho do Homem. 1 Tessalonicenses 4 e 5 discutem a volta de Jesus, a ressurreição dos mortos e o arrebatamento dos crentes. Em 2 Pedro 3, Pedro descreve a destruição do mundo ímpio pelo fogo e a criação de uma nova Terra, onde habita a justiça. O Apocalipse, último livro da Bíblia, é o mais conhecido por

tratar diretamente do apocalipse, dos eventos finais e da Nova Jerusalém, apresentando visões simbólicas e proféticas sobre a batalha final entre o bem e o mal, a volta de Jesus, o julgamento e o estabelecimento da Nova Terra. Cada um desses livros oferece perspectivas únicas e detalhes importantes, sendo essencial estudá-los com cuidado e discernimento para compreender suas mensagens profundas sobre o destino final da humanidade.

Segundo alguns teóricos, os apocalipses islâmico, judaico e cristão são vistos como eventos proféticos que possivelmente têm paralelos com tecnologias contemporâneas, como chips eletrônicos associados ao número 666, além de cenários apocalípticos como holocaustos nucleares, guerras aéreas e navais. Esses

eventos não são apenas interpretados como conflitos humanos, mas também como possíveis consequências de intervenções de extraterrestres ou viajantes do tempo no passado, que teriam transmitido essas profecias. Essas interpretações sugerem que as profecias não são apenas visões simbólicas, mas podem também ser prenúncios de cataclismos naturais iminentes, interpretados erroneamente como eventos sobrenaturais ou divinos.

No Livro do Apocalipse, especificamente no capítulo 13, é descrita uma visão de João onde ele fala sobre uma besta que surge da terra e que exerce grande autoridade. Esta besta faz com que todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, recebam uma marca na mão direita ou na testa, sem a qual ninguém pode comprar ou vender, a não ser aqueles que tenham a marca, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Este número é conhecido como 666.

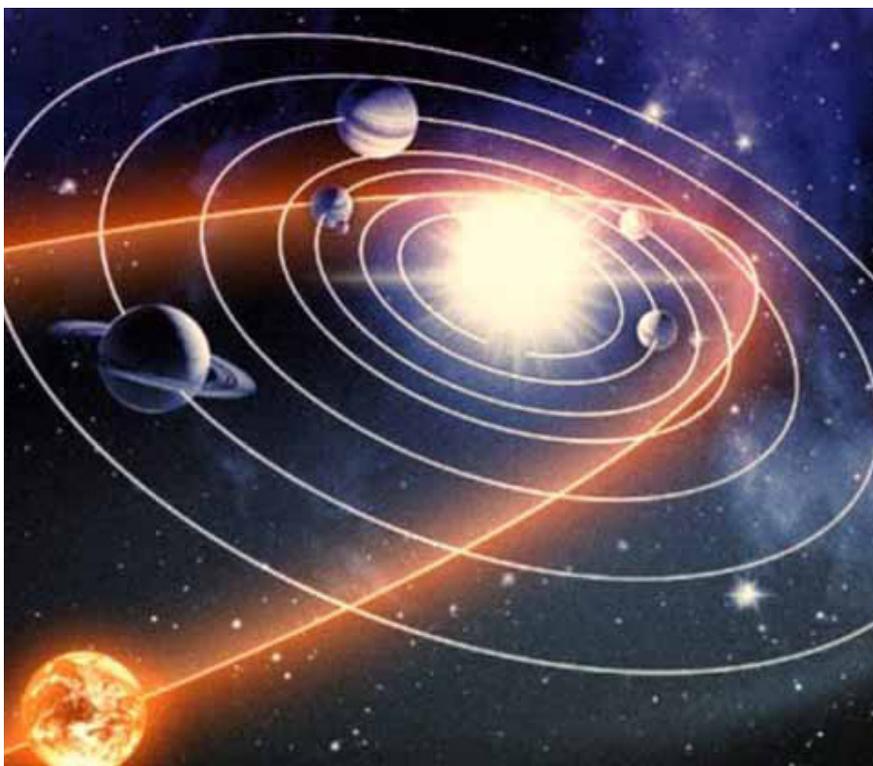
Essa passagem tem sido interpretada por alguns teóricos contemporâneos como uma profecia sobre os avanços tecnológicos, especialmente os relacionados aos sistemas de identificação digital, como os microchips implantáveis. A associação com o número 666, tradicionalmente ligado ao Anticristo ou à besta do Apocalipse, levou alguns a sugerir que esses chips poderiam ser a forma de controle econômico e social predita nas escrituras. Para esses intérpretes, a ideia de uma marca na mão ou na testa poderia ser uma metáfora para sistemas de identificação biométrica, ou para a implantação de dispositivos de identificação, como os chips RFID (Identificação por Radiofrequência), que já são utilizados em diversas aplicações.



*O rei negro dos jinni, Al-Malik al-Aswad, do Kitab al-Bulhan ("Livro das Maravilhas"), final do século XIV.*

A interpretação de que um robô humanoide com inteligência artificial possa ser associado ao Anticristo emerge da fusão entre as profecias apocalípticas e os avanços tecnológicos contemporâneos. Essa visão especulativa sugere que um ser artificialmente inteligente, capaz de autoconsciência e com capacidades extraordinárias, poderia encarnar características atribuídas ao Anticristo nas escrituras sagradas. Segundo essa interpretação, o Anticristo é descrito como um líder enganador que seduzirá a humanidade com promessas de paz e prosperidade, mas cujas intenções são malignas e visam à dominação global. Um robô humanoide com inteligência artificial, possivelmente dotado de habilidades de persuasão e controle sobre sistemas tecnológicos avançados, poderia personificar essa figura apocalíptica ao exercer influência sobre políticas, economias e até mesmo aspectos da vida cotidiana das pessoas. Essa interpretação reflete não apenas preocupações com os limites éticos e morais da inteligência artificial, mas também uma reflexão sobre como a tecnologia poderia ser utilizada para manipular e subjugar a humanidade, conforme as visões apocalípticas tradicionais.

Além disso, o conceito de uma autoridade global, como a figura do Anticristo, tem sido relacionado à possibilidade de um governo mundial facilitado por redes de comunicação global, que permitem uma governança mais centralizada e potencialmente invasiva. A tecnologia também é vista como um vetor para conflitos e catástrofes, alinhando-se com as descrições de guerras nucleares e outras calamidades mencionadas no Apocalipse. Enquanto algumas interpretações veem esses paralelos como prenúncios proféticos, outras as consideram reflexões sobre os



*Nibiru, o suposto planeta dos Anunnaki que pode trazer um verdadeiro apocalipse para a Terra.*

perigos éticos e sociais inerentes ao avanço tecnológico desenfreado. Essas comparações entre textos antigos e tecnologias contemporâneas refletem uma preocupação contínua sobre o futuro da humanidade e o papel das inovações no destino global, permeando debates tanto teológicos quanto científicos.

### **EXTRATERRESTRES NO ISLÃ?**

O Alcorão, texto sagrado do Islã, menciona diversos seres celestiais que desempenham papéis importantes na cosmologia islâmica. Entre eles estão os anjos, Jinn e os “companheiros do céu”. Os anjos são criaturas de luz que servem como mensageiros divinos, cumprindo as ordens de Allah sem possuírem livre arbítrio. Eles são frequentemente enviados aos profetas com mensagens revelatórias e desempenham papéis específicos na administração do universo conforme a vontade de Deus. Os Jinn, por outro lado, são seres feitos de fumo ou fogo, dotados

de livre arbítrio semelhante aos humanos. Eles habitam um plano de existência paralelo ao dos humanos e podem interferir na vida terrena de várias maneiras, podendo ser tanto benevolentes quanto malignos. A tradição islâmica descreve que os Jinn foram criados por Allah para adorá-Lo e obedecê-Lo, assim como os humanos.

Além dos anjos e Jinn, o Alcorão faz referência aos “companheiros do céu” (Ahl Al-Sama’ em árabe), que são seres celestiais que também servem a Allah de maneira semelhante aos anjos. Suas naturezas e propósitos específicos não são detalhados extensivamente no Alcorão, deixando espaço para interpretação e especulação dentro das tradições islâmicas.

Para os muçulmanos, a crença na existência desses seres celestiais é central e complementa sua compreensão do mundo espiritual e da ordem divina. Eles são vistos como criaturas criadas



*Esta representação contemporânea de um Anunnaki revela que as imagens podem ter diversas interpretações.*

por Allah para cumprir Seus desígnios e desempenhar funções específicas dentro do universo. Essa crença contribui para a visão islâmica do cosmos como um lugar ordenado e governado pela vontade divina, onde seres celestiais desempenham papéis significativos na execução dos planos de Allah.

Segundo alguns teóricos, os anjos, Jinn e os “companheiros do céu” mencionados no Alcorão e em outras tradições religiosas podem ser interpretados como seres extraterrestres avançados. Esta interpretação sugere que as descrições desses seres como mensageiros divinos ou habitantes de planos celestiais poderiam ser entendidas como encontros com formas de vida ou tecnologias além da compreensão humana na época em que foram des-

critas. Teóricos especulam que relatos de interações com esses seres poderiam ser registros de encontros com civilizações extraterrestres que possuem tecnologias avançadas e habilidades que pareceriam mágicas ou divinas aos antigos.

#### **ANUNNAKI**

A mitologia suméria, praticada pelos antigos sumérios na Mesopotâmia, não possui uma narrativa detalhada sobre um “apocalipse” comparável às tradições abraâmicas posteriores. No entanto, certos eventos e mitos sumérios podem ser associados a conceitos semelhantes. Um exemplo é a história do Dilúvio na epopeia de Gilgamesh, onde o herói Utnapishtim constrói um grande barco seguindo instruções divinas para salvar sua família e animais de uma inun-

dação catastrófica que destruiria a humanidade. Após o Dilúvio, Utnapishtim e sua família ganharam imortalidade. Além disso, a mitologia suméria aborda o conceito de destruição em eventos como as “Cidades Devorantes”, onde Sodoma e Gomorra são destruídas por forças cósmicas devido à sua corrupção. Os textos cuneiformes desenterrados, como a Epopeia de Gilgamesh e o Mito da Criação suméria, oferecem narrativas ricas em religião e mitologia sumérias, explorando temas de criação, destruição e imortalidade, mas não discutem explicitamente um “apocalipse” como entendido em tradições posteriores.

Além disso, a mitologia suméria também contém histórias sobre eventos chamados de “Cidades Devoradoras”, onde cidades

inteiras e suas populações foram destruídas por forças cósmicas devido à corrupção e depravação, apresentando semelhanças com a ideia de um julgamento divino.

O debate sobre o fim do mundo associado a Nibiru, o suposto 12º Planeta, tem gerado intensas discussões recentemente. Apesar das discordâncias quanto à linha do tempo proposta pelo autor Zecharia Sitchin, muitos creem que Nibiru está se aproximando rapidamente. Especulou-se sobre uma data precisa, como no dia 23 de setembro de 2017, como possível momento de sua chegada, mas nada aconteceu. Prevê-se que a atração gravitacional de Nibiru poderia causar danos sérios à Terra, desde uma inundação catastrófica até um impacto comparável ao que extinguiu os dinossauros. Apesar dessas especulações, não há evidências científicas sólidas que confirmem a existência de Nibiru ou sua iminente interação com a Terra, segundo os acadêmicos.

Na mitologia suméria, os Anunnaki são deuses considerados responsáveis pela criação do homem. Segundo os estudos de Zecharia Sitchin, os Anunnaki eram uma raça de divindades que habitava o planeta Nibiru e visitou a Terra no passado distante. De acordo com os relatos da mitologia, como o épico Atrahasis, os Anunnaki criaram a humanidade como uma espécie de trabalho escravo para ajudá-los em suas tarefas, como a construção de cidades e a realização de trabalhos agrícolas. Acredita-se que os seres humanos foram criados a partir da combinação do material genético dos Anunnaki com o de outros seres primitivos.

Segundo as antigas narrativas sumérias, os Anunnaki vieram à Terra para estabelecer uma presença e exercer influência sobre os seres humanos. Eles foram

descritos como seres divinos de grande conhecimento e poder, que desceram do céu para interagir com a humanidade. Os Anunnaki tinham diferentes propósitos para sua vinda, como supervisionar os assuntos humanos, ensinar habilidades e conhecimentos avançados, e para buscar recursos naturais que eram valiosos para eles. Acredita-se que eles tenham desempenhado um papel significativo na evolução e desenvolvimento da civilização humana.

Os Anunnaki, segundo algumas teorias, sugere que eles buscavam recursos naturais valiosos, como ouro e outros minerais, que poderiam ser utilizados em suas próprias necessidades ou tecnologias avançadas. Outra teoria discutida é que os Anunnaki utilizaram os humanos como mão de obra para realizar trabalhos físicos e servir em suas construções e atividades, agindo como uma espécie de força de trabalho. Além disso, há uma teoria controversa que propõe que os Anunnaki realizaram experimentos genéticos nos humanos, manipulando sua composição genética para criar uma raça híbrida que servisse aos seus propósitos. Essas teorias refletem interpretações variadas sobre as possíveis motivações dos Anunnaki em sua interação com os seres humanos na antiga Mesopotâmia.

## CONCLUSÃO

Na minha opinião, algumas dessas tecnologias descritas nos textos religiosos e tradições antigas (ou mesmo em alguns artefatos e estruturas encontrados em todo o mundo) podem ter origem extraterrestre, possivelmente como o resultado de visitas ou interação com seres de outros planetas ou sistemas solares. De acordo com essa perspectiva, as tecnologias avançadas podem ter sido usadas pelos antigos seres

humanos em seu desenvolvimento e evolução, ou adotadas como presente de seres extraterrestres.

Por que muitas pessoas ignoram a verdade e tentam esconder a verdade do grande público? Isso será ego, medo de alguns deles? Ou a mistura de ambos?

Alguns possíveis motivos podem incluir:

1. EGO: Algumas pessoas podem ser motivadas pelo desejo de manter sua reputação, status ou poder, levando-as a ignorar ou distorcer a verdade para evitar uma perda de prestígio ou reconhecimento.

2. MEDO: O medo pode ser um motivo significativo para que algumas pessoas procurem esconder a verdade. Elas podem recear punição, retaliação ou consequências negativas caso a verdade seja revelada.

3. INTERESSES PESSOAIS OU ECONÔMICOS: Em alguns casos, indivíduos podem ter interesses financeiros ou pessoais beneficiados pela manutenção da desinformação, ou ocultação da verdade.

4. IDEOLOGIAS OU CRENÇAS PREEXISTENTES: Algumas pessoas podem resistir à verdade ou ignorar evidências contrárias às suas crenças, ou ideologias já estabelecidas. Elas podem temer que a aceitação da verdade possa desafiar sua identidade ou valores preexistentes.

5. FALTA DE INFORMAÇÃO OU CONHECIMENTO: Em certos casos, a ignorância ou a falta de acesso a informações precisas pode levar pessoas a erroneamente acreditar em falsidades, ou evitar o confronto com a verdade.

## ARTICULISTAS DESTA EDIÇÃO



### MARA BRUNO SPERLE

Professora aposentada, formada em História pela UFRJ. É pesquisadora da verdadeira história da humanidade.



### CLÁUDIO SUENAGA

Escritor com diversos livros publicados é jornalista e mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira tese de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Colaborador e consultor de diversos jornais e revistas especializadas no Brasil e no exterior.



### RICARDO MARCEL

Fundador e CEO do Grupo Orion Laboratories & Studios - ITAO, uma empresa de alta tecnologia. Poliglota, professor internacional e cientista pesquisador, focado em várias áreas de alta tecnologia e com experiência na Europa.

### EDITOR

André de Pierre

### REDATOR

André de Pierre

### PRODUÇÃO DE ARTE

André de Pierre

### AGRADECIMENTO ESPECIAL

Maria Anyele

Marcelo Souza

Mônica Tosta

Magali Barcellos

Daniela De Pierre

Janete Conceição

Silvana Thomaz

Maria Pessotti

Melissa Silveira

Silvia Pinto Cesar

Sonia Idalgo

Consuelo Rodrigues

Neusa Gonçalves

Lilian Dzura

Maycon Cardoso

Maria Miranda

